

UFMG

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Projeto de Estrutura Formativa

Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Integrado ao Bacharelado em Antropologia e ao Bacharelado em Arqueologia

Comissão Responsável

Profª Drª Mariana Petry Cabral

Prof Dr Andrei Isnardis Horta

Prof Dr Rogério Duarte do Pateo

Prof Dr Leandro de Oliveira

Prof Dr Aderval Costa Filho

Belo Horizonte, abril de 2023.

Documento aprovado pela Câmara de
Graduação em reunião extraordinária
de 13/06/2023.

Pró-Reitor de Graduação

Sumário

1.	Introdução.....	2
2.	Fundamentos conceituais.....	3
2.1.	Apresentação da área abrangida	3
2.2.	Histórico e contextualização da área na UFMG	5
2.3.	Exposição das condições de oferta	9
2.4.	Definição do perfil e dos objetivos da estrutura formativa.....	12
3.	Estrutura Curricular	13
3.1.	Carga horária.....	13
3.2.	Sequenciamento das atividades acadêmicas curriculares	14
3.3.	Conjunto de pré-requisitos das atividades acadêmicas curriculares	16
4.	Regulamento e gestão	17
5.	Descrição dos recursos necessários para o funcionamento	18
6.	Referencial utilizado	19
7.	Anexos	19

1. Introdução

Em 2020, o Curso de Bacharelado em Antropologia da UFMG completou 10 anos de funcionamento, o que gerou um acúmulo importante de experiências e de reflexões sobre adequações e alterações de funcionamento, além de uma compreensão de que o modelo de formação conjunta entre as áreas de Antropologia e Arqueologia é muito positivo para o contexto brasileiro. Estas reflexões já vinham movimentando, há alguns anos, tanto o corpo docente quanto o corpo discente rumo a um processo de re-estruturação. O presente **Projeto de Estrutura Formativa – Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** é resultado destas reflexões, expressando a escolha da UFMG em fortalecer e ampliar a formação de graduação em Antropologia e Arqueologia, através de uma estrutura formativa de tronco comum para compor os percursos curriculares de dois cursos: **Bacharelado em Antropologia** e **Bacharelado em Arqueologia**.

A estrutura formativa de tronco comum é um dos elementos constituintes do ensino de graduação na UFMG, que foi estabelecida a partir da Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018, de 20 de Fevereiro de 2018 (também conhecida como Normas Gerais de Graduação) e teve suas diretrizes estabelecidas pela Resolução CEPE 06/2022. Estruturas formativas se caracterizam como “conjuntos articulados de atividades acadêmicas curriculares comuns a vários cursos, que visam à formação de competências e habilidades” (Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018, Artigo 3º). A Resolução Complementar ainda explicita que as estruturas formativas do tipo tronco comum são: “estruturas articuladas em torno de eixos temáticos comuns a cursos de determinado campo do conhecimento, que objetivam propiciar ambientes compartilhados de formação de estudantes, provendo atividades acadêmicas curriculares que sejam comuns ou que prevejam atuação conjunta” (Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018, Artigo 5º).

As estruturas formativas de tronco comum, como evidenciado na Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018, são parte integrante dos cursos aos quais estão vinculadas, compondo seus projetos pedagógicos. De modo a explicitar seu funcionamento, no entanto, faz-se necessário o presente projeto, que servirá como referência de sua estrutura, apresentando seus elementos centrais. Seguindo, desse modo, as diretrizes estabelecidas na Resolução CEPE 06/2022, apresentamos aqui os Fundamentos Conceituais do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, sua

Estrutura Curricular, seu Regulamento e Modos de Gestão, e ainda uma descrição dos recursos necessários para seu funcionamento.

2. Fundamentos conceituais

2.1. Apresentação da área abrangida

A Antropologia e a Arqueologia são disciplinas que se constituíram cientificamente na virada do século XIX para o XX e que, ao longo do último século, se desenvolveram nos principais centros de excelência acadêmica mundiais, sendo oferecidas formações graduadas e pós-graduadas nestas áreas em boa parte dos países do mundo.

No Brasil, a Antropologia é uma área que se encontra consolidada em termos de formação pós-graduada, e em processo de consolidação na formação graduada, além de se encontrar presente em muitos cursos de graduação do país, notadamente nos de Ciências Sociais. Existem dois modelos básicos de institucionalização da área – o americano, que privilegia as interfaces da Antropologia com a Arqueologia, a Linguística e a Antropologia Física/Biológica (e nomeia o conjunto simplesmente de “Antropologia”, ou então de “quatro campos” – *four fields*), e o francês, que privilegia as interfaces da antropologia com a sociologia e a ciência política (e nomeia o conjunto de “Ciências Sociais”). A implantação da área no país se manteve, de modo geral, mais próxima do segundo modelo do que do primeiro, com a formação básica em Antropologia integrando os cursos de graduação em Ciências Sociais.

Nesse quadro, a Arqueologia no Brasil experimentou uma inserção diversa. As(os) pesquisadoras(es) e professoras(es) da área, em alguns casos tiveram inserção institucional junto à História, como na UFRGS, na PUCRS, na UFPE, na UERJ, por exemplo. Outras(os) profissionais se inseriram na Antropologia (em departamentos assim nomeados ou que congregavam sociólogos(os) e antropólogos(os)), atuando nos cursos de Ciências Sociais, como no caso da UFMG e da UFPA. Seu teor fortemente interdisciplinar, contudo, sempre fez com que pesquisadoras(es) e professoras(es) de Arqueologia no Brasil proviessem também de áreas distintas, além das fronteiras das Ciências Humanas, notadamente da Geografia, das Ciências Biológicas e da Geologia.

Assim, antes do advento dos cursos de graduação em Arqueologia, era possível para as(os) estudantes, em diferentes instituições, se aproximarem do campo por meio de

grupos de pesquisa vinculados ao ensino de graduação e pós-graduação em Antropologia (como na UFMG), à História (como na UFRGS e na PUCRS), à Biologia (como na USP) e às Geociências (como na PUCGO). Algumas instituições de pesquisa e ensino, contudo, desde os anos 1990, já delimitaram campos específicos de formação para a Arqueologia, ao menos no nível de pós-graduação (como a USP e a PUCGO), mas eram fortemente minoritárias. Até os anos 1990 apenas um curso de bacharelado em Arqueologia esteve ativo no Brasil, nas Faculdades Estácio de Sá (Rio de Janeiro), já descontinuado.

Um aspecto de fundamental relevância para pensar a formação conjunta das duas áreas concerne o fato de que o Brasil, pelas suas características históricas e culturais, possui um considerável potencial para o desenvolvimento de estudos arqueológicos e antropológicos. Essa riqueza, reconhecida há longa data, vem sendo explorada com sucesso pela Antropologia e pela Arqueologia que têm sido feitas no país, apesar das dificuldades de financiamento e de suporte institucional, gerando uma arqueologia e uma antropologia originais no cenário global e criativas.

Nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, o aumento da preocupação com a preservação do ambiente (e de uma consequente legislação de proteção) e do patrimônio cultural, material ou imaterial (com sua consequente legislação de apoio), a crescente relevância dos movimentos étnicos e culturais mais diversos (como os que reivindicam territórios indígenas, quilombolas e de outras comunidades tradicionais; os atingidos por barragens, sem-terra e sem-teto; os que reivindicam políticas afirmativas para pessoas negras, indígenas e de condição econômica desprivilegiada; a reivindicação de políticas de combate à homofobia aliada à sua criminalização, assim como do racismo, da violência sexual e da violência doméstica; e a descriminalização do aborto e do uso de drogas) e o debate público em torno de controversos e efervescentes temas culturais (como os que envolvem garantia de desenvolvimento econômico, político e social e preservação dos patrimônios culturais e ambientais; controvérsias sobre a assim chamada “ideologia de gênero”; liberdade de crença religiosa e livre exercício da ciência; oportunidades iguais para todos e respeito às diferenças) têm feito crescer consideravelmente a demanda e a relevância social e política da formação profissional nestas áreas. É neste sentido que a opção pelo Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia torna-se especialmente relevante, pois contribui para o fortalecimento do diálogo entre as áreas.

2.2. Histórico e contextualização da área na UFMG

O ensino graduado da Antropologia no Brasil, que até a década de 1950 era ofertado, fundamentalmente, nos cursos de Geografia e História, com a reforma universitária instaurada na década de 1970 e a criação dos cursos de graduação em Ciências Sociais passou a ser garantido, juntamente com os ensinamentos de Ciência Política e Sociologia, como uma das três disciplinas básicas que compõem o tripé da formação graduada da carreira profissional do cientista social. Este modelo tem, em linhas gerais, sido bem sucedido no país, sobretudo naquelas universidades que, como a nossa, mantêm uma participação equânime da antropologia, da ciência política e da sociologia nos cursos de ciências sociais conjugada com um grau mais ou menos considerável de flexibilização curricular e de integração com os cursos de pós-graduação em cada uma das três áreas distintas. Entretanto, embora considerando que este modelo não devia ser abandonado ou relegado a segundo plano, a proposição de uma graduação em Antropologia na UFMG, ao final da primeira década deste século, acreditou ser necessário compensar minimamente o sacrifício das demais áreas de interface da Antropologia preconizadas pelo outro modelo, propondo a criação de um Curso de Graduação em Antropologia que integrasse, de forma efetiva e intensa, a Arqueologia em seu percurso formativo, ou mais, com uma proposta que contemplava um percurso formativo prioritário no campo da Arqueologia.

No momento da proposição inicial da Graduação em Antropologia na UFMG, há mais de 10 anos, já eram muitos os sinais que atestavam que a Antropologia e Arqueologia estavam crescendo no país (e no mundo). Entre eles contavam-se a multiplicação de cursos de pós-graduação, a crescente presença destas áreas em cursos de graduação de Ciências Sociais e História, notadamente, bem como a existência de outros projetos recentes de criação no país de cursos de graduação próprios de Antropologia ou, sobretudo, de Arqueologia. Mas a ideia de um curso que habilitasse em Antropologia Social e em Arqueologia e que deliberadamente apostasse nesta interface, no Brasil, era original, tendo sido implementada, na graduação, apenas pela UFMG e pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

O curso da UFMG, neste momento, se destaca também caso consideremos a situação da Arqueologia no país. O ensino graduado em Arqueologia ainda é oferecido por um número reduzido de instituições. Nestes casos, o modelo adotado é mais francês que americano, com a Arqueologia estando mais próxima da história do que das

disciplinas das ciências sociais. Entretanto, em vários outros países das Américas (por exemplo, na Argentina, no México, nos Estados Unidos ou no Canadá) ou mesmo em um ou outro país europeu (como a Inglaterra), a Antropologia e a Arqueologia são tratadas numa perspectiva conjunta, sendo ofertadas articuladamente em cursos de graduação, o que ampara a proposta de criação de um Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia como etapa formativa inicial dos Bacharelados em Antropologia e em Arqueologia.

A precária formação graduada em Arqueologia que era oferecida no país até a primeira década do século XXI contrastava com um significativo crescimento do campo de trabalho que, de início puramente acadêmico, passou a ser ocupado majoritariamente pela iniciativa privada, por meio da assim chamada “arqueologia de contrato” (arqueologia vinculada a processos de licenciamento ambiental), cujo objetivo muitas vezes se reduzia a avaliar os impactos ambientais dos grandes projetos (represas, estradas, linhas de energia, gasodutos) sobre determinados sítios arqueológicos para, em seguida, liberar o terreno para as obras. Se a arqueologia de contrato se impunha como um meio de se evitar a perda definitiva de parte significativa de nosso patrimônio cultural e arqueológico, era entretanto extremamente preocupante que tais atividades viessem sendo desenvolvidas por um número crescente de profissionais sem a devida e necessária qualificação científica, técnica e ética. Ou, mais ainda, que fosse na prática empiricista e imediatista, que caracterizava boa parte dos projetos de “arqueologia de contrato”, que uma parcela significativa de estudantes de graduação ou de recém graduados de áreas afins estivesse se profissionalizando como “arqueólogos”.

Seguindo essa forte expansão do campo da Arqueologia na virada do século XX ao XXI, especialmente a forte demanda de profissionais para atuação em projetos de licenciamento ambiental, começaram a surgir e a se multiplicar os cursos de graduação voltados para a formação específica em Arqueologia. Em resposta à demanda de profissionais e, em alguns casos, seriamente preocupadas com a qualidade de sua formação, diversas instituições tomaram iniciativas de constituir cursos de graduação. O cenário do programa de expansão das universidades federais, o REUNI, estimulou fortemente as propostas de novos cursos e viabilizou a vinculação de muitas(os) novas(os) docentes pesquisadoras(es) às instituições federais de ensino. Nesse movimento, foram criados cursos de bacharelado com formação em Arqueologia nas universidades federais do Vale do São Francisco (UNIVASF), do Piauí (UFPI), de Sergipe (UFS), de Pernambuco (UFPE), de Rondônia (UNIR), de Rio Grande (FURG), de Pelotas (UFPEL),

do Oeste do Pará (UFOPA) e da UFMG, além de alguns cursos em instituições privadas, como o da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Os novos cursos dividiam-se, basicamente, em dois modelos: o primeiro sendo de bacharelados exclusivos de Arqueologia e o segundo, de bacharelados de Antropologia com percurso formativo em Arqueologia. A UFMG optou pelo segundo modelo, oferecendo um bacharelado em Antropologia, com duas habilitações: Arqueologia e Antropologia Social.

A UFMG já abrigava naquele momento condições muito favoráveis para a implantação de um Curso de Antropologia, com habilitações em Antropologia Social e em Arqueologia, capaz de contribuir de modo significativo para alterar a baixa disponibilidade de percursos formativos sólidos nos campos da Arqueologia e da Antropologia no nível de graduação. Isto porque o ensino e a pesquisa em Antropologia e em Arqueologia, que se fazem há muito tempo na UFMG, haviam firmado tradição em ambas as áreas, atuando há décadas no âmbito da graduação e, de maneira mais firme e articulada nos últimos anos, especialmente a partir da primeira década do século XXI, na pós-graduação, com a criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAN).

Nesse contexto, foi ofertado o Curso de Graduação em Antropologia na modalidade de Bacharelado, com duas habilitações: Antropologia Social e Arqueologia. O formato proposto pela UFMG era inovador naquele momento, na medida em que propunha uma formação em Antropologia em sentido amplo, com a possibilidade de aprofundamento em dois de seus campos: a Arqueologia e a Antropologia Social. A formação comum e o trânsito entre os dois campos se estabelecia por meio de um conjunto de disciplinas obrigatórias comuns a ambas as habilitações e também na medida em que as(os) discentes deveriam dedicar parte de sua carga horária a disciplinas do campo de habilitação oposto ao escolhido.

Criado no âmbito do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o curso resultou de uma proposta elaborada pela área de Antropologia dentro do então Departamento de Sociologia e Antropologia, que era composta por antropólogos e arqueólogos com reputação consolidada no Brasil e no exterior. A criação de um curso de dupla habilitação na Graduação tinha relação direta com o projeto da pós-graduação. As(os) discentes em formação teriam a oferta de uma pós-graduação plena nas duas áreas. No momento da proposição da graduação, o

programa de pós-graduação limitava-se ao curso de mestrado, passando a oferecer também o doutorado, no mesmo modelo de integração dos dois campos a partir de 2014.

O curso de graduação contemplava um anseio da área de Antropologia, que desde o início de sua presença no curso de Ciências Sociais envolvia as duas disciplinas, Antropologia e Arqueologia. Nesse sentido, o conceito ampliado de “Antropologia” na UFMG (agregando a arqueologia e a antropologia) não é novo, mas tem uma história de interação e convivência produtiva entre as disciplinas de Antropologia e de Arqueologia há muitos anos.

Criado em 2009, o curso atual de Bacharelado em Antropologia (com duas habilitações) teve sua primeira turma ingressando em 2010. Exitoso em termos acadêmicos, o modelo que combinava Antropologia e Arqueologia na formação das(os) discentes possibilitou, em que pesem as dificuldades que serão expostas a seguir, uma formação de arqueólogas(os) e de antropólogas(os) com uma qualificação não apenas na sua área, mas também na área vizinha, o que lhes deu mais consistência teórica e um melhor entendimento de seu papel social, bem como lhes permitiu uma percepção mais ampla do campo das Humanidades.

O curso deparou-se, no decorrer de sua vivência por docentes e discentes, com certas dificuldades e, mais tarde, com uma barreira de natureza jurídica que, amplamente discutidas dentro da comunidade de discentes, docentes e egressas(os), nos conduziram à proposta de reformulação, que gerou a presente proposta de criação de dois Bacharelados integrados por um Tronco Comum.

Embora a qualidade da formação da UFMG possa ser atestada pelo desempenhos de suas(seus) egressas(os) em diversos programas de pós-graduação do país, pela intensidade de sua inserção profissional e pela produção científica que vêm gerando, tal formação se depara, no presente cenário, com uma limitação muito concreta. A Lei Federal nº 13.653, de 18 de abril de 2018, que “regulamenta o exercício da profissão de arqueólogo”, estabelece que, no nível da graduação, a formação para reconhecimento profissional como arqueóloga(o) é, conforme seu Artigo 2º, inciso I, o bacharelado em Arqueologia. Portanto, o formato da graduação da UFMG, estando a Arqueologia na condição de habilitação, dentro do bacharelado em Antropologia, não é reconhecido pela lei como percurso suficiente para o exercício da profissão de arqueóloga(o). A reformulação que hoje se propõe, definindo-se um Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, seguido de dois bacharelados específicos, um em Arqueologia, outro em

Antropologia, supera essa barreira legal e assegura às(os) discentes egressas(os) da UFMG o direito ao pleno exercício profissional, fortalecendo a formação específica nas duas áreas.

Além da dificuldade legal, a experiência dos anos de curso e nosso esforço para construir sua continuada avaliação nos levaram a consolidar a percepção de certas limitações no percurso formativo anterior. Uma questão que logo se tornou evidente foi a precocidade da opção entre as duas habilitações, que se fazia durante a conclusão do segundo semestre do curso, quando o contato das(os) alunas(os) com ambos os campos era ainda muito inicial. No modelo implementado em 2010, ficavam de fora da formação comum prévia à escolha da habilitação elementos muito relevantes para a consolidação de uma base de referência comum às duas áreas, como as disciplinas de método e parte significativa dos referenciais teóricos.

A constituição de um Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, de quatro semestres, como fase inicial do percurso do Bacharelado em Antropologia e do Bacharelado em Arqueologia, visa ampliar o percurso de formação comum, dando-lhe mais corpo e solidez. Para ingressar no percurso formativo específico dos bacharelados, a(o) discente terá cursado um caminho de base antropológica e arqueológica sólidas, que incrementará suas possibilidades teóricas e lhe manterá aberta(o) à interlocução com a outra área.

2.3. Exposição das condições de oferta

Para elaboração desta proposta de criação da estrutura formativa de Tronco Comum para compor os Bacharelados em Antropologia e em Arqueologia, estiveram envolvidos diretamente docentes que compõem o Núcleo Docente Estruturante do Colegiado de Graduação em Antropologia, iniciando as discussões efetivamente no segundo semestre de 2018. Ao longo deste período, este grupo também realizou reuniões coletivas com o corpo docente do Departamento de Antropologia e Arqueologia e uma reunião coletiva com docentes e discentes para apresentação final da proposta, além de estabelecer contatos com os demais departamentos que participam na oferta de disciplinas. Neste sentido, esta proposta é uma construção coletiva que demonstra a vontade docente e discente em implantar esta estrutura formativa de tronco comum.

As diretrizes que guiaram a elaboração da proposta partiram tanto de reflexões internas dos corpos docente e discente, registradas ao longo dos anos de funcionamento

do Curso de Bacharelado em Antropologia (primeira turma teve ingresso em 2010), quanto de situações externas, como as alterações normativas já mencionadas. Estas diretrizes, no que tange a proposta do Tronco Comum, podem ser sumarizadas da seguinte forma: 1) Garantir a manutenção da formação específica nas áreas de Antropologia e de Arqueologia no nível de graduação na UFMG, oferecendo o grau de Bacharel em cada área; 2) Manter a formação conjunta entre as áreas de Antropologia e Arqueologia, reforçando a importância dos conhecimentos de cada uma na atuação profissional da outra área; 3) Manter o ingresso de estudantes para as duas áreas de modo conjunto, a fim de que a escolha por cada área ocorra após um conhecimento mais denso sobre cada uma (por isso a escolha pela estrutura formativa de Tronco Comum); 4) Ampliar o período de formação conjunta das duas áreas em relação ao que é oferecido hoje na Graduação em Antropologia, equilibrando quantitativa e qualitativamente as disciplinas de cada área; e 5) Adiar a oferta da disciplina de Elaboração de Projeto de Pesquisa, permitindo ao corpo discente uma formação mais sólida antes da escolha por seus temas de pesquisa monográfica.

O novo formato prevê, portanto, o ingresso em um Tronco Comum, no qual as(os) estudantes cursam, durante dois anos, disciplinas das duas áreas e concluem esse período de formação básica sem receber uma titulação. Após a conclusão do Tronco Comum, optam então por percursos autônomos em suas áreas de interesse para a formação especializada, concluindo assim essa segunda etapa com diplomas de Bacharelado em Arqueologia ou Bacharelado em Antropologia. Os detalhes do novo formato serão descritos abaixo, mas é importante notar ainda que mesmo durante os percursos formativos de cada Bacharelado será possível às(aos) estudantes cursar disciplinas optativas do outro curso.

O corpo docente do **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** está constituído pelas(os) docentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG e pela colaboração dos departamentos de Filosofia e de Sociologia, ambos ligados à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, e do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, vinculado à Faculdade de Educação (FAE).

O corpo docente é formado integralmente por servidores efetivos da UFMG, com título de Doutorado, Regime de Trabalho: Integral e Vínculo empregatício: Estatuário.

Segue a lista atualizada do Corpo Docente:

Docentes do Departamento de Antropologia e Arqueologia:

1. Aderval Costa Filho
2. Ana Beatriz Vianna Mendes
3. Ana Flávia Moreira Santos
4. Andréa Luiza Zhouri Laschefski
5. Andrei Isnardis Horta
6. Andrés Zarankin
7. Carlos Magno Guimarães
8. Daniela Magalhaes Klökler
9. Eduardo Viana Vargas
10. Érica Renata de Souza
11. José Roberto Pellini
12. Karenina Vieira Andrade
13. Leandro de Oliveira
14. Lilian Panachuk de Sá
15. Luis Cláudio Pereira Symanski
16. Magda dos Santos Ribeiro
17. Maria Jacqueline Rodet
18. Mariana Petry Cabral
19. Rogério Brittes Wanderley Pires
20. Rogério Duarte do Pateo
21. Ruben Caixeta de Queiroz
22. Rubens Alves da Silva
23. Sabrina Deise Finamori
24. Tiago Pedro Ferreira Tomé

Docentes de outros Departamentos:

1. Alice Mara Serra – Dep. de Filosofia, FAFICH
2. Carlos Augusto Novais – Dep. de Métodos e Técnicas de Ensino, FAE
3. Eduardo Soares Neves Silva – Dep. de Filosofia, FAFICH
4. Gilcinei Teodoro Carvalho – Dep. de Métodos e Técnicas de Ensino, FAE
5. Juri Castelfranchi – Dep. de Sociologia, FAFICH
6. Ludmila Mendonca Lopes Ribeiro – Dep. de Sociologia, FAFICH
7. Marden Barbosa de Campos – Dep. de Sociologia, FAFICH

No que tange a estrutura física, o Tronco Comum será sediado pela FAFICH, dispondo de salas de aulas, gabinetes docentes, auditórios e biblioteca adequados. Além disso, a estrutura administrativa será compartilhada com os Bacharelados em Antropologia e em Arqueologia, já dispondo de uma sala de secretaria e um servidor TAE. Deste modo, as condições de oferta estão plenamente atendidas.

2.4. Definição do perfil e dos objetivos da estrutura formativa

O **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** é uma estrutura formativa articulada em torno de um eixo temático comum aos cursos de **Bacharelado em Antropologia** e de **Bacharelado em Arqueologia**, e tem como foco propiciar ambientes compartilhados de formação de estudantes, provendo atividades acadêmicas curriculares que são comuns aos dois Bacharelados. A conclusão do Tronco Comum não gera obtenção de qualquer título, grau ou diploma, sendo apenas parte constitutiva inicial e básica dos dois cursos de Bacharelado. As três estruturas (Tronco Comum e os dois Bacharelados) têm formato pedagógico presencial.

O **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** oferecerá uma base compartilhada de formação simultânea e combinada em Antropologia e em Arqueologia, com disciplinas estruturadas de modo a cobrir o leque das tendências teóricas nos dois campos, a apresentar suas amplas e diversas possibilidades e a municiar a(o) discente com o repertório teórico-metodológico básico em ambos os campos. Ressalta-se ainda que o **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** preza, na sua estrutura curricular, em oferecer uma formação que valoriza as diversidades internas a cada campo, o dinamismo dos conhecimentos disponíveis hoje e a própria diversidade envolvida com a prática profissional das respectivas carreiras.

O objetivo do **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** é oferecer uma base inicial consistente, teórica e metodologicamente, nas duas áreas a fim de permitir a consolidação de suas formações posteriores através das escolhas de bacharelados específicos. A formação de Tronco Comum também almeja formar alunas(os) com base teórica e metodológica sólida, que habilite posteriormente uma atuação profissional de forma socialmente comprometida e tecnicamente qualificada, bem como sua ação como multiplicadoras(es) na sociedade brasileira dos conhecimentos científicos construídos no campo da Antropologia e da Arqueologia, com destaque para aqueles com capacidade de

transformar a sociedade no sentido de desenvolver o respeito e valorização de sua riqueza e diversidade cultural.

3. Estrutura Curricular

O **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** e seus dois bacharelados subsequentes se fundamentam no princípio de que o protagonista no processo educacional universitário é a(o) discente. Partindo dessa ideia, os cursos se organizam de modo a permitir à(ao) estudante traçar o percurso que lhe pareça o melhor para o desenvolvimento de seus interesses e habilidades, cabendo à coordenação do curso e às(os) professoras(es) orientadoras(es) a apresentação das possibilidades e a orientação e avaliação das escolhas, de forma contributiva à boa formação da(o) discente.

O modo como o currículo do **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** foi elaborado permite ainda alguma flexibilidade de escolhas, através da existência de atividades acadêmicas curriculares optativas. A propósito das atividades acadêmicas curriculares optativas, deve-se destacar que essas correspondem a um leque de possibilidades pré-estabelecidas, que pode, no entanto, ser ampliado por iniciativas originais de ofertas de disciplinas pelo corpo docente, em articulação com os interesses e demandas do corpo discente. Destaca-se que as atividades acadêmicas curriculares optativas correspondem a recortes temáticos ou teórico-metodológicos dos dois campos de conhecimento do curso e tendem a se articular, de modo dinâmico e flexível, aos interesses de pesquisa das(os) docentes, aos interesses das(os) discentes do curso e às temáticas e desafios contemporâneos nas duas áreas.

3.1. Carga horária

A estrutura formativa de **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** será compostapor um percurso curricular, conforme determina a Resolução CEPE 06/2022, tendo apenas Núcleo Específico. Conforme estabelece a referida Resolução, o Núcleo Específico é composto, predominantemente, por atividades acadêmicas curriculares obrigatórias, contemplando uma porcentagem menor de atividades optativas.

Assim, em acordo com o Artigo 26, da Resolução Complementar CEPE N° 01/2018, é importante ressaltar que os requisitos para integralização do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia têm o seguinte formato:

I - integralização de conjunto de atividades acadêmicas curriculares obrigatórias, totalizando 1020h; e

II - integralização de carga horária em conjunto de atividades acadêmicas curriculares optativas, totalizando 180h.

3.2. Sequenciamento das atividades acadêmicas curriculares

O **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** configura-se através de um currículo que visa oferecer uma formação básica, diversificada e sólida nos dois campos de conhecimento, além de oferecer atividades acadêmicas curriculares introdutórias a campos correlatos, como Sociologia, Filosofia e Linguística. Considerando que ele é um caminho formativo para o **Bacharelado em Antropologia** e o **Bacharelado em Arqueologia**, seu currículo foi estruturado visando fortalecer o diálogo entre as duas áreas ao mesmo tempo em que permite evidenciar suas particularidades.

O currículo é formado por atividades acadêmicas curriculares obrigatórias (1020h) e atividades acadêmicas optativas (180h). A integralização é prevista para ocorrer ao final do quarto período, perfazendo um total de 1200 horas-aula. O sequenciamento das atividades acadêmicas curriculares é o seguinte:

PERÍODO	TRONCO COMUM EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA: SEQUENCIAMENTO CURRICULAR				
1º	Antropologia I (60h)	Fundamentos de Arqueologia (60h)	Fundamentos de Análise Sociológica (60h)	Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais (60h)	Linguística Antropológica (60h)
2º	Antropologia II (60h)	Antropologia Brasileira (60h)	Estudos de Cultura Material (60h)	Antropologia Biológica (60h)	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano (60h)
3º	Antropologia III (60h)	Arqueologia Brasileira (60h)	Fundamentos de Pesquisa Etnográfica (60h)	Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica (60h)	Patrimônio Cultural (60h)
4º	Antropologia IV (60h)	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos (60h)	Optativas (180h)		
CARGA HORÁRIA TOTAL: 1200H					

Uma vez que o **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** é uma estrutura formativa vinculada aos cursos de **Bacharelado em Antropologia** e de **Bacharelado em Arqueologia**, não cabe neste projeto indicar percursos curriculares, os quais serão detalhados nos Projetos Pedagógicos dos respectivos Bacharelados, em acordo com o Artigo 41, da Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018.

Por fim, cabe aqui apresentar as atividades acadêmicas curriculares optativas:

Atividades acadêmicas optativas	Carga horária total
Antropologia das Elites	60
Antropologia das Emoções	60
Antropologia do Cristianismo	60
Antropologia do Estado	60
Antropologia do Gênero	60
Antropologia do Licenciamento Ambiental	60
Antropologia dos Conflitos	60
Antropologia Econômica	60
Antropologia em contextos de crise	60
Antropologia, História e Arqueologia: relações, diálogos, intersecções	60
Arqueologia da Paisagem	60
Arqueologia e Gênero	60
Arqueologia Egípcia	60
Arqueologia Urbana	60
Arqueologia, Ontologia e Relacionalidade	60
Arqueologia, Sentidos e Afetos	60
Arqueologias Indígenas e Colaborativas	60
Ecologia Política da Mineração	60
Estudos Afro-Americanos	60
Estudos Pós-Coloniais	60
Gênero, Ciência e Saúde	60
Geoarqueologia	60
Grafismos Rupestres	60
Grupos Humanos através de seus Objetos	60
Laboratório de Extensão	60
Laudos Antropológicos	60
Leituras Arqueológicas de Etnologia	60
Leituras de Tim Ingold, Pierre Bourdieu e Merleau-Ponty	60
Leituras Estruturalistas	60
Marxismo: Antropologia e Arqueologia	60
Memória e Oralidade	60
Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	60
Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia	60
Pensamento Decolonial	60
Religiões de Matriz Africana	60
Tópicos em Antropologia	60
Tópicos em Arqueologia	60
Tópicos em Extensão	60
Fundamentos de Libras	60

Atividade Acadêmica à Distância	60
Corpo Editorial	30
Estudo dirigido	15
Participação em eventos locais ou regionais	15
Participação em eventos nacionais ou internacionais	30
Organização de eventos locais ou regionais	15
Organização de eventos nacionais ou internacionais	30
Iniciação à Docência	60
Iniciação à Extensão	60
Iniciação à Pesquisa	60
Órgão Colegiado	30
Protagonismo Social	30
Publicação de artigo	60
Publicação de resenha	30
Publicação em anais	45
Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia	60
Estágio	60

3.3. Conjunto de pré-requisitos das atividades acadêmicas curriculares

As atividades acadêmicas curriculares obrigatórias, que formam a estrutura formativa **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** foram organizadas de modo a serem cursadas com um sequenciamento, como apresentado anteriormente, o qual se organiza a partir de pré-requisitos. Para as atividades acadêmicas curriculares optativas, não há pré-requisitos, como apresentado na tabela abaixo:

Período	Atividade Acadêmica Curricular	Pré-requisito
1	Fundamentos de Análise Sociológica	Sem pré-requisito
	Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais	Sem pré-requisito
	Linguística Antropológica	Sem pré-requisito
	Antropologia I	Sem pré-requisito
	Fundamentos de Arqueologia	Sem pré-requisito
2	Antropologia Brasileira	Sem pré-requisito
	Antropologia II	Antropologia I
	Antropologia Biológica	Sem pré-requisito
	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	Fundamentos de Arqueologia
	Estudos de Cultura Material	Fundamentos de Arqueologia
3	Antropologia III	Antropologia II
	Fundamentos de Pesquisa Etnográfica	Sem pré-requisito
	Patrimônio Cultural	Sem pré-requisito
	Arqueologia Brasileira	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano
	Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica	Fundamentos de Arqueologia
4	Antropologia IV	Antropologia III
	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	Estudos de Cultura Material
	Carga de Optativas	Sem pré-requisito

4. Regulamento e gestão

De acordo com as Normas Gerais da Graduação da UFMG, especificamente no seu Artigo 30, Parágrafo 2º, “Uma estrutura formativa de tronco comum pela qual ocorra o ingresso de estudantes deverá ser gerida academicamente por um Colegiado de Curso ou Colegiado Especial”. Considerando a forte ligação entre o Tronco Comum e os Bacharelados em Antropologia e em Arqueologia, foi realizada uma consulta à PROGRAD sobre a gestão dos cursos e da estrutura formativa. Através do Parecer da Câmara de Graduação 158/2020, aprovado em sessão ordinária no dia 17/09/2020, foi autorizada a gestão integrada dos cursos e da estrutura formativa através de um Colegiado Integrado dos dois Bacharelados.

Deste modo, a gestão do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, que é uma estrutura formativa pela qual há ingresso de estudantes, será realizada através do Colegiado Integrado de Antropologia e Arqueologia. Tal modelo contribuirá para o constante diálogo entre a estrutura formativa e os cursos (Tronco Comum e os dois Bacharelados), de modo a melhorar sua gestão conjunta.

O regulamento do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia foi elaborado a partir do modelo disponibilizado pela PROGRAD, no entanto, uma vez que o modelo foi criado para regulamentar cursos de graduação, foi necessário realizar ajustes e adequações à realidade de uma estrutura formativa. O objetivo, como se almeja de um Regulamento, é contribuir para explicitar o funcionamento e consolidar os instrumentos de gestão acadêmica e administrativa, em acordo com o Artigo 27, da Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018.

Neste sentido, o Regulamento do **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** foi elaborado a partir do modelo disponibilizado, porém adequando-se ao indicado no Artigo 32, da Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018, apresentando os seguintes pontos:

- I. Indicação da gestão através do Colegiado Integrado dos Cursos de Bacharelado em Antropologia e em Arqueologia;
- II. Número de vagas ofertadas anualmente através do ingresso de estudantes na Universidade;
- III. Mecanismo de opção para o curso de destino (Bacharelado em Antropologia ou Bacharelado em Arqueologia) por estudantes que concluírem a estrutura formativa;
- IV. Número máximo de créditos em que o estudante poderá se matricular em um período letivo;

- V. Outras matérias cujo detalhamento se fez necessário para definir os parâmetros de funcionamento da estrutura formativa.

O texto completo do Regulamento do **Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia** pode ser consultado em anexo.

5. Descrição dos recursos necessários para o funcionamento

O funcionamento do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia se dará através da estrutura já existente na FAFICH e no Departamento de Antropologia e Arqueologia que suporta o atual Curso de Graduação em Antropologia. Esta estrutura conta com recursos humanos e de infraestrutura adequados ao funcionamento regular do Tronco Comum e dos dois Bacharelados.

É importante destacar, no entanto, que a estrutura formativa de Tronco Comum é uma inovação recente da UFMG na constituição do ensino de graduação, e esta é a primeira proposta a ser elaborada neste modelo. Neste sentido, vale salientar que será necessário um cuidado especial do DRCA (Departamento de Registro e Controle Acadêmico) na organização de procedimentos para a transição do Tronco Comum para cada Bacharelado, um mecanismo que diverge das opções atuais na escolha de habilitações.

No mesmo sentido, será importante um acompanhamento próximo da PROGRAD na implantação desta estrutura formativa e na sua avaliação, especialmente nos primeiros anos, o que irá requerer um diálogo direto com o Colegiado Integrado dos Bacharelados. Dessa forma, é crucial compreender que o Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia é uma experiência inovadora na UFMG e, como tal, deve ter uma atenção especial não apenas da gestão da própria estrutura formativa, mas também da PROGRAD e demais instâncias da UFMG envolvidas com sua implementação.

6. Referencial utilizado

BRASIL. Lei Federal nº 13.653, de 18 de abril de 2018. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de arqueólogo e dá outras providências. Diário Oficial da União - Seção 1 - 19/4/2018, Página 2 (Publicação Original). Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13653-18-abril-2018-786578-publicacaooriginal-155382-pl.html>

Acesso em 01/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução Complementar no. 01/2018, de 20/02/2018. Aprova as Normas Gerais de Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/novos-horizontes-para-a-graduacao/cepe-aprova-normas-gerais-da-graduacao-e-resolucoes-correlatas>

Acesso em 01/04/2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução 06/2022, de 23 de novembro de 2022. Estabelece diretrizes para a organização curricular e gestão da estrutura formativa de tronco comum. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/sods/Sods/CEPE/Documentos/Resolucoes-Comuns>

Acesso em 01/04/2023.

7. Anexos

Anexo 01 – Ementário da Estrutura Formativa Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Anexo 02 – Regulamento do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Anexo 6 – Formulários Curriculares Prograd

- Tabela Anexo 1 Organização Das Atividades Acadêmicas Curriculares Por Campo De Conhecimento. Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
- Tabela Anexo 2 - Estrutura Curricular. Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
- Tabela Anexo 3 - Detalhamento Da Oferta De Atividades Acadêmicas Curriculares Com Carga Horária A Distância. Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
- Tabela Anexo 4 - Detalhamento Da Carga Horária De Extensão. Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
- Tabela Anexo 5 – Exigências Legais Comuns Aos Cursos De Graduação. Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
- Tabela Anexo 7 - Integralização Curricular. Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
- Tabela Anexo 8 - Exigência De Carga Horária Nos Subgrupos De Optativas (Quando Aplicável) Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
- Tabela Anexo 12 – Anuência Departamental - Departamento de Antropologia e Arqueologia

- Tabela Anexo 12 - Anuência Departamental – Departamento de Sociologia
- Tabela Anexo 12 - Anuência Departamental – Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino
- Tabela Anexo 12 - Anuência Departamental – Departamento de Filosofia
- Tabela Anexo 14 - Previsão De Contratação Docente (Quando Aplicável). Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

REGULAMENTO DO TRONCO COMUM EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

TÍTULO I – DA ESTRUTURA FORMATIVA E DO TURNO

Art. 1º O Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, como estabelecido na Resolução Complementar CEPE nº1/2018, é uma estrutura formativa que compõe os percursos curriculares dos cursos de graduação em Antropologia e em Arqueologia.

Art. 2º O Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia é a opção de ingresso de estudantes para os referidos cursos na Universidade, com uma oferta anual de 40 (quarenta) vagas regulares para ingresso na UFMG.

Art. 3º. O Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia funcionará no turno noturno.

Parágrafo único. Atividades acadêmicas curriculares optativas podem ser ofertadas no turno diurno, sem prejuízo à oferta de atividades acadêmicas curriculares optativas no turno noturno.

TÍTULO II - DA ESTRUTURA CURRICULAR

Art. 4º. O Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia tem uma carga horária total de 1200h (mil e duzentas horas) e, conforme determina a Resolução CEPE 06/2022, será constituído por apenas um percurso curricular, que conterà somente o Núcleo Específico.

§ 1º As atividades acadêmicas curriculares são de natureza obrigatória (totalizando 1.020 horas) e de natureza optativa (180 horas).

§ 2º A integralização do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia não gera obtenção de qualquer título, grau ou diploma, sendo apenas parte constitutiva inicial e básica dos cursos de graduação em Arqueologia e em Antropologia (Bacharelados).

TÍTULO III – DA OPÇÃO DE CURSO

Art. 5º O Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia é uma estrutura formativa articulada em torno de um eixo temático comum aos cursos de graduação em Arqueologia e em Antropologia (Bacharelados), e tem como foco propiciar ambientes compartilhados de formação de estudantes, provendo atividades acadêmicas curriculares que são comuns à formação acadêmica em Arqueologia e em Antropologia.

Art. 6º O ingresso nos cursos de graduação em Antropologia e em Arqueologia, seguindo o Art. 69 da Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018, será regido por mecanismo de opção de curso no último semestre de integralização da estrutura formativa Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia.

Parágrafo Único: O ingresso nos cursos de graduação em Antropologia e em Arqueologia só poderá ocorrer após a integralização de todos os créditos do Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, conforme artigo 4º deste Regulamento.

TÍTULO IV – DA GESTÃO DO TRONCO COMUM

Art. 7º. O Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia, em acordo com Resolução Complementar CEPE Nº 01/2018, especificamente no Artigo 30, Parágrafo 2º, será gerido academicamente por um colegiado de curso.

Parágrafo Único: O colegiado de curso a gerir o Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia é o Colegiado Integrado de Antropologia e Arqueologia, que fará a gestão dos cursos de graduação em Antropologia e em Arqueologia, conforme Parecer da Câmara de Graduação nº158/2020.

Art. 8º O Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia terá como sua instância de caráter consultivo, para fins de acompanhamento, os Núcleos Docentes Estruturantes dos cursos de graduação em Antropologia e em Arqueologia.

TÍTULO V – DO REGIME ACADÊMICO

Art. 9º A matrícula do(a) estudante deverá observar o número máximo de 28 créditos (420h) por período letivo.

TÍTULO VI – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 10. Uma vez que o Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia é uma estrutura formativa, não se caracterizando como um curso, disposições sobre outras matérias estão detalhadas nos Regulamentos dos cursos de graduação em Antropologia e em Arqueologia.

Art. 11. Este Regulamento entra em vigor nesta data.

Documento aprovado pela Câmara de Graduação em reunião extraordinária de 13/06/2023.

Pró-Reitor de Graduação

ANEXO 1 - ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES ACADÊMICAS CURRICULARES POR CAMPO DE CONHECIMENTO - Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Campo do Conhecimento	Atividade Acadêmica Curricular	Natureza	Carga Horária	Créditos
Antropologia	Antropologia I	OB	60	4
Antropologia	Antropologia Brasileira	OB	60	4
Antropologia	Antropologia II	OB	60	4
Antropologia	Antropologia Biológica	OB	60	4
Antropologia	Antropologia III	OB	60	4
Antropologia	Fundamentos de Pesquisa Etnográfica	OB	60	4
Antropologia	Antropologia IV	OB	60	4
Antropologia	Antropologia das Elites	OP	60	4
Antropologia	Antropologia das Emoções	OP	60	4
Antropologia	Antropologia do Cristianismo	OP	60	4
Antropologia	Antropologia do Estado	OP	60	4
Antropologia	Antropologia do Gênero	OP	60	4
Antropologia	Antropologia do Licenciamento Ambiental	OP	60	4
Antropologia	Antropologia dos Conflitos	OP	60	4
Antropologia	Antropologia Econômica	OP	60	4
Antropologia	Antropologia em contextos de crise	OP	60	4
Antropologia	Antropologia, História e Arqueologia: relações, diálogos, intersecções	OP	60	4
Antropologia	Ecologia Política da Mineração	OP	60	4
Antropologia	Estudos Afro-Americanos	OP	60	4
Antropologia	Estudos Pós-Coloniais	OP	60	4
Antropologia	Gênero, Ciência e Saúde	OP	60	4
Antropologia	Laudos Antropológicos	OP	60	4
Antropologia	Leituras de Tim Ingold, Pierre Bourdieu e Merleau-Ponty	OP	60	4
Antropologia	Leituras Estruturalistas	OP	60	4
Antropologia	Memória e Oralidade	OP	60	4
Antropologia	Pensamento Decolonial	OP	60	4
Antropologia	Religiões de Matriz Africana	OP	60	4
Antropologia	Tópicos em Antropologia	OP	60	4
Antropologia/Arqueologia	Patrimônio Cultural	OB	60	4
Antropologia/Arqueologia	Laboratório de Extensão	OP	60	4
Antropologia/Arqueologia	Leituras Arqueológicas de Etnologia	OP	60	4
Antropologia/Arqueologia	Marxismo: Antropologia e Arqueologia	OP	60	4
Antropologia/Arqueologia	Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia	OP	60	4
Antropologia/Arqueologia	Tópicos em Extensão	OP	60	4
Arqueologia	Fundamentos de Arqueologia	OB	60	4
Arqueologia	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	OB	60	4
Arqueologia	Estudos de Cultura Material	OB	60	4
Arqueologia	Arqueologia Brasileira	OB	60	4
Arqueologia	Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica	OB	60	4
Arqueologia	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	OB	60	4
Arqueologia	Arqueologia da Paisagem	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologia e Gênero	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologia Egípcia	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologia Urbana	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologia, Ontologia e Relacionalidade	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologia, Sentidos e Afetos	OP	60	4
Arqueologia	Arqueologias Indígenas e Colaborativas	OP	60	4
Arqueologia	Geoarqueologia	OP	60	4
Arqueologia	Grafismos Rupestres	OP	60	4
Arqueologia	Grupos Humanos através de seus Objetos	OP	60	4
Arqueologia	Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	OP	60	4
Arqueologia	Tópicos em Arqueologia	OP	60	4
Filosofia	Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais	OB	60	4
Letras	Fundamentos de Libras	OP	60	4
Linguística	Linguística Antropológica	OB	60	4
Sociologia	Fundamentos de Análise Sociológica	OB	60	4
	Atividade Acadêmica à Distância	OP	60	4
	Corpo Editorial	OP	30	2
	Estudo dirigido	OP	15	1
	Participação em Eventos locais ou regionais	OP	15	1
	Organização de Eventos locais ou regionais	OP	30	2
	Participação em Eventos nacionais ou internacionais	OP	40	3
	Organização de Eventos nacionais ou internacionais	OP	45	3
	Iniciação à Docência	OP	60	4
	Iniciação à Extensão	OP	60	4
	Iniciação à Pesquisa	OP	60	4
	Órgão Colegiado	OP	30	2

	Protagonismo Social	OP	30	2
	Publicação de artigo	OP	60	4
	Publicação de resenha	OP	30	2
	Publicação em anais	OP	45	3
	Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia	OP	60	4
	Estágio	OP	60	4

Legenda:

OB : Obrigatória
OP : Optativa

Belo Horizonte, 15/04/2023

Coordenação: não há - estrutura formativa nova

ANEXO 2 - ESTRUTURA CURRICULAR - Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Período	Nº de ordem	Código	Atividade Acadêmica Curricular	Situação	Tipo	Modalidade de Oferta	Carga Horária						Créditos	Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia	Pré-requisitos	
							Teórica	Prática								Total
								LABORATÓRIO	CLÍNICA	CAMPO	TCC	OUTROS				
1	1	SOA048	Fundamentos de Análise Sociológica	I	DIG	P	60						60	4	OB	
	2	FIL035	Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais	I	DIG	P	60						60	4	OB	
	3	MTEXXX	Linguística Antropológica	C	DIG	P	60						60	4	OB	
	4	DAAXXX	Antropologia I	C	DIG	P	60						60	4	OB	
	5	DAAXXX	Fundamentos de Arqueologia	C	DIG	P	60						60	4	OB	
			Carga Horária Total/Créditos do Período									300	20			
2	6	DAAXXX	Antropologia Brasileira	C	DIG	P	60						60	4	OB	
	7	DAAXXX	Antropologia II	C	DIG	P	60						60	4	OB	4. Antropologia I
	8	DAAXXX	Antropologia Biológica	C	DIG	P	60						60	4	OB	
	9	DAAXXX	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	C	DIG	P	45				15		60	4	OB	5. Fundamentos de Arqueologia
	10	DAAXXX	Estudos de Cultura Material	C	DIG	P	60						60	4	OB	5. Fundamentos de Arqueologia
			Carga Horária Total/Créditos do Período									300	20			
3	11	DAAXXX	Antropologia III	C	DIG	P	60						60	4	OB	7. Antropologia II
	12	DAAXXX	Fundamentos de Pesquisa Etnográfica	C	DIG	P	60						60	4	OB	
	13	DAAXXX	Patrimônio Cultural	C	DIG	P	45				15		60	4	OB	
	14	DAAXXX	Arqueologia Brasileira	C	DIG	P	60						60	4	OB	9. Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano
	15	DAAXXX	Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica	C	DIG	P	60						60	4	OB	5. Fundamentos de Arqueologia
			Carga Horária Total/Créditos do Período									300	20			
4	16	DAAXXX	Antropologia IV	C	DIG	P	60						60	4	OB	11. Antropologia III
	17	DAAXXX	Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	C	DIG	P	60						60	4	OB	10. Estudos de Cultura Material
			Carga de Optativas										180	12	OP	
			Carga Horária Total/Créditos do Período									300	20			

Relação de Atividades Optativas

Nº de ordem	Código	Atividade Acadêmica	Situação	Tipo	Modalidade de Oferta	Carga Horária						Créditos	Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia	Pré-requisitos		
						Teórica	Prática								Total	
							LABORATÓRIO	CLÍNICA	CAMPO	TCC	OUTROS					
	18	DAAXXX	Antropologia das Elites	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	19	DAAXXX	Antropologia das Emoções	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	20	DAAXXX	Antropologia do Cristianismo	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	21	DAAXXX	Antropologia do Estado	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	22	DAAXXX	Antropologia do Gênero	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	23	DAAXXX	Antropologia do Licenciamento Ambiental	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	24	DAAXXX	Antropologia dos Conflitos	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	25	DAAXXX	Antropologia Econômica	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	26	DAAXXX	Antropologia em contextos de crise	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	27	DAAXXX	Antropologia, História e Arqueologia: relações, diálogos, intersecções	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	28	DAAXXX	Arqueologia da Paisagem	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	29	DAAXXX	Arqueologia e Gênero	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	30	DAAXXX	Arqueologia Egípcia	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	31	DAAXXX	Arqueologia Urbana	C	DIG	P	60						60	4	OP	

ANEXO 2 - ESTRUTURA CURRICULAR - Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Período	Nº de ordem	Código	Atividade Acadêmica Curricular	Situação	Tipo	Modalidade de Oferta	Carga Horária					Créditos	Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia	Pré-requisitos		
							Teórica	Prática							Total	
								LABORATÓRIO	CLÍNICA	CAMPO	TCC					OUTROS
	32	DAAXXX	Arqueologia, Ontologia e Relacionalidade	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	33	DAAXXX	Arqueologia, Sentidos e Afetos	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	34	DAAXXX	Arqueologias Indígenas e Colaborativas	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	35	DAAXXX	Ecologia Política da Mineração	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	36	DAAXXX	Estudos Afro-Americanos	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	37	DAAXXX	Estudos Pós-Coloniais	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	38	DAAXXX	Gênero, Ciência e Saúde	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	39	DAAXXX	Geoarqueologia	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	40	DAAXXX	Grafismos Rupestres	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	41	DAAXXX	Grupos Humanos através de seus Objetos	C	DIG	P	45				15		60	4	OP	
	42	DAAXXX	Laboratório de Extensão	C	DIG	P	15				45		60	4	OP	
	43	DAAXXX	Laudos Antropológicos	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	44	DAAXXX	Leituras Arqueológicas de Etnologia	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	45	DAAXXX	Leituras de Tim Ingold, Pierre Bourdieu e Merleau-Ponty	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	46	DAAXXX	Leituras Estruturalistas	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	47	DAAXXX	Marxismo: Antropologia e Arqueologia	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	48	DAAXXX	Memória e Oralidade	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	49	DAAXXX	Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	50	DAAXXX	Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia	C	DIG	P	0				60		60	4	OP	
	51	DAAXXX	Pensamento Decolonial	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	52	DAAXXX	Religiões de Matriz Africana	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	53	DAAXXX	Tópicos em Antropologia	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	54	DAAXXX	Tópicos em Arqueologia	C	DIG	P	60						60	4	OP	
	55	DAAXXX	Tópicos em Extensão	C	DIG	P	30				30		60	4	OP	
	56	LET223	Fundamentos de Libras	I	DIG	D	60						60	4	OP	
	57	DAAXXX	Atividade Acadêmica à Distância	C	EVG	D	60						60	4	OP	
	59	DAAXXX	Corpo Editorial	C	PJG	P	30						30	2	OP	
	60	DAAXXX	Estudo dirigido	C	PGG	P	15						15	1	OP	
	61	DAAXXX	Participação em eventos locais ou regionais	C	EVG	P					15		15	1	OP	
	62	DAAXXX	Participação em eventos nacionais ou internacionais	C	EVG	P					30		30	2	OP	
	63	DAAXXX	Organização de eventos locais ou regionais	C	EVG	P					15		15	1	OP	
	64	DAAXXX	Organização de eventos nacionais ou internacionais	C	EVG	P					30		30	2	OP	
	65	DAAXXX	Iniciação à Docência	C	PGG	P	30				30		60	4	OP	
	66	DAAXXX	Iniciação à Extensão	C	PJG	P	30				30		60	4	OP	
	67	DAAXXX	Iniciação à Pesquisa	C	PJG	P	30				30		60	4	OP	
	68	DAAXXX	Órgão Colegiado	C	PJG	P					30		30	2	OP	
	69	DAAXXX	Protagonismo Social	C	PJG	P					30		30	2	OP	
	70	DAAXXX	Publicação de artigo	C	PJG	P	60						60	4	OP	
	71	DAAXXX	Publicação de resenha	C	PJG	P	30						30	2	OP	
	72	DAAXXX	Publicação em anais	C	PJG	P	45						45	3	OP	
	73	DAAXXX	Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia	C	PJG	P	60						60	4	OP	
	74	DAAXXX	Estágio	C	ETG	P					60		60	4	OP	

ANEXO 2 - ESTRUTURA CURRICULAR - Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Período	Nº de ordem	Código	Atividade Acadêmica Curricular	Situação	Tipo	Modalidade de Oferta	Carga Horária					Total	Créditos	Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia	Pré-requisitos
							Prática								
							Teórica	LABORATÓRIO	CLÍNICA	CAMPO	TOC				
Legenda:															
A : Atividade Alterada C : Atividade Criada I : Atividade Incluída M : Atividade Mantida			DIG : Disciplina ETG : Estágio EVG : Evento PGG : Programa PJG : Projeto NE: Núcleo Específico NG: Núcleo Geral			OB : Obrigatória OP : Optativa P : Presencial D : A Distância P/D : Presencial/A Distância P e D : Presencial e A Distância									

Belo Horizonte, 11/04/2023

Coordenação: não há - estrutura formativa nova

**ANEXO 3 - DETALHAMENTO DA OFERTA DE ATIVIDADES ACADÊMICAS
CURRICULARES COM CARGA HORÁRIA A DISTÂNCIA - - Antropologia**

Relação de Atividades com Carga Horária a Distância				
Código	Atividade Acadêmica Curricular	Carga Horária		
		Não Presencial	Presencial	Total
LET223	Fundamentos de Libras	60		60
DAAXXX	Atividade acadêmica à Distância*	60		60
Percentual de carga horária não presencial em relação à carga horária total do curso: 5%				

Belo Horizonte, 13/05/2023

Coordenação: Sabrina Deise Finamori

ANEXO 4 - DETALHAMENTO DA CARGA HORÁRIA DE EXTENSÃO - Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Relação de Atividades Acadêmicas Curriculares que Integralizam a Extensão - Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia					
Código	Atividade Acadêmica Curricular	Carga Horária	Natureza	Vinculação da Atividade Acadêmica Curricular ao SIEX	
				Título do(a) Projeto / Programa / Prestação de Serviço / Curso / Evento	Número do Registro no SIEX
DAAXXX	Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	60	OB	Programa de Educação Ambiental e Patrimonial - MHNJB/UFMG	500082
DAAXXX	Patrimônio Cultural	60	OB	Construindo histórias locais, pensando questões globais: as comunidades tradicionais atingidas pelo Parque Nacional da Serra do Cipó (MG)	402167
DAAXXX	Tópicos em Extensão	60	OP	Educação sem Homofobia: Capacitação de Educadores da Rede Pública	400232
DAAXXX	Laboratório de Extensão	60	OP	Projeto - MAPEAMENTO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS EM MINAS GERAIS: VISIBILIZAÇÃO E INCLUSÃO SOCIOPOLÍTICA	401659
DAAXXX	Grupos Humanos Através de seus Objetos	60	OP	Formação Patrimonial e Geoarqueológica para os condutores do Parque Cavernas do Peruaçu - Januária e Itacarambi, Minas Gerais	404606
DAAXXX	Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia	60	OP	Processo de queima cerâmica: Arqueologia e Educação	402970
DAAXXX	Organização de eventos locais ou regionais	15	OP		
DAAXXX	Organização de eventos nacionais ou internacionais	30	OP		
DAAXXX	Iniciação à Extensão	60	OP		
DAAXXX	Protagonismo Social	30	OP		
Percentual de carga horária de extensão em relação à carga horária total do curso:			não se aplica (estrutura formativa não é curso)		

Legenda:

OB : Obrigatória
OP : Optativa

Belo Horizonte, 15/04/2023

Coordenação: não há - estrutura formativa nova

ANEXO 5 - EXIGÊNCIAS LEGAIS COMUNS AOS CURSOS DE GRADUAÇÃO - Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Parâmetro Legal	Conteúdo	Atividade Acadêmica Curricular	Carga Horária	Modalidade de Oferta	Natureza
Decreto Nº 5626/2005	Libras	LET223 - Fundamentos de Libras	60	D	OP
Resolução CNE/CP Nº 01/2012	Direitos Humanos	DAAXX - Antropologia I	60	P	OB
		DAAXX - Fundamentos de Arqueologia	60	P	OB
		DAAXX - Fundamentos de Pesquisa Etnográfica	60	P	OB
		DAAXX - Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	60	P	OB
		DAAXX - Arqueologia e Gênero	60	P	OP
		DAAXX - Arqueologias Indígenas e Colaborativas	60	P	OP
		DAAXX - Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	60	P	OP
		DAAXX - Leituras Arqueológicas de Etnologia	60	P	OP
		DAAXX - Ecologia Política da Mineração	60	P	OP
		DAAXX - Laudos Antropológicos	60	P	OP
Resolução CNE/CP Nº 02/2012	Educação Ambiental	DAAXX - Patrimônio Cultural	60	P	OB
		DAAXX - Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica	60	P	OB
		DAAXX - Arqueologia dos Processos de Desenvolvimento Humano	60	P	OB
		DAAXX - Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	60	P	OP
		DAAXX - Ecologia Política da Mineração	60	P	OP
		DAAXX - Antropologia do Licenciamento Ambiental	60	P	OP
		DAAXX - Laudos Antropológicos	60	P	OP
Resolução CNE/CP Nº 01/2004	Educação para as Relações Étnico-raciais	DAAXX - Antropologia I	60	P	OB
		DAAXX - Antropologia Brasileira	60	P	OB
		DAAXX - Patrimônio Cultural	60	P	OB
		DAAXX - Arqueologia e Coletivos Contemporâneos	60	P	OB
		DAAXX - Leituras Estruturalistas	60	P	OP
		DAAXX - Estudos Afro-Americanos	60	P	OP
		DAAXX - Arqueologia e Gênero	60	P	OP
		DAAXX - Arqueologias Indígenas e Colaborativas	60	P	OP
		DAAXX - Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia	60	P	OP
		DAAXX - Leituras Arqueológicas de Etnologia	60	P	OP
		DAAXX - Religiões de Matriz Africana	60	P	OP
		DAAXX - Pensamento Decolonial	60	P	OP
		DAAXX - Laudos Antropológicos	60	P	OP

Legenda:

OB : Obrigatória
OP : Optativa

P : Presencial

D : A Distância

P/D : Presencial/A Distância

P e D : Presencial e A Distância

Belo Horizonte, 31/05/2023

Coordenação: não há - estrutura formativa nova

ANEXO 7 - INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR - Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Percurso Curricular	Tempo Padrão em Semestres	Carga Horária p/ Matrícula por Semestre		Núcleos Curriculares												Total
				Núcleo Específico						Núcleo Complementar		Núcleo Avançado		Núcleo Geral		
				Obrigatório	Optativo		Estágio		C. Horária		C. Horária		C. Horária			
				C. Horária	C. Horária		C. Horária		C. Horária		C. Horária		C. Horária			
Mín.	Máx.	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.	Mín.	Máx.				
Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia	4	180	420	1020	180	180	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1200

Belo Horizonte, 15/05/2023

Coordenação: não há - estrutura

Religiões de Matriz Africana	OP	60					60	4		P			SIM	SIM	SIM
African American Religions															
Tópicos em Antropologia	OP	60					60	4		P			SIM	SIM	SIM
Topics in Anthropology															
Tópicos em Arqueologia	OP	60					60	4		P			SIM	SIM	SIM
Topics in Archaeology															
Tópicos em Extensão	OP	30				30	60	4		P			SIM	SIM	SIM
Topics in Extensionism															
Atividade Acadêmica à Distância	OP	60					60	4		D			NÃO	NÃO	NÃO
Academic Activity at Distance															
Corpo Editorial	OP	30					30	2		P			NÃO	NÃO	NÃO
Editorial Board															
Estudo dirigido	OP	15					15	1		P			NÃO	NÃO	NÃO
Thematic Studies															
Participação em eventos locais ou regionais	OP					15	15	1		P			NÃO	NÃO	NÃO
Participation in Local or Regional Event															
Participação em Eventos nacionais ou internacionais	OP					30	30	2		P			NÃO	NÃO	NÃO
Participation in International or National Event															
Organização de eventos locais ou regionais	OP					15	15	1		P			NÃO	NÃO	NÃO
Organization of Local or Regional Event															
Organização de Eventos nacionais ou internacionais	OP					30	30	2		P			NÃO	NÃO	NÃO
Organization of International or National Event															
Iniciação à Docência	OP	30				30	60	4		P			NÃO	NÃO	NÃO
Initiation to Teaching															
Iniciação à Extensão	OP	30				30	60	4		P			NÃO	NÃO	NÃO
Initiation to Extensionism															
Iniciação à Pesquisa	OP	30				30	60	4		P			NÃO	NÃO	NÃO
Initiation to Research															
Órgão Colegiado	OP					30	30	2		P			NÃO	NÃO	NÃO
Collegiate Board															
Protagonismo Social	OP					30	30	2		P			NÃO	NÃO	NÃO
Social Protagonism															
Publicação de artigo	OP	60					60	4		P			NÃO	NÃO	NÃO
Paper publication															
Publicação de resenha	OP	30					30	2		P			NÃO	NÃO	NÃO
Review publication															
Publicação em anais	OP	45					45	3		P			NÃO	NÃO	NÃO
Congress Proceedings															
Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia	OP	60					60	4		P			NÃO	NÃO	NÃO
Seminar in Anthropology and/or Archaeology															
Estágio	OP					60	60	4		P			NÃO	NÃO	NÃO
Internship															

Sendo o pedido:

Deferido

Indeferido

Observações:

A(s) ementa(s) da(s) atividade(s) listada(s) consta(m) no projeto pedagógico do curso.

Comentários:

¹As anuências deverão ser solicitadas para os turnos Diurno e Noturno, quando for o caso.

²A carga horária de Campo deverá ser registrada, quando aplicável, nos termos das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso.

³Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa.

⁴Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa, bem como estratégias alternativas que serão utilizadas para recuperação.

Legenda:

OB

: Obrigatória

P : Presencial

OP

: Optativa

D : A Distância

P/D : Presencial/A Distância

P e D : Presencial e A Distância

Belo Horizonte, 12/04/2023

Chefe do Departamento: Rogerio Duarte do Pateo



ANEXO 12 - ANUÊNCIA DEPARTAMENTAL

Do Departamento de: Métodos e Técnicas de Ensino / FAE

Para o Curso de: Antropologia / Arqueologia / Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Turno de Oferta¹: Noturno

Sr(a). Coordenador(a):

Informamos que a Câmara Departamental **analisou** em sua reunião de 04 / 04 / 2023 a solicitação desse Colegiado, quanto às atividades abaixo relacionadas, com as seguintes características:

Atividade Acadêmica Curricular	Natureza	Período	Carga Horária						Total	Créditos	Pré-requisitos	Modalidade de Oferta	Conhecimentos Prévios (indicar quando houver)	Nº Máximo de Alunos por Turma Prática	Necessidade de Matrícula Prévia	Regime Especial ³	Exame Especial ⁴
			Teórica	Prática													
				LABORATÓRIO	CLÍNICA	CAMPO ²	TCC	OUTROS									
Linguística Antropológica Anthropological Linguistics	OB	1	60	0	0	0	0	0	60	4	não há	P	não há	não se aplica	SIM	SIM	SIM

Sendo o pedido:

Deferido

Indeferido

Observações:

Esclarecemos que a disciplina deve possuir código MTE

Comentários:

¹As anuências deverão ser solicitadas para os turnos Diurno e Noturno, quando for o caso.

²A carga horária de Campo deverá ser registrada, quando aplicável, nos termos das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso.

³Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa.

⁴Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa, bem como estratégias alternativas que serão utilizadas para recuperação.

Legenda:

OB : Obrigatória

OP : Optativa

P : Presencial

D : A Distância

P/D : Presencial/A Distância

P e D : Presencial e A Distância

Belo Horizonte, 04 / 04 / 2023

Chefe do Departamento:

**Maria de Fatima Almeida
Martins:18752675300**

Assinado de forma digital por

Maria de Fatima Almeida

Martins:18752675300

Dados: 2023.04.10 16:44:35 -03'00'

ANEXO 12 - ANUÊNCIA DEPARTAMENTAL

Do Departamento de Filosofia
 Para o Curso de: Arqueologia / Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
 Turno de Oferta¹: Noturno

Sr(a). Coordenador(a):

Informamos que a Câmara Departamental analisou em sua reunião de 27.03.23 a solicitação desse Colegiado, quanto às atividades abaixo relacionadas, com as seguintes características:

Atividade Acadêmica Curricular	Natureza	Período	Carga Horária						Total	Créditos	Pré-requisitos	Modalidade de Oferta	Conhecimentos Prévios (indicar quando houver)	Nº Máximo de Alunos por Turma Prática	Necessidade de Matrícula Prévia	Regime Especial*	Exame Especial*
			Teórica		Prática												
			laboratório	clínica	campo	trç	turnos										
Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Introduction to Philosophy: Philosophy of Science	OB	1	60	0	0	0	0	0	60	4	não há	P	não há	não se aplica	SIM	SIM	SIM

Sendo o pedido:


Deferido Indeferido

Observações:

Comentários:

- ¹As anuências deverão ser solicitadas para os turnos Diurno e Noturno, quando for o caso.
- ²A carga horária de Campo deverá ser registrada, quando aplicável, nos termos das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso.
- ³Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa.
- ⁴Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa, bem como estratégias alternativas que serão utilizadas para recuperação

Legenda:	
OB : Obrigatória	P : Presencial
OP : Opativa	D : A Distância
	P/D : Presencial/A Distância
	P e D : Presencial e A Distância

Belo Horizonte, _____ Chefe do Departamento: 



ANEXO 12 - ANUÊNCIA DEPARTAMENTAL

Do Departamento de: Sociologia
 Para o Curso de: Arqueologia / Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia
 Turno de Oferta¹: Noturno

Sr(a). Coordenador(a):

Informamos que a Câmara Departamental **analisou** em sua reunião de 15/09/22 a solicitação desse Colegiado, quanto às atividades abaixo relacionadas, com as seguintes características:

Atividade Acadêmica Curricular	Natureza	Período	Carga Horária							Total	Créditos	Pré-requisitos	Modalidade de Oferta	Conhecimentos Prévios (indicar quando houver)	Nº Máximo de Alunos por Turma Prática	Necessidade de Matrícula Prévia	Regime Especial ³	Exame Especial ⁴
			Teórica	Prática														
				LABORATÓRIO	CLÍNICA	CAMPO ²	TCC	OUTROS										
Fundamentos de Análise Sociológica Foundations of Sociological Analysis	OB	1	60	0	0	0	0	0	60	4	não há	P	não há	não se aplica	SIM	SIM	SIM	

Sendo o pedido:

Deferido Indeferido

Observações:

Comentários:

- ¹As anuências deverão ser solicitadas para os turnos Diurno e Noturno, quando for o caso.
²A carga horária de Campo deverá ser registrada, quando aplicável, nos termos das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso.
³Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa.
⁴Quando a indicação for "Não", deverá ser apresentada justificativa, bem como estratégias alternativas que serão utilizadas para recuperação.

Legenda:	
OB : Obrigatória	P : Presencial
OP : Optativa	D : A Distância
	P/D : Presencial/A Distância
	P e D : Presencial e A Distância

Belo Horizonte, 27/03/23

Chefe do Departamento:


 Prof. Dimitri Fazito de Almeida Rezende

ANEXO 14 - PREVISÃO DE CONTRATAÇÃO DOCENTE (Quando aplicável) - Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Departamento	Número de Docentes por Ano/Semestre																			
	2020		2021		2022		2023		2024		2025		2026		2027		2028		2029	
	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º	1º	2º
Antropologia e Arqueologia (concurso a ser realizado)								1												

Belo Horizonte, 25/11/2022

Coordenação: não há - estrutura formativa nova

Ementário¹

FIL 035 – Introdução à Filosofia: Filosofia das Ciências Sociais

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Filosofia

Ementa:

Positivismo funcionalista; hermenêutica de Dilthey; Sociologia compreensiva de Weber; Sociologia dialético-materialista de Marx; o esgotamento dos paradigmas clássicos e os novos paradigmas.

Syllabus (Introduction to Philosophy: Philosophy of Social Sciences):

Functionalist positivism; Dilthey's hermeneutics; Weber's Comprehensive Sociology; Marx's dialectical-materialist sociology; the exhaustion of the classic paradigms and the new paradigms.

Bibliografia básica:

COMTE, August. 1988. Curso de filosofia positiva. Trad.: José A. Giannotti. São Paulo: Nova Cultural.

DILTHEY, Wilhelm. 2010. Introdução às ciências humanas. Vol. 1. Trad.: Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

DURKHEIM, Émile. 2010. As regras do método sociológico. Trad.: Eduardo L. Nogueira. Lisboa: Presença.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2012. Antropologia Estrutural. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify.

WEBER, Max. 1991. A 'Objetividade' do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política. In: Max Weber: Sociologia. Trad.: Gabriel Cohn. São Paulo: Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

WEBER, Max. 2002. Conceitos básicos de Sociologia. Trad.: Rubens E. F. Frias e Gerard G. Delaunay. São Paulo: Centauro.

Bibliografia complementar:

ARON, Raymond. 2003. As etapas do pensamento sociológico. Trad.: Sérgio Bath. São Paulo: Martins Fontes.

LÉVY-BRUHL, Lucien. 2008. A mentalidade primitiva. Trad. J. Swmjolo. São Paulo: Paulus.

CASSIRER, Ernst. 1994. Ensaio sobre o Homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana. Trad.: T. R. Bueno. São Paulo: Martins Fontes, p. 9-43.

CHALMERS, Alan F. 1993. O que é ciência, afinal? Trad.: R. Fiker. São Paulo: Brasiliense, p. 23-45.

MTE XXX – Linguística Antropológica

Carga Horária: 60h

¹ Uma vez que as Atividades Acadêmicas Curriculares ofertadas pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) terão toda numeração nova (pois é um código novo que visa integrar todas ofertas de AACs do Departamento), optamos aqui em organizar o ementário de modo que a nova numeração tenha consistência lógica com a natureza das AAC (Obrigatórias e diferentes subgrupos de optativas). As disciplinas obrigatórias seguem a ordem de oferta por período acadêmico, o que contribui para a organização dos planos de estudo de estudantes e da gestão do curso. As AACs de natureza optativa estão em ordem alfabética dentro de cada subgrupo de optativas, também no intuito de contribuir para a melhor organização e gestão estudantil e do Colegiado.

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Subsetor de Ensino de Língua Portuguesa/ Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino/ FAE

Ementa:

Linguística Antropológica e seus temas de investigação multidisciplinares. Introdução ao estudo dos fenômenos da linguagem. Relações entre língua/linguagem e mente. Relações entre língua/linguagem e cultura. Universais linguísticos e relativismo linguístico. Multilinguismo, variação e diversidade linguística: aspectos sociais e políticos. Discurso, identidades e representações. Língua/linguagem, tradição e memória. Noção de contexto e sua repercussão conceitual e metodológica. A produção de sentidos: dimensões semânticas e pragmáticas. Oralidade e escrita. Descrição de sistemas linguísticos.

Syllabus (Anthropological Linguistics)

Anthropological Linguistics and its multidisciplinary research themes. Introduction to the study of language phenomena. Relations between language/languages and mind. Relations between language/languages and culture. Linguistic universals and linguistic relativism. Multilingualism, linguistic variation and diversity: social and political aspects. Discourse, identities and representations. Language/languages, tradition and memory. Notion of context and its conceptual and methodological repercussions. The production of meanings: semantic and pragmatic dimensions. Orality and writing. Description of linguistic systems.

Bibliografia básica:

ALÉONG, Stanley. 2001. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, Marcos (org.) Norma linguística. São Paulo: Loyola, p. 145-74.

BRAGGIO, Silvia L. B. 2018. Estudos de Línguas e Educação Indígena. Campinas, SP: Pontes.

D'ANGELIS, Wilmar R.; NOBRE, Domingos. 2020. Experiências brasileiras em revitalização das línguas indígenas. Campinas: Curt Nimuendaju.

DURANTI, Alessandro Antropologia linguística. 2000. Madrid: Cambridge University Press.

GNERRE, Maurizio. 1985. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2003. Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola.

ROCKWELL, Elsie. 2010. Culturas orais ou múltiplos letramentos? A escrita em contextos de bilinguismo. In: MARINHO, Marildes; Carvalho, Gilcinei. Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 101-124.

STORTO, Luciana. 2019. Línguas indígenas: tradição, universais e diversidade. Campinas: Mercado das Letras.

STREET, Brian. 2014. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação, São Paulo: Parábola Editorial.

Bibliografia complementar:

BAGNO, Marcos. 2009. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola.

BIGONJAL-BRAGGIO, Sílvia Lúcia. 1999. Contribuições da Linguística para o ensino de línguas. Goiânia: Editora UFG.

CALVET, Louis J. 2007. As políticas linguísticas. São Paulo: Parábola Editorial, IPOL.

CANCLINI, Nestor. 2011. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp.

CESAIRE, A. 2020. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta.

FRANCHETTO, Bruna; BALYKOVA, K. 2020. Índio não fala só tupi: uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil. Rio de Janeiro: 7 letras.

FERREIRA, Marília. 2013. Tradições Oraís de Línguas Indígenas. Campinas, SP: Pontes.

LODI, Ana Claudia B. et al.. 2002. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação.

LUCCHESI, Dante. 2004. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (org.) Linguística da norma. São Paulo: Loyola, p. 63-92

MIRANDA, Shirley; GOMES, Nilma. 2018. Diálogos entre sujeitos, práticas e conhecimentos. Belo Horizonte: Mazza Edições.

PEREIRA, Vera Lúcia F. 1996. O artesão da memória no Vale do Jequitinhonha, UFMG/PUC-Minas.

RIBEIRO, Djamila. 2019. Lugar de Fala. São Paulo: Pólen.

SILVA, Sidney S. 2011. Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas, São Paulo: Pontes.

SOA048 – Fundamentos de Análise Sociológica

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Sociologia

Ementa:

Sociedade e Indivíduo; Socialização e Interação; Papéis, Status e Classes Sociais.

Syllabus (Foundations of Sociological Analysis)

Society and Individual; Socialization and Interaction; Roles, Status and Social Classes.

Bibliografia básica:

BERGER, Peter. 1976. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, cap. 4 e cap. 5.

BERGER, Peter. 2002. A sociologia como passatempo individual. In: Perspectivas Sociológicas: Uma visão humanística. Petrópolis: Vozes.

BERMAN, Marshall. 1992. Tudo que é sólido desmancha no ar: Marx, Modernismo e Modernização. In: Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras.

BOUDON, R. et Al.. 2001. Dicionário de sociologia. São Paulo: Ática.

DURKHEIM, Émile. 1978. As formas elementares da vida religiosa. In: Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural.

DURKHEIM, Emile. 1978. As regras do método sociológico. In: Durkheim. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural.

DURKHEIM, Emile. 2004. Da divisão do trabalho social. São Paulo: Martins Fontes.

FERNANDES, Florestan. 1974. O que é Sociologia? Elementos de sociologia teórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

GIDDENS, Anthony. 1978. Método sociológico: sua aplicação em suicídio. In: As idéias de Durkheim. São Paulo: Editora Cultrix.

GIDDENS, Anthony. 2005. A diferenciação social e a divisão do trabalho. In: Capitalismo e moderna teoria social. Lisboa: Editorial Presença.

GIDDENS, Anthony. 2005. A teoria do desenvolvimento capitalista. In: Capitalismo e moderna teoria social. Lisboa: Editorial Presença.

GIDDENS, Anthony. 2005. Capitalismo e moderna teoria social. Lisboa: Editorial Presença.

GOFFMAN, E. 2002. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes.

INKELES, Alex. 1971. A perspectiva sociológica. In: O que é sociologia? São Paulo: Pioneira.

LARAIA, R. 1986. Cultura - um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

LÉVI-STRAUSS, C. 1982. Natureza e Cultura. In: Estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes.

MARX, Karl. 1983. *Burgueses e Proletários (Manifesto do Partido Comunista)*. In: FERNANDES, F., K. Marx, F. Engels: *História*. São Paulo: Ática.

MARX, Karl. 1946. Prefácio. In: *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Trad. Florestan Fernandes. São Paulo: Flama.

QUINTANEIRO, Tânia, BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira, OLIVEIRA, Márcia Gardênia. 2003. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. Rev. amp. Belo Horizonte: Editora, UFMG.

TURNER, H. 1999. *A natureza e as origens da sociologia*. In: *Sociologia conceitos e aplicações*. São Paulo: Makron Books.

WEBER, Max. 1996. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira.

WEBER, Max. 2001. *A objetividade do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política*. In: *Metodologia das Ciências Sociais, parte 1*, São Paulo: Cortez e Editora da Unicamp.

WRIGHT MILLS, C. 1975. *Do artesanato intelectual*. In: *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

DAA XXX – Antropologia I

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Introdução ao campo de estudos da antropologia, à construção de seus objetos de conhecimento e à especificidade da abordagem antropológica, sua contribuição à educação para as relações etnicorraciais e sua relação com os direitos humanos. Apresentação dos principais métodos da antropologia (etnografia, observação participante e método comparativo) e de conceitos centrais da disciplina (etnocentrismo e alteridade; relativismo e universalismo; noções de raça e suas críticas, noções de cultura). Panorama da emergência da antropologia com foco nas correntes evolucionista e difusionista. Introdução à escola culturalista norte-americana e seus desdobramentos. Unidades: 1) Conceitos básicos e introdução aos métodos da antropologia; 2) Emergência da antropologia, evolucionismo e Difusionismo; 3) Culturalismo Norte-Americano.

Syllabus (Anthropology I)

Introduction to the field of anthropology, to the construction of its objects and to the specificity of the anthropological approach, its contribution to education for ethnic-racial relations and its relationship with human rights. The course offers the students an overview of the main anthropological methods (ethnography, participant observation and the comparative method) and of the concepts central to the discipline (ethnocentrism and alterity; relativism and universalism; debates about race and conceptualizations of culture). It also presents the early years of the history of the discipline, including the emergence of anthropology with focus on evolutionist and diffusionist schools and the North-American culturalist school. Units: 1) Basic concepts and introduction to the methods of anthropology; 2) Emergence of anthropology, evolutionism and diffusionism; 3) North-American Culturalist Anthropology.

Bibliografia básica:

BENEDICT, Ruth. 2013 [1934]. *Padrões de cultura*. Petrópolis: Vozes.

BOAS, Franz. 2004. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Zahar.

CASTRO, Celso (org.). 2005. *Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Zahar.

FRAZER, James. 1982 [1890/1978]. *O ramo de ouro* (edição resumida por Mary Douglas). Rio de Janeiro: Zahar.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976 [1952]. *Raça e história*. In: *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 328-366.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores), p. 17-34.

MEAD, Margaret. 1979 [1935]. Sexo e temperamento em três sociedades primitivas. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates).

Bibliografia complementar:

BATESON, Gregory. 2008 [1936]. Naven. São Paulo: Edusp.

BENEDICT, Ruth. 2019 [1946]. O crisântemo e a espada. Petrópolis: Vozes.

BOAS, Franz. 2011 [1938]. A mente do ser humano primitivo. Petrópolis: Vozes.

BOAS, Franz. 2014 [1955]. Arte primitiva. Petrópolis: Vozes.

CARDOSO DE OLIVEIR, Roberto (org.). 1991. A Antropologia de Rivers. Campinas: Unicamp.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. "Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: Cultura com aspas. São Paulo: Cosac Naify, p. 311-373.

CASTRO, Celso (org.). 2015. Cultura e personalidade: Margaret Mead, Ruth Benedict e Edward Sapir. Rio de Janeiro: Zahar.

CÉSAIRE, Aimé. 1956 [2011]. Cultura e colonização. In: M. R. Sanches (org.). Malhas que os impérios tecem. Lisboa: Edições 70, p. 253-272.

CLASTRES, Hélène. 1980 [1978]. "Primitivismo e ciuência do homem no século XVIII", Discurso 13: 187-209.

CLASTRES, Pierre. 1968. Entre o silêncio e o diálogo. In: Lévi-Strauss (Série L'Arc). São Paulo: Documentos, p. 87-90.

CLASTRES, Pierre. 2003 [1969]. Copérnico e os selvagens. In: A sociedade contra o estado. São Paulo: Cosac Naify, p. 23-41.

CORRÊA, Mariza. 2003. "Introdução" e "O espartilho da minha avó: linhagens femininas na antropologia. In: Antropólogas e antropologia. Belo Horizonte, Ed. UFMG.

CUNHA, Euclides da. 1902 [1998]. Os sertões (campanha de Canudos). Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Itatiaia.

DAMATTA, Roberto. 1981. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco.

DIOP, Cheikh Anta. 2015 [1959]. Unidade Cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Lisboa: Pedagogo.

ENGELS, Friedrich. 1964 [1884]. As origens da família, da propriedade privada e do estado. Rio de Janeiro: Editorial Vitória.

HERSKOVITS, Melville J. 1963 [1949]. Man and his works: antropologia cultural. São Paulo: Mestre Jou (2 vols.).

HURSTON, Zora-Neale. 2019 [1950]. "O que os editores brancos não publicarão", Ayé: Revista de Antropologia 1 (1): 106-111.

INGOLD, Tim. 2016 [1992]. "Editorial", Antropolítica 40 (1): 309-314.

INGOLD, Tim. 2019 [2018]. Antropologia: para que serve? Petrópolis: Vozes.

JUNOD, Henri-Alexandre. 2009 [1912]. Usos e costumes dos Bantu. Campinas: Unicamp.

KLUCKHOHN, Clyde. 1963 [1949]. Antropologia – um espelho para o homem. Belo Horizonte: Itatiaia.

KLUCKHOHN, Clyde; MURRAY, Henry & SCHNEIDER, David M. 1965 [1948]. Personalidade: na natureza, na sociedade e na cultura. Belo Horizonte: Itatiaia (2 vols.).

KROEBER, Alfred. 1993 [1917]. A natureza da cultura. Lisboa: Edições 70.

KUPER, Adam. 2002 [1999] Cultura: a visão dos antropólogos. Bauru: Edusc.

KUPER, Adam. 2008 [1988]. A reinvenção da sociedade primitiva. Recife: UFPE.

- LAPLANTINE, François. 2003 [1987]. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense.
- LARAIA, Roque Barros. 1986. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976 [1962]. Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem. In: Antropologia estrutural dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 41-51.
- LINTON, Ralph. 1977 [s/d]. Condicionamento sociocultural da personalidade. In: Luiz PEREIRA & Maria M. FORACCHI (Orgs.). Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação (Parte II: a educação como processo social). São Paulo: Cia. Editora Nacional, p. 49-69.
- MEAD, Margareth. 1971 [1949]. Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis: Vozes.
- MINER, Horace. s/d [1956]. "Ritos corporais entre os Nacirema" (mimeo). 6 p.
- MINTZ, Sidney. 2010 [1982]. "Cultura: uma visão antropológica", Tempo 14 (28): 223-237.
- MONTAIGNE, Michel de. 2010 [1580]. Sobre os Canibais. In: Os ensaios: uma seleção. São Paulo: Penguin Companhia, p. 139-157.
- MORGAN, Lewis Henry. 2014 [1877]. A sociedade antiga. Lisboa / São Paulo: Presença / Martins Fontes (Coleção Síntese).
- NEIBURG, Federico & GOLDMAN, Marcio. 1999. "Antropologia e política nos estudos de caráter nacional", Anuário Antropológico 97, p. 103-138.
- NINA RODRIGUES, Raymundo. 2006 [1900]. O Animismo fetichista dos negros baianos. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. 1978 [1952]. "O método comparativo em antropologia social", in: MELATTI, Julio Cezar Melatti (org.). Radcliffe-Brown: Antropologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais), p. 43-58.
- REDFIELD, Robert. 1949 [1941]. Civilização e cultura de folk. São Paulo: Martins.
- REDFIELD, Robert. 1962. O mundo primitivo e suas transformações. Rio de Janeiro: Centro de Publicações Técnicas da Aliança.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 1978. Do contrato social [1762]; Ensaio sobre a origem das línguas [1781]. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. 1993. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens [1755]; Discurso sobre as ciências e as artes [1750]. São Paulo: Martins Fontes.
- SAPIR, Edward. 2012 [1924]. "Cultura: autêntica e espúria", Sociologia & Antropologia 2 (4): 35-60.
- STADEN, Hans. 2010 [1557]. Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil. Porto Alegre: L&PM.
- STEWART, Julian. 2010 [1949]. "A população nativa da América do Sul", Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia 10: 303-315.
- STOCKING, George (Org.). 2004 [1999]. Franz Boas: a formação da antropologia americana, 1883-1911. Rio de Janeiro: Contraponto / UFRJ.
- VIERTLER, Renate B. 1988. Ecologia cultural: uma antropologia da mudança. São Paulo: Ática.

DAA XXX - Fundamentos de Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Caracterização da disciplina da arqueologia em termos de seus propósitos e de seu objeto de estudo. Relação da arqueologia com a história, com a antropologia e com os direitos humanos. Arqueologia e interdisciplinaridade. Os subcampos e subdisciplinas da arqueologia. A história

do pensamento arqueológico. As questões de gênero na produção do conhecimento arqueológico.

Syllabus (Fundamentals of Archaeology)

Characterization of the discipline according to its goals and subject. The relationships between archaeology, anthropology, history and human rights. Archaeology and interdisciplinarity. The subfields and subdisciplines of archaeology. The history of archaeological thought. Gender issues in the production of archaeological knowledge.

Bibliografia obrigatória

BICHO, N. F. 2006. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70.

FUNARI, P. 2018. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto.

GERO, J. 1999. Sociopolítica y la ideología de la mujer-en-casa. In *Arqueología y Teoría Feminista: Estudios sobre mujeres y cultura material en arqueología*, editado por Colomer, L.; P. G. Marcén; S. Montón & M. Picazo. Barcelona: Icaria Editorial, p: 341-355.

RENFREW, C.; BAHN, P. 1998. *Arqueología. Teoría, Métodos y Práctica*. Torrejon de Ardoz: Ed. Akal.

SMITH, Claire (ed). 2014. *Encyclopedia of Global Archaeology*. 11 volumes. New York: Springer.

TRIGGER, B. 2011. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus.

Bibliografia complementar

BINFORD, L. 1983. *Em Busca do Passado*. Lisboa: Publicações Europa-América.

GAMBLE, C. 2002. *Arqueologia Básica*. Barcelona: Editorial Ariel.

GERO, Joan & Margaret Conkey. 1991. *Engendering Archaeology: Women and Prehistory*. Boston: Wiley-Blackwell.

JOHNSON, M. 2000. *Teoría Arqueológica: una introducción*. Barcelona: Editorial Ariel.

RATHZ, P. 1985. *Convite à Arqueologia*. Rio de Janeiro: Editora Imago.

DAA XXX - Antropologia Brasileira

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Apresentação e discussão de estudos antropológicos feitos no Brasil, sobre o Brasil, e por antropólogos e antropólogas brasileiras. Devem ser abordados os principais estilos e temas desenvolvidos pela disciplina e seus antecedentes no país. Num plano secundário, poderá também ser investigada a relação entre a história da Antropologia e as ideologias da identidade nacional construídas durante os séculos XIX e XX. A disciplina aborda temas que passam pela educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.

Syllabus (Brazilian Anthropology)

An introduction to – and debates about – anthropological studies made in Brazil, about Brazil, and authored by Brazilian anthropologists. The course should engage with the main styles and themes developed in the country by the discipline and its forerunners. Secondarily, the course may also engage with the relationship between the history of anthropology and the ideologies of national identity built in the 19th and 20th Centuries. The course addresses topics relating to education and ethnic-racial relations and the teaching of Afro-Brazilian, African and Amerindian history and culture.

Bibliografia básica:

CUNHA, Euclides da. 1998 [1902]. *Os sertões (campanha de Canudos)*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Itatiaia.

DA MATTA, Roberto. 1997 [1981]. Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar.

GONZALEZ, Lélia. 1984. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje 2: 223-44.

Bibliografia complementar:

ANDRADE, Oswald de. 1976. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. 2014 [1936]. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

CÂNDIDO, Antônio. 2001 [1964]. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo: 34.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1988. Sobre o pensamento antropológico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / Brasília: CNPq.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify.

CUNHA, Olivia M. G. da 2002. Intenção e gesto: pessoa, cor e a produção cotidiana da (in)diferença no Rio de Janeiro, 1927-1942. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

FAORO, Raymundo. 2001 [1958]. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. Porto Alegre: Globo.

FERNANDES, Florestan. 1975. A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios. Petrópolis: Vozes.

FERNANDES, Rubem César. 1984. "Religiões populares: Uma visão parcial da literatura recente", BIB 18: 3-26.

FONSECA, Claudia Lee. 2000. Família, fofoca e honra. Porto Alegre: UFRGS.

FREYRE, Gilberto. 2003 [1933]. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Global.

GALVÃO, Eduardo. 1955. Santos e visagens: a vida religiosa em Itá, Amazônia. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

GEIGER, Amir. 1999. Uma antropologia sem métier: primitivismo e crítica cultural no modernismo brasileiro. Tese de doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ (Rio de Janeiro).

GUERREIRO RAMOS, Alberto. 1954. "O problema do negro na sociologia brasileira", Nosso Tempo 2(2): 189-220.

LEITE LOPES, José Sérgio. 1976. O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MELATTI, Julio Cesar. 1983 [2007]. "A Antropologia no Brasil: Um roteiro", Série Antropologia 38: 1-64.

MONTERO, Paula. 2004. Antropologia no Brasil: Tendências e debates. In: TRAJANO FILHO, Wilson & LINS RIBEIRO, Gustavo (Orgs). O campo da antropologia no Brasil. Rio de Janeiro: Contracapa/ABA, p. 117-42.

MUNANGA, Kabengele. 1999. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes.

NASCIMENTO, Abdias do. 1968 [1950]. O negro revoltado. Rio de Janeiro: Edições GRD.

NINA RODRIGUES, Raymundo. 2006 [1900]. O animismo fetichista dos negros baianos. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional

NOGUEIRA, Oracy. 1985 [1954]. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. In: Tanto Preto quanto branco: Estudos de relações raciais. São Paulo: T.A. Queiroz, p. 57-93.

PALMEIRA, Moacir & HERÉDIA, Beatriz. 1996 [2010]. Política ambígua. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/NUAP.

- PEIRANO, Mariza. 2000. "Antropologia como ciência social no Brasil", *Etnográfica* 4 (2): 219-232.
- PIERSON, Donald. 1951 [1966]. *Cruz das Almas*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- PRADO JÚNIOR, Caio. 2018 [1942]. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- QUERINO, Manuel. 1980 [1918]. "O colono preto como fator da civilização brasileira", *Afro-Ásia* 13: 143-58.
- RAMOS, Arthur. 1934 [1940]. *O negro brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- REESINK, Mísia & BIVAR CAMPOS, Roberta. 2014. A geopolítica da antropologia no Brasil, ou como a província vem se submetendo ao Leito de Procusto. In: SCOTT, Parry; BIVAR CAMPOS, Roberta & PEREIRA, Fabiana (Orgs.). *Rumos da antropologia no Brasil e no mundo: geopolíticas disciplinares*. Recife: EdUFPE / ABA, p. 55-81.
- RIBEIRO, Darcy. 1995. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SANCHIS, Pierre. 1997. "As religiões dos brasileiros", *Horizonte* 1 (2): 28-43.
- SANCHIS, Pierre. 2007. "As ciências sociais da religião no Brasil", *Debates do NER* 8 (11): 7-20.
- SCHWARCZ, Lília K. Moritz. 1993. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TORRES, Heloísa Alberto. 2004 [1950]. "Alguns aspectos da indumentária da crioula baiana", *Cadernos Pagu* 23: 413-467.
- VILHENA, Luis Rodolfo da Paixão. 1997. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte/FGV.
- ZANOTTA MACHADO, Lia. 2018. A antropologia brasileira: um triplo itinerário?. In: SIMIÃO, Daniel S. Simião & FELDMAN-BIANCO, Bel (Orgs.). *O campo da antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Contracapa/ABA, p. 285-309.

DAA XXX - Antropologia II

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Formação básica em teoria antropológica, focando nas tradições francesa e inglesa. A escola sociológica francesa e seus desdobramentos. As escolas britânicas, incluindo o estrutural-funcionalismo e o funcionalismo, bem como seus desenvolvimentos, como o neo-estruturalismo britânico e a escola de Manchester. Unidades: 1) Escola sociológica francesa; 2) Estrutural-funcionalismo e funcionalismo; 3) Escola de Manchester e outros desenvolvimentos da escola britânica.

Syllabus (Anthropology II)

The course continues the basic training in anthropological theory, focusing on French and English traditions. Presenting the French School of Sociology and its developments; British Structural-Functionalism and Functionalism; and later developments of the British tradition, such as neo-structuralism and the Manchester school. Units: 1) French School of Sociology; 2) Structural-functionalism and functionalism; 3) Manchester School and other developments of the British tradition.

Bibliografia básica:

- DOUGLAS, Mary. 1976 [1966]. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates).
- DOUGLAS, Mary. 1998 [1986]. *Como as instituições pensam*. São Paulo: EdUSP.

- DOUGLAS, Mary. 1999 [1987]. "Os Lele revisitados, 1987: acusações de feitiçaria à solta", *Mana* 5 (2): 7-30.
- DURKHEIM, Émile. 2000 [1912]. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 2002 [1940]. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos).
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 2005 [1937/1976]. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande* (edição resumida por Eva Gilles). Rio de Janeiro: Zahar.
- GLUCKMAN, Max. 1987 [1958]. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: Bela FELDMAN-BIANCO (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global, p. 227-344.
- LEACH, Edmund. 2014 [1954]. *Sistemas políticos na Alta Birmânia*. São Paulo: Edusp.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1975 [1944]. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores).
- MALINOWSKI, Bronislaw. 2008 [1926]. *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*. Brasília: UnB.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 2013 [1927]. *Sexo e repressão nas sociedades selvagens*. Petrópolis: Vozes.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 2020 [1948]. *Magia, ciência e religião*. São Paulo: Ubu.
- MAUSS, Marcel. 2003 [1925]. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, p. 185-314.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. 2013. [1952] *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes.
- Bibliografia complementar:**
- BARNES, J. A. 1987 [1969]. Redes e processo político. In: Bela FELDMAN-BIANCO (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global, p. 159-194.
- BARTH, Frederic. 2000. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa.
- BARTH, Frederic. 2005 [1995]. "Etnicidade e o conceito de cultura", *Antropolítica* 19: 15-30.
- BATAILLE, Georges. 2016 [1933]. A noção de dispêndio. In: *A parte maldita, precedida de "A Noção de dispêndio"*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-33.
- CAVALCANTI, Maria Laura (org.). 2014. *Ritual e performance: 4 estudos clássicos*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- DAMATTA, Roberto (org.). 1983. *Edmund Leach: antropologia*. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais);
- DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. 2004 [1976]. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- DURHAM, Eunice (org.). 1986. *Malinowski: Antropologia*. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. 1981 [1903]. Algumas Formas primitivas de classificação. In: Marcel MAUSS. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos), p. 399 - 455.
- DURKHEIM, Émile. 1973 [1895]. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional.
- DURKHEIM, Émile. 1999 [1893]. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- DURKHEIM, Émile. 2000 [1897]. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 1978 [1965]. *Antropologia social da religião*. Rio de Janeiro: Campus.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. 1985 [1972]. *Antropologia social*. Lisboa: Edições 70.

- FERNANDES, Florestan. 2006 [1952]. A função social da guerra na sociedade Tupinambá. São Paulo: Globo.
- FIRTH, Raymond. 1978 [1938]. Tipos humanos. São Paulo: Mestre Jou.
- FIRTH, Raymond. 1998 [1957]. Nós, os Tikopia. São Paulo: Edusp.
- FORDE, Daryll & DOUGLAS, Mary. 1972 [1956]. Economia primitiva. In: SHAPIRO, Harry L. (org.). Homem, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, p. 427-441.
- FORTES, Meyer. 1996 [1983]. "Édipo e Jó na África Ocidental", Cadernos de Campo 5 (5-6): 217-250.
- FORTES, Meyer. 2011 [1958]. O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Brasília: UnB (Série Tradução). 26 p.
- GLUCKMAN, Max. 2011 [1963]. Rituais de rebelião no sudoeste da África. Brasília: UnB (Série Tradução). 34 p.
- HALBWACHS, Maurice. 1968 [1950]. A memória coletiva. São Paulo: Centauro.
- HERTZ, Robert. 2016 [1970]. Sociologia religiosa e folclore. Petrópolis: Vozes.
- HUBERT, Henri & MAUSS, Marcel. 1981 [1899]. Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício. In: Marcel MAUSS. Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos), p. 141-228.
- HUBERT, Henri & MAUSS, Marcel. 2003 [1903]. Esboço de uma teoria geral da magia. In: Mauss MAUSS. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, p. 49-181.
- HUBERT, Henri. 2016 [1905]. Estudo Sumário da Representação do tempo na religião e na Magia. São Paulo: Edusp (Biblioteca Durkheimiana).
- LEACH, Edmund R. 1978 [1976]. Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados. Rio de Janeiro: Zahar.
- LEACH, Edmund R. 2000 [1981]. "Once a knight is quite enough: como nasce um cavaleiro britânico", Mana 6(1): 31-56.
- LEACH, Edmund R. 2001 [1961]. Repensando a antropologia. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates).
- LEIRIS, Michel. 2007 [1934]. África fantasma. São Paulo: Cosac Naify.
- LEIRIS, Michel. 2017 [1938]. "O sagrado na vida cotidiana", Debates do NER 31: 15-25.
- LÉVY-BRUHL, Lucien. 2008 [1922]. A mentalidade primitiva. São Paulo: Paulus.
- LIENHARDT, Godfrey. 1972 [1956]. Religião. In: SHAPIRO, Harry L. (org.). Homem, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, p. 407-426.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1982 [1929]. A vida sexual dos selvagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- MAUSS, Marcel. 1981 [1968]. Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos).
- MAUSS, Marcel. 2017 [1904]. A origem dos poderes mágicos nas sociedades australianas. São Paulo: Edusp (Biblioteca Durkheimiana).
- MAUSS, Mauss. 2003 [1950]. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify.
- MELATTI, Júlio César. 1995. Radcliffe-Brown: Antropologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. s/d [1935]. "Sobre o conceito de 'função' em ciência social" (mimeo). 9 p.
- RODRIGUES, Josué Albertino (org.). 1984. Émile Durkheim: sociologia. São Paulo: Ática (coleção Grandes Cientistas Sociais).
- SIMIAND, François. 2016 [1934]. A moeda, realidade social. São Paulo: Edusp (Biblioteca Durkheimiana).
- TARDE, Gabriel. 2007 [1895]. Monadologia e sociologia. São Paulo: Cosac Naify.

- TURNER, Victor. 2005 [1967]. Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF.
- TURNER, Victor. 2008 [1974]. Drama, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF.
- TURNER, Victor. 2012 [1982]. "Liminal ao liminoide: em brincadeira, fluxo e ritual", *Mediações* 17 (2): 214-257.
- TURNER, Victor. 2013 [1969]. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes.
- VAN GENNEP, Arnold. 1977 [1908]. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes.
- VAN VELSEN, Joan. 1987 [1967]. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: Bela FELDMAN-BIANCO (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas. Métodos*. São Paulo: Global, p. 345-374.
- VARGAS, Eduardo Viana. 2000. Antes Tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais. Rio de Janeiro: Contracapa.

DAA XXX - Antropologia Biológica

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Introdução aos estudos de antropologia biológica, contemplando fundamentos de morfologia humana, microevolução humana, paleopatologia humana, diversidade biológica e caracterização de populações, genética humana e transformações culturais do corpo.

Syllabus (Biological Anthropology)

Introduction to bio-anthropological studies, including basics of human morphology, human microevolution, human paleopathology, biological diversity and population description, human genetics and cultural body transformations.

Bibliografia básica:

- GASPAR NETO, Verlan Valle & DA-GLÓRIA, Pedro. (orgs.). 2019. Dossiê Antropologia Biológica. *Ciência e Cultura* 71(2): 20-21.
- DA-GLÓRIA, Pedro; NEVES, Walter & HUBBE, Mark. Lagoa Santa. 2016. *História das Pesquisas Arqueológicas e Paleontológicas*. São Paulo: AnnaBlume..
- MADRIGAL DIAZ, Lorena & GONZÁLEZ-JOSÉ, Rolando. 2017. *Introdução à Antropologia Biológica*. Puerto Madryn: Associação Latino-Americana de Antropologia Biológica.
- NEVES, Walter & PILÓ, Beethoven. 2008. *O Povo de Luzia. Em busca dos primeiros americanos*. Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- SUSANNE, Charles; REBATO, Esther & CHIARELLI, Brunetto. 2014. *Antropologia Biológica. Evolução e biologia humana*. Lisboa: Instituto Piaget.

DAA XXX - Arqueologia dos processos de desenvolvimento humano

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A disciplina abordará as questões da hominização e da dispersão dos grupos humanos desde a África em direção à Ásia, Europa e Austrália, assim como a capacidade cognitiva e tecnológica desses grupos ao longo do tempo. Suas adaptações aos diversos ecossistemas, seus distintos modos de vida serão discutidos a partir dos textos propostos, além da neolitização, do desenvolvimento do pensamento simbólico, passando pelas arquiteturas das primeiras cidades. Nas discussões sobre adaptações aos ecossistemas, serão abordados fundamentos de

educação ambiental, através da crítica à oposição entre humanidade e natureza e do destaque a diversas formas de interação de populações e seu ambiental dito natural, que contrastam com as práticas do mundo industrial contemporâneo. A ideia é dar um panorama dos processos de desenvolvimento da humanidade, com uma perspectiva crítica acerca das concepções do humano e do discurso de gênero nelas implícito. Fará uso de abordagens ligadas à formação extensionista, incitando a reflexão sobre a extroversão do conhecimento sobre a história de povoamento do planeta.

Syllabus (Archaeology of human development processes)

This discipline presents the issues about hominization and dispersion of hominid groups from Africa towards Asia, Europe and Australia, as well as about cognitive capacities and technology of such human and hominin groups through out time. Their adaptation to various ecosystems, their distinct ways of living will be discussed from bibliography, as well development of symbolic thought, neolitization process, first cities architecture. Environmental education will be discussed, based on critics on humanity/nature opposition and through emphasis on intecations between human communities and their environment. The aim is to offer a panorama about humanity development processes, with a critical perspective about conceptions of humanity and gender discourse within them. It will promote an extensionist approach focusing on extroversion of archaeological knowledge related to the history of the peopling of the planet.

Bibliografia básica:

ABRANTES, Paulo C., Nelio Bizzo, Fabrício R. SANTOS, Bernard WOOD, Pedro DA-GLORIA, Lucas Henriques Viscardi, Maria Cátira Bortolini, Lúcia C. Neco, Peter J. Richerson, João ZILHÃO, Claudia RODRIGUES-CARVALHO, Telmo PIEVANI, Rafael Bisso-MACHADO, Tábita HÜNEMEIER, Maria Cátira BORTOLINI, Hilton P. SILVA, Francisco M. SALZANO, Silviene Fabiana DE OLIVEIRA, Ana Carolina ARCANJO, Nilda Maria DINIZ Rojas, Niéde GUIDON, Gustavo Leal TOLEDO, Maria Emília YAMAMOTO, Wallisen TADASHI HATTORI, Felipe Nalon CASTRO, Anuska Irene DE ALENCAR, Fábio PORTELA L. ALMEIDA, Carlos Arturo PLAZAS e Alejandro ROSAS. 2014. A Evolução Humana, Ciência e Ambiente, 48. Janeiro/junho.

CUNHA Eugenia. 2010. Como nos tornamos humanos. Editora Imprensa da Universidade de Coimbra. 2.ª edição. (disponível no Laboratório de Tecnologia Lítica – MHNJB-UFMG)

LEAKEY R., LEWIS R. O povo do lago. 1996. O Homem e suas origens, natureza e futuro. Editora UNB. (número FAFICH: 573.3L435p.Pg1996)

LEROI-GOURHAN A. 1984. Evolução e Técnica; I. O Homem e a matéria. Lisboa Edições 70. (disponível nas bibliotecas da FAE, FAFICH e MHNJB-UFMG)

MITHEN, Steven J.. 2002. A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Ed. Unesp, 425p. ISBN 8571394385 (disponível na biblioteca da FAICH-UFMG).

NEVES W; RANGEL JUNIOR M.J., MURRIETA R.S. 2015. Assim caminhou a humanidade. NEVES W. Assim caminhou a humanidade. Palas Athena, São Paulo. (disponível no Laboratório de Tecnologia Lítica – MHNJB-UFMG)

Bibliografia complementar:

Cauvin J. 1997. Naissance des divinités, naissances de l'agriculture. Nouvelle Edition Empreintes de l'Homme. CNR. Paris. (disponível no Laboratório de Tecnologia Lítica – MHNJB-UFMG)

DE BEAUNE, Sophie A. & Antoine BALZEAU. 2016. Notre préhistoire: La grande aventure de la famille humaine. Belin.

SCARRE Chris (ed.). 2013. The Human Past: World Prehistory & the Development of Human Societies Thames &Hudson, LTD., London. 3a Edition.

DAA XXX - Estudos de Cultura Material

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Partindo do pressuposto que a Cultura Material antes de ser uma fisicalidade objetiva é uma substância fluida definida a partir de redes de relação sendo um elemento fundamental para mediar e ordenar as próprias redes de relação, a disciplina Estudos de Cultura Material busca discutir como a materialidade negocia e é negociada dentro das sociedades humanas e não humanas. A disciplina busca também discutir as implicações éticas das diferentes linhas de pensamento que discutem a Cultura Material dentro da Arqueologia e do uso de conceitos como sujeito, objeto, materialidade, agência.

Syllabus (Studies of Material Culture)

Starting from the assumption that Material Culture before being an objective physicality is a fluid substance defined from networks of relationship and that material culture is a fundamental element to mediate and order the relationship networks themselves, the discipline Studies of Material Culture seeks discuss how materiality negotiates and is negotiated within human and non-human societies. The discipline also seeks to discuss the ethical implications of the different lines of thought that discuss Material Culture within Archaeology and the use of concepts such as subject, object, materiality, agency.

Bibliografia básica:

INGOLD, T. 2013. Los Materiales contra la materialidad. Papeles de Trabajo, Año 7, nº 11, p. 19-39.

LIMA, T. 2011. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr.

MENESES, U. 1983. A cultura Material no Estudo das Sociedades Antigas. Revista de História, NS n.115, p. 103-117.

Bibliografia Complementar.

BARAD, K. 2003. Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. *Signs* 28 (3): 801–31.

BOIVIN, N. 2004. Mind over matter? Collapsing the mind-matter dichotomy in material culture studies. In *Rethinking Materiality: The Engagement of Mind with the Material World*, eds. E. DeMarrais, C. Gosden, & C. Renfrew. Cambridge: McDonald Institute Monograph, p. 63-71.

IOVINO, S.; OPPERMANN, S. 2012. Material Ecocriticism: Materiality, Agency and Models of Narrativity. *Ecozon: European Journal of Literature, Culture and Environment* 3 (1): 75–91

OLSENS, B. 2003. Material Culture after text. Re-membering Things. *Norwegian Archaeological Review*, Vol. 36, No. 2, 87-104.

SILVA, F. 2009. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. *MÉTIS: história & cultura* – v. 8, n. 16, p. 121-139

TILLEY, C. 2008. Theoretical perspectives. In: Tilley, Chris; KEANE, Webb; KÜCHLER, Susanne; ROWLANDS, Mike; SPYER, Patricia (Eds.). *Handbook of Material Culture*. London: Sage. p. 7-11.

DAA XXX - Antropologia III

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Continuação da formação em teoria antropológica, focando nas tradições francesa e norte-americana. O curso apresentará os fundamentos da antropologia estrutural; os debates em torno de estrutura e história; as teorias da prática; e a vertente interpretativista da antropologia norte-americana. Unidades: 1) Estruturalismo; 2) Estrutura e História; 3) Antropologia Interpretativa; 4) Teorias da Prática.

Syllabus (Anthropology III)

Third step of the basic training in anthropological theory, focusing on French and North-American traditions. The course presents the basics of structuralist anthropology; the debates about structure and history; the theories of practice; and the symbolic and interpretive trends of North-American anthropology. Units: 1) Structuralism; 2) Structure and History; 3) Interpretive Anthropology; 4) Theories of Practice.

Bibliografia básica:

BOURDIEU, Pierre. 1994 [1972]. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

BOURDIEU, Pierre. 2007 [1979]. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk.

DUMONT, Louis. 1992 [1966]. Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: EdUsp.

DUMONT, Louis. (1985). O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna, Rio de Janeiro, Rocco.

GEERTZ, Clifford. 1989 [1973]. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. pp. 13-44.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970 [1958]. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1980 [1962]. O totemismo hoje. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores). p. 89-179.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1982 [1949]. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1989 [1962]. O pensamento selvagem. Campinas: Papirus.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2004 [1964]. Mitológicas 1: o cru e o cozido. São Paulo: Cosac Naify.

ORTNER, Sherry. 2007. Uma atualização da teoria da Prática. In: M. P. Grossi, C. Eckert e P. H. Fry (orgs) Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra

ORTNER, Sherry. 2011 [1984]. Teoria na antropologia desde os anos 60, Mana 17 (2): 419-466.

SAHLINS, Marshall. 1990 [1985]. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Zahar.

Bibliografia complementar:

BALANDIER, Georges. 1976 [1962]. As dinâmicas sociais: sentido e poder. São Paulo / Rio de Janeiro: Difel.

BALANDIER, Georges. 1982 [1980]. O poder em cena. Brasília: UnB.

BALANDIER, Georges. 1993 [1955]. "A noção de situação colonial", Cadernos de Campo 3: 107-131.

BASTIDE, Roger. 2006 [1975]. O sagrado selvagem e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras.

BOLTANSKI, Luc & CHIAPELLO, Éve. 2009 [1999]. O novo espírito do capitalismo. São Paulo: Martins Fontes.

BOURDIEU, Pierre. 1974. A economia das trocas simbólicas São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos).

BOURDIEU, Pierre. 1989. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BOURDIEU, Pierre. 1996 [1982]. A economia das trocas linguísticas São Paulo: EdUsp.

BOURDIEU, Pierre. 1996 [1992]. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras.

- BOURDIEU, Pierre. 1996 [1994]. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus.
- BOURDIEU, Pierre. 1999 [1970]. "A casa kabyle ou o mundo às avessas", Cadernos de Campo 9 (8): 147-159.
- BOURDIEU, Pierre. 2009 [1980]. O senso prático, Petrópolis: Vozes.
- BOURDIEU, Pierre. 2019. A dominação masculina. São Paulo: Bertrand Brasil.
- CARVALHO, Edgar de Assis. 1981. Godelier: Antropologia. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- CLASTRES, Pierre. 1995 [1972]. Crônica dos índios Guayaki. São Paulo: 34.
- CLASTRES, Pierre. 2003 [1974]. A sociedade contra o estado. São Paulo: Cosac Naify.
- CLASTRES, Pierre. 2004 [1980] Arqueologia da violência. São Paulo: Cosac Naify.
- DELEUZE, Gilles. 1982 [1973]. Em que se pode reconhecer o estruturalismo?. In: François CHÂTELET (org.). História da filosofia (vol. 8). Rio de Janeiro: Zahar.
- DUMONT, Louis. 2000 [1976]. Homo aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru: Edusc.
- FELDMAN-BIANCO, Bela & LINS RIBEIRO, Gustavo. 2003. Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: UnB.
- FOUCAULT, Michel. 1971 [1979]. Arqueologia do saber. Petrópolis: Vozes
- FOUCAULT, Michel. 1979. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel. 1999 [1966]. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes.
- GEERTZ, Clifford. 1966 [1964]. A transição para a humanidade. In: Sol TAX (org.). Panorama da antropologia. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. p. 31-43.
- GEERTZ, Clifford. 1997 [1983]. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes.
- GEERTZ, Clifford. 2001 [2000] Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar.
- GEERTZ, Clifford. 2002 [1989]. Obras e vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ.
- GEERTZ, Clifford. 2004 [1968]. Observando o Islã. Rio de Janeiro: Zahar.
- GODELIER, Maurice. 2001 [1996]. O enigma do dom. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- GOODY, Jack. 2012 [1977]. A domesticação da mente selvagem. Petrópolis: Vozes.
- GOODY, Jack. 2012 [2010]. O mito, o ritual e o oral. Petrópolis: Vozes.
- GOODY, Jack. 2019 [1986]. A lógica da escrita e a organização da sociedade. Petrópolis: Vozes.
- HERITIÉR, Françoise. 1998. Masculino/Feminino: o pensamento da diferença. Lisboa: Instituto Piaget.
- JAKOBSON, Roman. 1976. Seis lições sobre o som e o sentido. São Paulo: Martins Fontes.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1957 [1955]. Tristes trópicos. São Paulo: Anhembi.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1968. O triângulo culinário. In: Lévi-Strauss (Série L'Arc). São Paulo: Documentos, p. 24-35.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1976 [1973]. Antropologia estrutural dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1981 [1979]. A via das máscaras. Lisboa: Presença.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986 [1983]. O olhar distanciado. Lisboa: Edições 70.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986 [1984]. Minhas palavras. São Paulo: Brasiliense.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986 [1985]. A oleira ciumenta. São Paulo: Brasiliense.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1987 [1978]. Mito e significado. Lisboa: Edições 70.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1992 [1991]. História de lince. São Paulo: Brasiliense.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1997 [1993]. Olhar, escutar, ler. São Paulo: Companhia das Letras.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2003 [1950]. Introdução à Obra de Marcel Mauss. In: Marcel MAUSS. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, p. 11-46.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2004 [1967]. Mitológicas 2: do mel às cinzas. São Paulo: Cosac Naify.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2006 [1968]. Mitológicas 3: a origem dos modos à mesa. São Paulo: Cosac Naify.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008 [1952]. O suplício do Papai Noel. São Paulo: Cosac Naify.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2011 [1971]. Mitológicas 4: o homem nu. São Paulo: Cosac Naify.
- MEILLASSOUX, Claude. 1977 [1976]. Mulheres, celeiros e capitais. Lisboa: Afrontamento.
- MEILLASSOUX, Claude. 1995 [1986]. Antropologia da escravidão: entre o ventre de ferros e o dinheiro. Rio de Janeiro: Zahar.
- MINTZ, Sidney. 2003. O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados. Recife: UFPE.
- MINTZ, Sidney. 2012 [1979]. A escravidão e a ascensão dos campesinatos, Clio: Revista de Pesquisa Histórica.
- POUILLON, Jean. 1966. Apresentação: uma tentativa de definição. In: Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar, p. 7-27.
- RICOEUR, Paul. 1968 [1965]. Estrutura e hermenêutica. In: COSTA LIMA, Luís (org.). O estruturalismo de Lévi-Strauss, p. 157-191.
- SAHLINS, Marshall. 1974 [1968]. Sociedades tribais. Rio de Janeiro: Zahar.
- SAHLINS, Marshall. 1997. "O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um 'objeto' em via de extinção (partes I e II), Mana 3 (1): 41-73; Mana 3 (2): 103-150.
- SAHLINS, Marshall. 2001 [1995]. Como pensam os "nativos": sobre o Capitão Cook, por exemplo. São Paulo: EdUsp.
- SAHLINS, Marshall. 2003 [1976]. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: Zahar.
- SAHLINS, Marshall. 2004 [2000]. Cultura na prática. Rio de Janeiro: UFRJ.
- SAHLINS, Marshall. 2004 [2002]. Esperando Foucault, ainda. São Paulo: Cosac Naify.
- SAHLINS, Marshall. 2006 [2004]. História e cultura: apologias a Tucídides. Rio de Janeiro: Zahar.
- SAHLINS, Marshall. 2008 [1981]. Metáforas históricas e realidades míticas. Rio de Janeiro: Zahar.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1970 [1916]. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix.
- SCHNEIDER, David Murray. 2016 [1968]. Parentesco americano: uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes.
- SPERBER, Dan. 1992 [1982]. O saber dos antropólogos. Lisboa: Edições 70.
- TAUSSIG, Michael. 2010 [1980]. O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul. São Paulo: Unesp.
- TROUILLOT, Rolph-Michel. 2016 [1995]. Silenciando o passado: poder e a produção da história. Curitiba: huya.
- WACQUANT, Loïc. 2002 [1989]. Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- WOLF, Eric R. 2005 [1982] A Europa e os povos sem história. São Paulo: EdUsp.

DAA XXX - Fundamentos da Pesquisa Etnográfica

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Etnografia como fundamento da antropologia. Aspectos epistemológicos, metodológicos e técnicos do trabalho de campo, bem como os aspectos teóricos, conceituais, éticos e críticos que o envolvem. A temática dos direitos humanos será abordada como aspecto base da formação e conduta ética na pesquisa antropológica. O curso percorrerá os principais elementos da investigação empírica: a experiência da observação participante, coleta de dados, interação comunicativa e abordará as principais discussões em torno da escrita e produção etnográfica: elaboração textual, produtos audiovisuais, descrição e comparação. Unidades: 1) Etnografia e observação participante: ética, autoria e autoridade; 2) Outras práxis etnográficas (multissituada, online/offline, multiespécies, experimentações etnográficas); 3) Escrita e outros produtos etnográficos (texto, filme, imagem, performance, outros).

Syllabus (Fundamentals of Ethnographic Research)

Ethnography as the foundation of anthropology. Epistemological, methodological and technical aspects of the field work as well as the theoretical, conceptual, ethical and critical aspects that involve it. Human rights will be treated as base for ethics in anthropological research. The course will cover the main elements of empirical research: the experience of participant-observation, data collection, communicative interaction and will address the main discussions around ethnographic writing and production: textual elaboration, audiovisual products, description and comparison. Units: 1) Ethnography and participant-observation: ethics, authorship and authority; 2) Other ethnographic practices (multi-situated, online/offline, multi-species, ethnographic experiments); 3) Writing and other ethnographic products (text, film, image, performance, others).

Bibliografia básica:

AGIER, Michel. 2015. Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação. São Paulo: Unesp.

ALBERT, Bruce. 2014 [1997]. “‘Situação etnográfica’ e movimentos étnicos: notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano”, Campos 15 (1): 129-144

CLIFFORD, James. 1983 [1998]. Sobre a autoridade etnográfica. In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no séc. XX. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 17-62.

GEERTZ, Clifford. 1989 [1973]. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 278-321.

INGOLD, Tim. 2015. “O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção”, Horizontes Antropológicos 44: 21-36.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1976 [1922]. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: Os argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores), p. 17-34.

MARCUS, George. 2001. [1995] “Etnografia en/del sistema mundo: el surgimiento de la etnografía multilocal”, Alteridades 11 (22): 111-127.

MEAD, Margareth. 1971 [1949]. “O significado das perguntas que fazemos” e “Como escreve um antropólogo”. In: Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis: Vozes. pp. 21-53

RIFIOTIS, Theophilos. 2016. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação, Revista Brasileira de Ciências Sociais 21 (90): 85-98.

STRATHERN, Marilyn. 2014 [1999]. O efeito etnográfico. In: O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, p.345-405.

Bibliografia complementar:

ATTANÉ, Anne & LANGEWIESCHE, Katrin. 2005. “Reflexões metodológicas sobre os usos da fotografia na antropologia”, Cadernos de Antropologia e Imagem 21 (2): 133-51.

BATESON, Gregory e MEAD, Margaret. 1985 [1946]. Balinese character: a photographica Analysis. New York: NY Academy of Sciences.

- BOHANNAN, Laura. 1966. "Shakespeare entre os Tiv". (Mimeo). 5 p.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, 1995. O lugar (e em lugar) do método, Série Antropologia 190: 14 p.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever", Revista de Antropologia 39 (1): 13-37.
- CESARINO, Letícia. 2014 "Uma antropologia multissituada e a questão da escala: reflexões com base no estudo da cooperação Sul-Sul brasileira", Horizontes Antropológicos 10 (41): 19-50.
- DAMATTA, Roberto, 1978. O ofício do etnólogo, ou como ter "anthropological blues". In E. O. NUNES (org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, p. 23-35.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 2005 [1976]. Apêndice IV: algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo. In: Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, p. 243-255.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005 [1990]. "Ser afetado", Cadernos de Campo 13: 155-161.
- FOOTE-WHYTE, William. 1975 [1943]. Treinando a observação participante In: Alba ZALUAR (org.). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p.77-86.
- FONSECA, Claudia. 2008. "O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'", Teoria e Cultura 2 (1/2): 39-53.
- GOLDMAN, Marcio. 2006. "Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica", Etnográfica 10 (1): xxx-xxx.
- INGOLD, Tim. 2015 [2011]. Antropologia não é etnografia. In: Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrições. Petrópolis: Vozes, p. 327-247.
- KUSCHNIR, Karina. 2014. "Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa", Cadernos de Arte e Antropologia 3 (2): 23-46.
- LATOUR, Bruno. 2001 [1999]. Referência circulante: amostragem do solo da floresta amazônica. In: A esperança de Pandora. Bauru: EDUSC, p. 39-96.
- MARCUS, George. 2018 [2011]. "Etnografía multisituada: reacciones y potencialidades de un ethos del método antropológico durante las primeras décadas de 2000", Etnografías Contemporáneas 4 (7): 177-195.
- MILLER, Daniel & SLATER, Don. 2004. Etnografía on e off-line: cibercafés em Trinidad, Horizontes Antropológicos 10 (21): 41-65.
- NADER, Laura. 1972. Up the anthropologist: perspectives gained from studying up. In: Dell HYMES (ed.). Reinventing anthropology. New York: Pantheon Books, p. 284-311.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. 2008. "Imagem, magia e imaginação: desvios ao texto antropológico", Mana 14 (2): 455-457.
- ROUCH, Jean. 1958. Moi, un noir. Fra, 73 min.
- OLIVEIRA Fo, João Pacheco. 1999. Fazendo etnologia com os caboclos do Quirino: Curt Nimuendajú e a história Ticuna. In: Ensaio de antropologia histórica. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 60-99.
- PEIRANO, Mariza. 2014. "Etnografia não é método", Horizontes Antropológicos 20 (42): 377-391.
- PINNEY, Christopher. 1996. "A história paralela da antropologia e da fotografia", Cadernos de Antropologia e Imagem 2: 29-52.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. 2014. "O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia", Cadernos de Antropologia e Imagem 3 (2): 57-67.
- STOCKING, George W. 1983. The ethnographers's magic: the development of fieldwork in British anthropology from Tylor to Malinowski. In: G.W. STOCKING (ed.). Observers observed. Madison: University of Wisconsin Press. (History of Anthropology), p. 70-120.

SÜSSEKIND, Felipe. 2018. "Sobre a vida multiespécie", Revista do Instituto de Estudos Brasileiros 69: 159-178.

TAUSSIG, Michael. 1993 [1987]. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

TSING, Anna. 2019. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB.

WOLF, Eric. 2003. Trabalho de campo e teoria. In: FELDMAN-BIANCO, Bela & LINS RIBEIRO, Gustavo. Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: UnB, p 345-360.

DAAXX – Patrimônio Cultural

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Patrimônio Cultural: natureza, identificação, preservação e salvaguarda. Patrimônio Cultural versus Patrimônio Natural: implicações sobre educação patrimonial e educação ambiental. Patrimônio material e patrimônio imaterial considerados na interface entre Arqueologia, Antropologia e História. Patrimônio cultural no Brasil: diversidade e representatividade das culturas indígenas e afro-americanas. Questões éticas; de quem é o patrimônio? Aplicação de abordagem ligada à formação extensionista como mecanismo de reflexão sobre as relações do patrimônio cultural com a diversidade de agentes na sociedade, e com a educação das relações étnicorraciais.

Syllabus (Cultural Heritage)

Cultural heritage: nature, identification, preservation and safeguarding. Cultural heritage versus Natural heritage: implications to Heritage Education and Environmental Education. Tangible and intangible heritage from the interconnections between Archaeology, Anthropology and History. Cultural heritage in Brazil: diversity and representation of indigenous and afro-american culture; ethical issues; who owns heritage? Application of extensionist approach as a means to think upon cultural heritage relation to the diversity of agents in society.

Bibliografia básica:

ARANTES NETO, A. A. 2005. Apresentação. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Patrimônio imaterial e biodiversidade, no. 33, p. 5 a 11.

CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela. 2009. "Cultura" e Cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naif.

DELGADO, Andréa Ferreira. 2005. Goiás: a invenção da cidade "Patrimônio da Humanidade". In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 113-143, jan/jun.

FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C. A. 2006. Patrimônio Histórico e Cultural. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

GALLOIS, Dominique T. 2006. O Que é patrimônio cultural imaterial?. In: Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas, editado por Dominique T. Gallois. São Paulo: IEPÉ. Disponível em <http://www.institutoiepe.org.br/infoteca.html>

GONÇALVES, José Reginaldo S. 1996. "Patrimônio cultural e narrativas nacionais". In: A Retórica da Perda. Editora UFRJ/MinC-Iphan.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 2007. Monumentalidade e Cotidiano. In: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro.

HOBBSAWN, Eric. 2002. Introdução: A Invenção das Tradições. In: Hobsbawn, Eric; Ranger, Terrence (orgs.) A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz; INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL); MUSEU IMPERIAL

(BRASIL). 1999. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN; Petrópolis, RJ: Museu Imperial.

IPHAN. Cartas patrimoniais. 1995. Brasília: Ministério da Cultura: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 343p.

Lima Filho, Manoel Ferreira & Marcia Bezerra, Eds. 2006. Os caminhos do patrimônio no Brasil. Goiânia, Alternativa.

SERRA, Olympio. 1984. Questões de identidade cultural. In: ARANTES, Antônio Augusto (org). Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense.

TAMASO, Izabela M. 2012. Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e à identidade. In: PAULA, MENDONÇA & ROMANELLO (orgs) Polifonia do Patrimônio. Londrina: Eduel.

Bibliografia complementar:

ABREU, Regina. 2009. Patrimônio Genético. In: LIMA FILHO, Manuel F.; ECKERT, Cornelia; ARANTES, Antonio. Sobre Inventários e outros instrumentos de salvaguarda do patrimônio cultural intangível: ensaios de antropologia pública. In Anuário Antropológico 2007/2008. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro.

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de. 2008. MUSEU HISTÓRICO NACIONAL (BRASIL). Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 366 p.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. 2009. Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 379 p.

FONSECA, Maria Cecília Londres. 2000. Referências Culturais: bases para novas políticas de patrimônio. In: IPHAN. O Registro do Patrimônio Imaterial – Dossiê final das atividades da comissão e do Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial. Brasília: IPHAN.

IPHAN. 2016. Portaria Nº 200, de 18 de maio de 2016, Dispõe sobre a regulamentação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial - PNPI. Brasília, IPHAN.

LIMA FILHO, Manuel F. e ABREU, Regina. 2007. A Antropologia e o Patrimônio Cultural no Brasil. In: Lima Filho, Manuel Ferreira; Eckert, Cornélia; Beltrão, Jane. (Org.). Antropologia e Patrimônio Cultural no Brasil - Diálogos e Desafios Contemporâneos. ABA/Letra Nova.

PRICE, Nicholas Stanley. 1996. Historical and philosophical issues in the conservation of cultural heritage. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 500 p.

SANDRONI, Carlos. 2008. Questões em torno do dossiê do Samba de Roda. In: FALCÃO, A. (org). Registro e Políticas de Salvaguarda para as Culturas Populares. Série Encontros e Estudos, no. 6. IPHAN/CNFCP.

SANT'ANNA, Marcia. 2003. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. São Paulo: Ed DP&A, p. 49-58.

SANT'ANNA, Marcia. 2008. Políticas Públicas e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. In: FALCÃO, A. (org). Registro e Políticas de Salvaguarda para as Culturas Populares. Série Encontros e Estudos, no. 6. IPHAN/CNFCP.

DAA XXX - Arqueologia Brasileira

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

História da arqueologia no Brasil. Caracterização dos sítios arqueológicos brasileiros. Conceitos e terminologias empregados na pesquisa arqueológica no Brasil. O processo de ocupação

humana inicial do território. Processos de emergência e diversificação das sociedades pré-coloniais nas cinco regiões do território brasileiro. Arqueologias dos processos de conformação da sociedade moderna no Brasil. Temas e debates centrais da arqueologia pré-colonial e histórica no Brasil. Relações de gênero na prática profissional e na produção científica, na arqueologia brasileira. Ética na pesquisa arqueológica no Brasil, nas relações com o Estado, o Capital e as comunidades tradicionais.

Syllabus (Brazilian Archaeology)

History of archaeology in Brazil. Characterization of archaeological sites in Brazil. Concepts and terminology applied in Brazilian archaeology. The early human colonization of the territory. Processes of emergence and diversification of the pre-colonial societies in the five regions of the Brazilian territory. Archaeologies of the formation processes of modern Brazilian society. Central themes and debates in pre-colonial and historical archaeology in Brazil. Gender relations in the professional practice and scientific production in Brazil. Ethics in archaeological research in Brazil, thru relationships with the State, the Capital and traditional communities.

Bibliografia obrigatória

FUNARI, P; S. NOELLI . 2005. Pré-história do Brasil. São Paulo: Contexto.

MORALES, W.; MOI, F (orgs.). 2009. Cenários Regionais em Arqueologia. São Paulo: Annablume.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira, os primeiros colonizadores. 1. ed. Campo Grande: Carlini e Caniato/Tantatinta, 2019. v. 1, 864p.

RIBEIRO, L. 2017. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência. Revista de Arqueologia SAB 30 (1):210-234.

SYMANSKI, L. C. 2009. Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos 20 anos, In: W. Morales & F. Moi (eds.). Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira: 279-310. São Paulo: Annablume.

TENÓRIO, M. Pré-História da Terra Brasilis. 1999. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Bibliografia complementar

BARRETO, C. 1999. A construção de um passado pré-colonial: um breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, 44:32-51.

BARRETO, C.; LIMA; H.; BETANCOURT, C. 2016. *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. IPHAN, Museu Paraense Emílio Goeldi.

COPÉ, S. 2013. *12000 anos de história: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul* Porto Alegre: Editora da UFRGS.

DULCE, M. 2000. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FERREIRA, L. 2010. *Território Primitivo: A Institucionalização da Arqueologia no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

LIMA, T. A. 1999. El huevo de la serpiente: una arqueologia del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XIX, in: A. Zarankin & F. Acuto (eds.) *Sed non Satiata - Teoria Social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporánea*: 189-238. Buenos Aires: Ediciones Del Tridente.

MARTIN, G. 1996. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora da UFPE.

NEVES, E. 2006. *Arqueologia da Amazônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

NEVES, W.; PILÓ, L. 2008. *O Povo de Luzia. Em busca dos primeiros americanos*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

SCHANN, D. 2007. "Os filhos da serpente: rito, mito e subsistência nos cacicados da Ilha de Marajó", *International Journal of South American Archaeology* 1: 50-56.

DAA XXX - Métodos e Técnicas de Pesquisa Arqueológica

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Conceitos e princípios centrais da arqueologia. Métodos de prospecção, escavação e documentação de sítios arqueológicos. Sistematização de indexação do material arqueológico. Métodos de classificação, datação e análise do material arqueológico. Arqueologia, ambiente e reconstrução paleoambiental. Análise de captação de recursos, padrões de assentamento e análise distribucional. Arqueologia, impactos ambientais e educação ambiental. DNA antigo, análise de isótopos e inovações recentes na ciência arqueológica.

Syllabus (Archaeological Research Methods and Techniques)

Central concepts and principles of the archaeological science. Methods of survey, excavation, and documentation of archaeological sites. Systems of indexing of the archaeological material. Methods of classification, dating, and analysis of the archaeological material. Archaeology and paleoenvironmental reconstitution. Site catchment analysis, settlement patterns and distributional analysis. Archaeology, environmental impact and environmental education. A-DNA, isotopic analysis, and other recent innovations in the archaeological science.

Bibliografia básica

BICHO, N. 2006. *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70.

DUNNELL, R. 2007. *Classificação em Arqueologia*. São Paulo: EDUSP.

RENFREW, C.; BAHN, P. 1998. *Arqueología. Teoría, Métodos y Práctica*. Torrejon de Ardoz: Ed. Akal.

Bibliografia complementar

BARBOSA, M. 2011. Arqueologia de assentamentos: uma análise bibliográfica. In SILVA, D. O. *Despertar do Conhecimento na Colina Azulada*. São Cristóvão: Editora da UFS.

KPNIS, R. 1996. O uso de modelos preditivos para diagnosticar recursos arqueológicos em áreas a serem afetadas por empreendimentos de impacto ambiental. *Atas do Simpósio sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural*. Goiânia:IGPA/UCG.

LIMA, T. 1994. "De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas no século XIX". *Anais do Museu Paulista* 2(1).

NEVES, W. 1984. "A evolução do levantamento arqueológico na bacia do alto Guareí, SP", *Revista de Pré-história* 6: 225-234.

SILVA, F.; Carlos R. Appoloni; Fernando R. E. Quiñones; Ademilson O. Santos; Luzeli M. da Silva; Paulo F. Barbieri & Virgílio F. Nascimento Filho. 2004. A arqueometria e a análise de artefatos cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por fluorescência de raios X (EDXRF) e transmissão Gama. *Revista de Arqueologia* 17:41-61.

WUST, I; CARVALHO, H. 1996. "Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste: a análise espacial do sítio Guará 1", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 6:47-81.

DAA XXX - Antropologia IV

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Apresentação da pluralidade paradigmática da teoria antropológica contemporânea. O curso deverá fornecer os fundamentos das críticas à prática e à escrita antropológica suscitadas pelas seguintes vertentes: pós-modernismo; feminismo; pós-colonialismo e estudos culturais; virada ontológica e antropologia pós-social. Poderão ainda ser abordadas outras correntes

influentes na disciplina nas últimas décadas. Unidades: 1) Antropologia Pós-Moderna; 2) Feminismo; 3) Pós-colonialismos e estudos culturais; 4) Virada ontológica e antropologia pós-social.

Syllabus (Anthropology IV)

An overview of the paradigmatic plurality of contemporary anthropological theory. The course starts with the critiques of anthropology brought about by the post-modern anthropologists; by feminist theory; by post-colonial theory and cultural studies; as well as by the the ontological turn of post-social anthropology. Other contemporary influential currents in the discipline may also be of interest. Units: 1) Post-Modern Anthropology; 2) Feminism; 3) Post-colonialism and cultural studies; 4) The ontological turn and post-social anthropology.

Bibliografia básica:

- ABU-LUGHOD, Lila. 2018 [1991]. "A escrita contra a cultura", *Equatorial* 5 (8): 193-226.
- ASAD, Talal. 2018 [1973]. "Introdução a Anthropology and the colonial encounter", *Ilha: Revista de Antropologia* 19 (2): 313-327.
- CLIFFORD, James & MARCUS, George. 2016 [1986]. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens.
- GONZALEZ, Lélia. 1984. "Racismo e sexismo na cultura brasileira", *Ciências Sociais Hoje* 2: 223-244.
- HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mediação cultural*. Belo Horizonte: UFMG.
- LATOUR, Bruno. 1994 [1991]. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: 34.
- ORTNER, Sherry. 1979 [1974]. A mulher está para o homem assim como a natureza para a cultura?. In: Michelle Z. ROSALDO & Louise LAMPHERE (coords.). *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, p. 95-120.
- SAID, Edward. 1990 [1978]. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- STRATHERN, Marilyn. 2011 [1989]. "Entre uma melanesianista e uma feminista", *Cadernos Pagu* (8/9): 7-49.
- STRATHERN, Marilyn. 2014. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. "O nativo relativo", *mana* 8 (1): 113-148.
- WAGNER, Roy. 2010 [1975/1981]. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

Bibliografia complementar:

- ABU-LUGHOD, Lila. 2012 [2002]. "As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros", *Estudos Feministas* 20 (2): 451-470.
- ALBERT, Bruce & KOPENAWA, Davi. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Cia das Letras.
- ALMEIDA, Mauro B. 2013. "Caipora e outros conflitos ontológicos". *R@U* 5 (1): 7-28.
- ASAD, Talal. 2010 [1993]. "A construção da religião como uma categoria antropológica", *Cadernos de Campo* 19: 263-284.
- ASAD, Talal. 2011 [2003]. "Reflexões sobre crueldade e tortura", *Pensata* 1 (1): 164-187.
- BALLESTRIN, Luciana. 2013. "América Latina e o giro decolonial", *Revista Brasileira de Ciência Política* 11: 89-117.
- BHABHA, Homi K. 2003 [1994]. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- BUTLER, Judith. 2010 [1996]. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify.
- CÉSAIRE, Aimé. 1978 [1955]. *Discurso contra o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa.

- CHAKRABARTY, Dipesh. 2009 [1992]. "A pós-colonialidade e o artifício da história: quem fala em nome dos passados 'indianos'?" (mimeo). 26 pp.
- CHAKRABARTY, Dipesh. 2013 [2009]. "O clima da história: quatro teses", *Sopro* 91: 2-22.
- CHATTERJEE, Partha. 2004. *Colonialismo, modernidade e política*. Salvador: EdUFBA.
- CLIFFORD, James. 1994 [1993]. "Colecionando arte e cultura", *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 23: 69-89.
- CLIFFORD, James. 2013 [1988]. "Conte-me sobre sua viagem: Michel Leiris", *Revista de Ciências Sociais* 44 (2): 137-149.
- CLIFFORD, James. 2014. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- COMAROFF, Jean & COMAROFF, John. 2001. "Naturalizando a nação: estrangeiros, apocalipse e o estado pós-colonial", *Horizontes Antropológicos* 7 (15): 57-106.
- COMAROFF, Jean & COMAROFF, John. 2010. "Etnografia e imaginação histórica", *Proa – Revista de Antropologia e Arte* 2 (1/2): 1-72.
- COMAROFF, Jean & COMAROFF, John. 2014. "O retorno de Khulekani Khumalo, cativo de zumbis: impostura, lei, e paradoxos da noção de pessoa na África do Sul pós-colonial", *Significação* 41 (42): 186-211.
- DAS, Veena. 1999. "Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos", *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 14 (40): 31-42.
- DAS, Veena. 2007 [2002]. "Violência e tradução", *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* 6 (18): 435-444.
- DAS, Veena. 2011 [2007]. "O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade", *Cadernos Pagu* 37: 9-41.
- FABIAN, Johannes. 2013 [1983]. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Vozes.
- FANON, Frantz. 1968 [1961]. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FANON, Frantz. 2008 [1952]. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA.
- FISCHER, Michael. 1984. "Da antropologia interpretativa à antropologia crítica", *Anuário Antropológico* 83: 55-72.
- GELL, Alfred. 2018. [1998]. *Arte e agência*. São Paulo: Ubu.
- GILROY, Paul. 2001 [1993]. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: 34.
- GOLDMAN, Marcio. 2006. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. In: *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7Letras. pp. 13-22.
- HARAWAY, Donna. 1995 [1988]. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", *Cadernos Pagu* 5: 7-41.
- HARAWAY, Donna. 2009 [1985]. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*. In: Tadeu TOMAZ (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós humano*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 37-129.
- INGOLD, Tim. 2005 [2002]. "Humanidade e animalidade", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28: 39-53.
- INGOLD, Tim. 2012 [2010]. "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais", *Horizontes Antropológicos* 18 (37): 25-44.
- INGOLD, Tim. 2015 [2011]. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrições*. Petrópolis: Vozes.
- KOHN, Eduardo. 2016 [2007]. "Como os cães sonham: naturezas amazônicas e as políticas do engajamento transpécies", *Ponto Urbe* 19: 1-35
- LATOUR, Bruno. 2001 [1999]. *A esperança de Pandora*. Bauru: EDUSC.

- LATOUR, Bruno. 2002 [1996]. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. Bauru: Edusc.
- LATOUR, Bruno. 2012 [2005]. Reagregando o social. São Paulo: Edusc.
- MAHMOOD, Saba. 2006 [2005]. "Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito", *Etnográfica* 10 (1): 121-158.
- MARCUS, George. 1991. "Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial", *Revista de Antropologia* 34: 197-2214.
- MARCUS, George. 1994. "O que vem (logo) depois do 'pós-': o caso da etnografia", *Revista de Antropologia* 37: 7-34.
- MBEMBE, Achille. 2001 [2000]. "As formas africanas de auto-inscrição", *Estudos Afro-Asiáticos* 23 (1): 171-209.
- MBEMBE, Achille. 2015 [2000]. "O tempo que se move", *Cadernos de Campo* 24: 369-397.
- MBEMBE, Achille. 2018 [2003]. *Necropolítica*. São Paulo: n-1.
- MBEMBE, Achille. 2019 [2010]. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes.
- MIGNOLO, Walter. 2008 [2007]. "Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política", *Caderno de Letras da UFF* 34: 287-324.
- MOL, Annemarie. 2008 [1999]. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In: João Arriscado NUNES & Ricardo ROQUE (orgs). *Objectos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Lisboa: Afrontamento.
- MUDIMBE, Valentin-Yves. 2013 [1988]. *A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Mangualde: Pedagogo.
- NKRUMAH, Kwame. 1967 [1965]. *Neocolonialismo: o último estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PRATT, Mary-Louise. 1999 [1992]. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc.
- PRECIADO, Paul B. 2017 [2002]. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1.
- RABINOW, Paul. 2002. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- ROSALDO, Michele. 1995 [1980]. "O uso e abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural", *Horizontes Antropológicos* 1 (1): 11-36.
- RUBIN, Gayle. 2017 [1975]. O tráfico de mulheres. In: *Políticas do sexo*. São Paulo, UBU. pp. 9-61.
- SCOTT, David. 2017 [1991]. "Aquele evento, esta memória: notas sobre a antropologia das diásporas africanas no Novo Mundo", *Ilha: Revista de Antropologia* 19 (2): 277-312.
- SPIVAK, Gayatri. 2010 [1988]. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: UFMG.
- STENGERS, Isabelle. 2002 [1993]. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: 34.
- STENGERS, Isabelle. 2017 [2012]. "Reativar o animismo", *Caderno de Leituras* 62: 1-15.
- STENGERS, Isabelle. 2018 [2007]. "A proposição cosmopolítica", *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 69: 442-464.
- STRATHERN, Marilyn. 1995. "Necessidade de pais e necessidade de mães", *Estudos Feministas* 3 (2): 303-330.
- STRATHERN, Marilyn. 2006 [1988]. *O gênero da dívida*. Campinas: Unicamp.
- STRATHERN, Marilyn. 2015 [2005]. *Parentesco, direito e o inesperado: parentes são sempre uma surpresa*. São Paulo: Unesp.
- TAUSSIG, Michael. 1993 [1987]. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.

TSING, Anna. 2015 [2012]. "Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras", *Ilha: Revista de Antropologia* 17 (1): 178-201.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1986. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Zahar.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify

WAGNER, Roy. 2010 [1974]. "Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?", *Cadernos de Campo* 19: 237-257.

WAGNER, Roy. 2017 [1986]. *Símbolos que representam a si mesmos*. São Paulo: Unesp.

DAA XXX - Arqueologia e Coletivos Contemporâneos

Carga Horária: 60h

Natureza: Obrigatória

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Introdução aos estudos de arqueologia com coletivos humanos. Origens da etnoarqueologia, suas principais correntes e contribuições teóricas e metodológicas para a disciplina. Críticas e desdobramentos sobre as práticas arqueológicas com populações vivas, discussões sobre ética na pesquisa e responsabilidade social. A prática da pesquisa e da profissão de arqueólogo(a) como elemento ativo na defesa dos direitos humanos. Panorama sobre as discussões a respeito da colaboração ativa com outros grupos e as possibilidades de diálogos com outros sistemas de conhecimento, incitando ao respeito pelas diferenças étnicas e culturais.

Syllabus (Archaeology and Contemporary Collectives)

Introduction to studies on archaeology and living human communities. Origins of Ethnoarchaeology, main theoretical currents, its theoretical and methodological contributions to the discipline. Critics and impacts on archaeological practices with living people, debates on ethics and social responsibilities. Archaeological research and professional practice as defense of human rights. Prospect of debates on collaboration and possibilities of dialogues with different knowledge systems, fostering respect for cultural and ethnic difference.

Bibliografia básica:

Battle-Baptiste, Whitney. 2011. *Black Feminist Archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press. 199p.

Binford, Lewis R. 1983. *Em busca do passado - A descodificação do registro arqueológico*. Portugal: Publicações Europa-América.

Castañeda, Quetzil & Christopher Matthews (ed). 2008. *Ethnographic Archaeologies: Reflections on Stakeholders and Archaeological Practices*. Plymouth: Altamira Press.

GNECCO, Cristóbal. 2011. *Indigenous peoples and archaeology in Latin America*: Cristóbal Gnecco, Patricia Ayalla (editores). Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 365 p.

González-Ruibal, Alfredo. 2003. *La experiencia del otro: Una introducción a la etnoarqueología*. Madrid: Ediciones Akal.

GOSDEN, Chris. 1999. *Anthropology and archaeology: a changing relationship*. London; New York: Routledge, 228 p.

Green, Lesley Fordred; David R. Green & Eduardo Góes Neves. 2003. "Indigenous Knowledge and Archaeological Science: The Challenges of Public Archaeology in the Reserva Uaçá", *Journal of Social Archaeology* 3 (3):365-397.

Haber, Alejandro. 2017. *Al otro lado del vestigio: políticas del conocimiento y arqueología indisciplina*. Buenos Aires: Del Signo.

Hamilakis, Yannis & Aris Anagnostopoulos. 2009. "What is Archaeological Ethnography?", *Public Archaeology Archaeological Ethnographies*, 8 (2-3):65-87.

Machado, Juliana Salles. 2017. "Arqueologias indígenas, os Laklãnõ Xokleng e os objetos do pensar", *Revista de Arqueologia SAB* 30 (1):89-119.

Silva, Fabíola Andréa. 2002. "Mito e Arqueologia: A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatínemu – Pará", *Horizontes Antropológicos*. 8 (18): 175-187.

Smith, Claire & H. Martin Wobst (ed.) 2005. *Indigenous Archaeologies: Decolonizing theory and practice*. Abingdon/ New York: Routledge.

Tuhiwai Smith, Linda. 2018. *Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas*. Curitiba: Editora UFPR, 239p.

Wust, Irmhild. 1992. "Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo", *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia - USP* (2):13-26.

HODDER, Ian. 1994. *Interpretacion en arqueologia: corrientes actuales*. Barcelona: Critica.

Bibliografia complementar:

Bezerra, Marcia. 2013. "Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia", *Revista de Arqueologia Pública*. 7 (Julho): 107-122.

BINFORD, Lewis R. 1978. *Numamiut ethnoarchaeology*. New York: Academic Press, 509 p.

BOWSER, Brenda & PATTON, John. "Domestic Spaces as Public Places: An Ethnoarchaeological Case Study of Houses, Gender, and Politics in the Ecuadorian Amazon", *Journal of Archaeological Method and Theory*, Vol. 11, No. 2. 2004.

Cabral, Mariana Petry. 2013. "'E se todos fossem arqueólogos?': experiências na Terra Indígena Wajãpi", *Anuário Antropológico* 39 (2):115-132.

EDWARDS, Elizabeth; GOSDEN, Chris; PHILLIPS, Ruth B. 2006. *Sensible objects: colonialism, museums, and material culture*. Oxford; New York: Berg, xiv, 306 p. (Wenner-Gren international symposium series). ISBN 9781845203245 (pbk.).

GNECCO, Cristóbal; DIAS, Adriana Schmidt. 2017. *Crítica de la razón arqueológica: arqueología de contrato y capitalismo*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e História, 311 p.

GOSDEN, Chris; KNOWLES, Chantal. 2001. *Collecting colonialism: material culture and colonial change*. Oxford: Berg, 234 p.

Hartemann, Gabby & Irislane Pereira de Moraes. 2018. "Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia", *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. 12 (2): 7-34.

Hodder, Ian. 1982. *Symbols in action. Ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 244 p.

Isnardis, Andrei. 1997. "Pinturas rupestres urbanas: uma etnoarqueologia das pichações em Belo Horizonte", *Revista de Arqueologia SAB* 10:143-161.

MOI, Flávia Prado. 2007. *Os Xerente: um enfoque etnoarqueológico*. São Paulo/ Porto Seguro: AnnaBlume/Acervo, p. 17-30 .

NELSON, Margaret. 2000. *Abandonment. Conceptualization, representation, and social change*. In: SCHIFFER, Michael (ed.). *Social Theory in Archaeological*. Salt Lake City: University of Utah Press.

POLITIS, Gustavo. 2002. "Acerca de la Etnoarqueología en América del Sur", *Horizontes Antropológicos*. v. 8, n 18. Porto Alegre.

Silva, Fabíola A.; Eduardo Bsepalez & Francisco F. Stuchi. 2011. "Arqueologia Colaborativa na Amazônia: Terra Indígena Kuatínemu, Rio Xingu, Pará". *Amazônica* 3 (1):32-59.

Silva, Fabíola Andréa. 2012. "O plural e o singular das arqueologias indígenas", *Revista de Arqueologia SAB*. 25 (2): 24-42.

SILVA, Fabíola. 2009. "A Etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas", Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas. v. 4, n.1: 27-37. Belém.

SKIBO, James & SCHIFFER, Michael. 2001. Understanding Artifact Variability and Change: a behavioral framework. In: SCHIFFER, M. (ed.) Anthropological Perspectives on Technology. Albuquerque: University of New Mexico Press. 2001, p. 139-150.

STEWART, Andrew M.; KEITH, Darren & SCOTTIE, Joan. 2004. "Caribou Crossing and Cultural Meanings: Placing Traditional Knowledge and Archaeology in Context in an Inuit Landscape", Journal of Archaeological Method and Theory. V. 11, n. 2, p. 181-211.

ZEDEÑO, Maria Nieves. 1997. "Landscape, Land Use, and the History of Territory Formation: An Example from the Puebloan Southwest", Journal of Archaeological Method and Theory. V.1, n. 1: 69-93.

DAA XXX – Antropologia das Elites

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

As elites como campo de estudo antropológico; elites e ordens institucionais; padrões simbólicos de comportamento e grupos de interesse; como as elites mantêm sua distinção social e suas posições. Possibilidades de pesquisa etnográfica em comunidades de elite, cuja análise atravessa a observação das dimensões culturais e sociais das práticas de autoridades e burocratas em diferentes instituições públicas, privadas ou multilaterais (e.g. agências estatais, grandes empresas e corporações transnacionais, escritórios de advocacia, organizações internacionais, grupos de mídia, entre outras). Desafios éticos, teóricos e metodológicos dos pesquisadores que ingressam nesse campo.

Syllabus (Anthropology of Elites)

Elites as a field of anthropological study; institutional elites and orders; symbolic patterns of behavior and interest groups; how elites maintain their social distinction and their positions. Possibilities for ethnographic research in elite communities, whose analysis crosses the observation of the cultural and social dimensions of the practices of authorities and bureaucrats in different public, private, or multilateral institutions (e.g., state agencies, large transnational corporations and corporations, law firms, international organizations, media groups, among others). Ethical, theoretical and methodological challenges for researchers entering this field.

Bibliografia básica:

ABÉLÈS, Marc & BADARÓ, Máximo. 2015. Los encantos del poder: Desafíos de la antropología política. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores. Capítulos 3 e 4.

BRONZ, Débora. 2014. Experiências e contradições na etnografia de práticas empresariais. In: Castilho, Sousa Lima; Teixeira (orgs.) Antropologia das Práticas de Poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj.

COHEN, Abner. 1978. O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Introdução e Capítulo 6

DE SOUZA, Adriana Barreto. 2009. Pesquisando em arquivos militares. In: Celso Castro e Piero Leiner (orgs.) Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro: Editora FGV.

DUATE, Luiz Fernando Dias. 2017. Valores cívicos e morais em jogo na Câmara dos Deputados: a votação sobre o pedido de impeachment da Presidente da República. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 37(1): 145-166.

FERREIRA, Letícia Carvalho de Mesquita (2014). O etnógrafo, o burocrata e o “desaparecimento de pessoas” no Brasil: notas sobre pesquisar e participar da formulação de uma causa. In: Sergio Ricardo Rodrigues Castilho, Antônio Carlos de Sousa Lima e Carla Costa Teixeira (orgs.). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj

HERZFELD, Michael. 2016 [1992]. A produção social da indiferença: Explorando as raízes simbólicas da burocracia ocidental. Petrópolis, RJ: Vozes. Introdução & Capítulo 3: “A criatividade dos estereótipos”.

LIMA, Antônia Pedrosa de. 1999. “Sócios e parentes: valores familiares e interesses econômicos nas grandes empresas familiares portuguesas”, Etnográfica, Vol. III (1), p. 87-112.

MARCUS, George. 2010 [1983]. Elite Communities and Institutional Orders. In: George Marcus, ed. Elites: Ethnographical Issues. London, New York: Routledge.

NADER, Laura. 1972. Reinventando a antropologia: perspectivas obtidas desde o estudo das elites. (Tradução independente: Rafael Costa) “Up the Anthropologist: perspectives gained from studying up”. In: Hyme, Dell (ed.) Reinventing Anthropology. New York: Random House, p. 284-331.

SHORE, Cris. 2010. La antropología y el estudio de la política pública: reflexiones sobre la “formulación” de las políticas. Antípoda nº 10. Enero-Junio, 2010, p. 21-49.

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de; CASTRO, João Paulo Macedo e. 2015. “Notas para uma Abordagem Antropológica da(s) Política(s) Pública(s)”, Revista Antropológicas. A 19, 26(2): 17-54.

SOUZA, Jesse. 2017. A elite do atraso: Da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Leya.

VECCHIOLI, Virginia; BADARÓ, Máximo. 2009. “Algunos dilemas y desafíos de una antropología de las elites”, Etnografías contemporáneas, Año 4, Vol 4, 7-20, UNSAM Edita.

Bibliografia complementar:

RABINOW, Paul. 2006. Midst Anthropology’s Problems. In: Aihwa Ong e Stephen J. Collier (eds.). Global Assemblages: technology, politics, and ethics as anthropological problems. Malden, Oxford and Victoria: Blackwell Publishing.

TEIXEIRA, Carla; LIMA, Antônio Carlos de Sousa. 2010. A antropologia da administração e da governança no Brasil: área temática ou ponto de dispersão?. In: Martins, C. B.; Duarte, L. F. (org.) Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Antropologia. São Paulo: ANPOCS

VIANA, Adriana. 2014. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: Sergio Ricardo Rodrigues Castilho, Antônio Carlos de Sousa Lima e Carla Costa Teixeira (orgs.). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj.

ZHOURI, Andréa. 2002. O fantasma da internacionalização da Amazônia revisitado: Ambientalismo, direitos humanos e indígenas na perspectiva de militares e políticos brasileiros. In: XXVI Encontro Anual da ANPOCS. GT11 – O desenvolvimento sustentável em questão na Amazônia brasileira. Caxambu, outubro de 2002.

DAA XXX – Antropologia das Emoções

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

O campo da antropologia das emoções: essencialismo, relativismo, historicismo e contextualismo. Discurso emotivo e interação social. Emoção, gênero e sexualidades. Emoção, micropolítica e micro-hierarquias. Emoção e movimentos sociais. A construção histórica das

emoções nas sociedades ocidentais modernas. Perspectivas etnográficas na antropologia das emoções.

Syllabus (Anthropology of Emotions)

The field of anthropology of emotions: essentialism, relativism, historicism and contextualism. Emotion discourse and social interaction. Emotion, gender and sexualities. Emotion, micropolitics and micro-hierarchies. Emotion and social movements. The historical construction of emotions in modern Western societies. Ethnographic perspectives in the anthropology of emotions.

Bibliografia Obrigatória:

CLARK, Candace. 1997. "Sympathy, Microhierarchy and Micropolitics" in *Misery and company: sympathy in everyday life*. Chicago; London: The University of Chicago Press.

COELHO, Maria Cláudia. 2010. "Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções". *Mana: Estudos em Antropologia Social*. vol 16, n.2, Rio de Janeiro, outubro de 2010. <http://www.scielo.br/pdf/mana/v16n2/01.pdf>

COELHO, Maria Cláudia. 2019. "As Emoções e o Trabalho Intelectual", *Horizontes Antropológicos*, 2019, vol.25, n.54, p. 273-297. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ha/v25n54/1806-9983-ha-25-54-273.pdf>

LUTZ, Catherine & ABU-LUGHOD, Lila (ed.). 1990. *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University.

ROSALDO, Michele Zimbalist. 2019. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. *RBSE: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 54, pp. 31-49, dezembro de 2019. Disponível em http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RosaldoArt_RBSEv18n54dez2019.pdf

REZENDE, Claudia B. & COELHO, Maria Cláudia. 2010. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: FGV.

Bibliografia complementar:

BISPO, Raphael. 2016. Tempos e silêncios em narrativas: etnografia da solidão e do envelhecimento nas margens do dizível. *Etnográfica* (Lisboa, v. 20 (2), p. 251-274, 2016. <https://journals.openedition.org/etnografica/4268>

BISPO, Raphael & COELHO, Maria Cláudia. 2019. "Emoções, Gênero e Sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções", *Cadernos de Campo*, v. 28, n. 2.

BUTLER, Judith. 2019 [2004]. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

CAMPBELL, Colin. 2001. *A ética romantica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco.

CASTRO, Eduardo Viveiros de; ARAÚJO, Eduardo Benzaquem de. 1997. *Romeu e Julieta e a origem do Estado*. In: VELHO, Gilberto. *Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 130-169.

COELHO, Maria Claudia & REZENDE, Claudia Barcelos (Orgs.). 2011. *Cultura e Sentimentos: ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Editora Contracapa.

DAS, Veena. 2020. *Vidas e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp.

DIAZ-BENITEZ, María Elvira. 2019. "O gênero da humilhação. Afetos, relações e complexos emocionais", *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 25, n. 54, p. 51-78, ago. 2019. <https://www.scielo.br/pdf/ha/v25n54/1806-9983-ha-25-54-51.pdf>

DUARTE, Luiz Fernando Dias. 1999. *O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna*. In: Heilborn, M.L. (org.) *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- FONSECA, Claudia. 2004. "Humor, Honra e Relações de Gênero". Família, fofoca e honra. Porto Alegre: UFRGS.
- FREIRE FILHO, João (Org.). 2010. Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- FOUCAULT, Michel. 2004. Sexualidade e Solidão. In: Barros da Mota, Manuel (org). Ética, Sexualidade e Política. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária. [coleção "Ditos e Escritos", vol. V]
- GAY, Peter. 1995. Mensur: a acariciada cicatriz. In O Cultivo do Ódio. São Paulo: Cia. das Letras.
- HOCHSCHILD, Arlie Russel. 2013. Trabalho Emocional, regras de sentimento e estrutura social. In: COELHO, Maria Cláudia (org). Estudos Sobre Interação: textos escolhidos. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- HUNT, Lynn. 2009. Torrentes de emoções: lendo romances e imaginando a igualdade. In A Invenção dos Direitos Humanos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KILOMBA, Grada. 2019. A máscara: colonialismo, memória, trauma e descolonização. In Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. 2019. Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo. In Irmã Outsider. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- MAUSS, Marcel. 1979. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: Cardoso de Oliveira, R. (Org.). Mauss: antropologia. São Paulo: Ática.
- MARTIN, Emily. 2006. Síndrome pré-menstrual, disciplina no trabalho e raiva. In A Mulher no Corpo: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- MISKOLCI, Richard & CAMPANA, Maximiliano. 2017. "'Ideologia de gênero': notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo", Sociedade e Estado, vol. 32, n. 03, setembro/dezembro de 2017. <http://www.scielo.br/pdf/se/v32n3/0102-6992-se-32-03-725.pdf>
- MOORE, Henrietta. 2000. "Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência", Cadernos Pagu (14), 2000. p.13-44. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635341/3140>
- MUGABE, Nelson. 2019. "Marcadores sociais da diferença e sentimentos no universo LGBT maputense", Cadernos De Campo (São Paulo 1991), 28(2), 306-324. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/164290>
- OLIVEIRA, Leandro de. 2019. "A 'vergonha' como uma 'ofensa': homossexualidade feminina, família e micropolíticas da emoção", Horizontes Antropológicos. Vol. 25, p. 141-171. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ha/v25n54/1806-9983-ha-25-54-141.pdf>
- OLIVEIRA, Leandro de; BARRETO, Thiago Camargo. 2019. "Silêncios em discurso: Família, conflito e micropolítica em narrativas sobre a revelação da homossexualidade", Sexualidad, Salud y Sociedad, Rio de Janeiro, n. 33, p. 318-342, Dec. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sess/n33/1984-6487-sess-33-318.pdf>
- PARK, Robert E.. 1970 [1924]. Distância Social. In: PIERSON, Donald. Estudos de Organização Social: leituras de sociologia e antropologia social. São Paulo: Livraria Martins Editores S/A, vol. 02.
- REZENDE, Claudia Barcellos. 2002. "Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções", Mana: Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 69-89, Outubro de 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v8n2/16137.pdf>
- RIBEIRO, Renato Janine. 1988. Os Amantes Contra o Poder: sobre alguns olhares que se cruzam, no amor à primeira vista e na teletela do Grande Irmão. In: Novaes, Adauto. O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, p. 432-444.
- SAHLINS, Marshall. 2004. A tristeza da doçura, ou a antropologia nativa da cosmologia ocidental. In: Cultura na prática. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

SENNET, Richard. 1988. O declínio do homem público: tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras.

SIMMEL, Georg. 2001. Filosofia do Amor. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 2004. Fidelidade e Gratidão. In: Fidelidade e Gratidão e outros textos. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

STALLYBRASS, Peter. 2016. O Casaco de Marx: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. 1988. A troca de lágrimas e suas regras. In História das Lágrimas. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. 2011. "A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional", Cadernos Pagu. Campinas, UNICAMP, no.37, July/Dec. 2011. <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n37/a04n37.pdf>

DAA XXX – Antropologia do Cristianismo

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Ao longo da história das ciências da religião, o cristianismo serviu enquanto modelo comparativo implícito que guia o que se entende por religião. Por outro lado, justamente por seu suposto baixo grau de alteridade (partindo de um pesquisador ideal), foi um objeto de estudo relativamente negligenciado durante a maior parte da história da antropologia. Há algumas décadas, porém, a antropologia tem percebido não apenas a relevância de se estudar o cristianismo, mas também as potencialidades comparativas de um fenômeno religioso tão múltiplo. Assim, uma subárea disciplinar – a antropologia do cristianismo – tem se formando como espaço de debate. A disciplina tratará desta história, seus antecedentes e os debates contemporâneos.

Syllabus (Anthropology of Christianity)

Since the emergence of the scientific study of religions, Christianity has been taken as an implicit model of what a religion should be. On the other hand, because of its supposedly low degree of difference from the ideal researcher, Christianity was a relatively neglected field of study through most of the history of Anthropology. Only since the 1990s, approximately, a vast number of anthropologists have started taking an interest in the comparative of such a multiple religious phenomenon. A new sub-area, the anthropology of Christianity thus emerges. The course deals with this history, its antecedents and contemporary debates.

Bibliografia básica:

MEYER, Birgit. 2019. Como as coisas importam: Uma abordagem material da religião. Porto Alegre: UFRGS.

ROBBINS, Joel 2011. "Transcendência e antropologia do cristianismo: Linguagem, mudança e individualismo", *Religião e Sociedade* 31(1): 11-31.

SANCHIS, Pierre. 1995. "As tramas sincréticas da história: sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro", *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 28 (10). 15pp.

Bibliografia complementar:

ASAD, Talal. 1993 [2010]. "A Construção da religião como uma categoria antropológica", *Cadernos de Campo* 19: 263-84.

BLANES, Ruy Llera & SARRÓ, Ramon. 2015. "Geração, presença e memória: a Igreja Tocoísta em Angola", *Etnográfica* 19 (1): 169-187.

- BLANES, Ruy Llera. 2008. Um cemitério chamado Europa: cristianismo, consciência global e identidades migratórias. In: R. M. do Carmo, R. Il. Blanes & D. Melo (coords.). *A Globalização no Divã*. Lisboa: Tinta-da-China, p. 317-34.
- BLANES, Ruy Llera. 2009 a. "O que se passa no tabernáculo? Oração e espacialização na igreja tokoista angolana", *Religião & Sociedade* 29 (2): 116-133.
- BLANES, Ruy Llera. 2009 b. "O messias entretanto já chegou. Relendo Balandier e o profetismo africano na pós-colônia", *Campos* 10 (2): 9-23.
- CAMPOS, Roberta Bivar. 2008. "Sobre a 'docilidade' do Catolicismo: Interpretações do sincretismo e do anti-sincretismo na/da cultura brasileira", *BIB* 65: 89-103.
- DOUGLAS, Mary. 1966 [2014]. "As abominações do Levítico", in: *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva. pp. 57-74.
- DUMONT, Louis. 1983 [1992]. *Ensaio sobre o individualismo: Uma perspectiva antropológica sobre a ideologia moderna*. Lisboa: Dom Quixote.
- FERNANDES, Rubem César. 1984. "Religiões populares: Uma visão parcial da literatura recente", *BIB* 18: 3-26.
- FERRETI, Sérgio F. 1995. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Edusp.
- GIUMBELLI, Emerson. 2001. "A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro", *Religião e Sociedade* 21 (1): 87-120.
- LEACH, Edmund. 1969 [1983]. "O Gênesis enquanto um mito", in: *Edmund Leach: Antropologia (Coleção grandes cientistas sociais)*. São Paulo: Ática, p. 57-69.
- MAFRA, Clara. 2001. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARIZ, Cecília & CAMPOS, Roberta Bivar. 2014. O pentecostalismo muda o Brasil? Um debate das ciências sociais brasileiras com a antropologia do cristianismo. In: Scott, Parry; Campos, Roberta Bivar; Pereira, Fabiana (orgs.). *Rumos da antropologia no Brasil e no mundo: Geopolíticas disciplinares*. Recife: EdUFPE / ABA, p. 191-214.
- MARTINS, Leda Maria. 1995. *Afrografias da memória*. Belo Horizonte: Mazza.
- MBEMBE, Achille. 1988 [2013]. *África insubmissa: Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial*. Mangualde: Pedagogo.
- MENEZES, Renata C. 2004. *A Dinâmica do Sagrado. Rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- MEYER, Birgit. 2010 [2018]. "A estética da persuasão: As formas sensoriais do cristianismo global e do pentecostalismo", *Debates do NER* 34: 13-45.
- ORO, Ari & ANJOS, José Carlos dos. 2009. *A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre: Sincretismo entre Maria e Iemanjá*. Porto Alegre: Sec. Munic. de Cultura.
- PINA CABRAL, João de. 1986 [1989]. *Filhos de Adão, filhas de Eva*. Lisboa: Dom Quixote.
- ROBBINS, Joel. 2008. "Sobre alteridade e o sagrado em uma época de globalização. O 'trans' em 'transnacional' é o mesmo 'trans' de 'transcendente'?", *Mana* 14 (1): 119-39.
- SAHLINS, Marshall. 1996 [2003]. "A Tristeza da doçura: A antropologia nativa da cosmologia ocidental", *Teoria & Sociedade* 11(2): 112-73.
- SANCHIS, Pierre. 1983. *Arraial: Festa de um Povo*. Lisboa: Dom Quixote.
- STEIL, Carlos A. & TONIOL, Rodrigo. 2013. "A crise do conceito de religião e sua incidência sobre a antropologia". In: E. Giumbelli & V. G. Béliveau (Orgs.). *Religión, cultura y política en las sociedades del siglo XXI*. Buenos Aires: Biblos editora, p. 137-58.
- VILAÇA, Aparecida. 1996. "Cristãos sem fé. Alguns aspectos da conversão dos Wari' (Pakaa Nova)", *Mana* 2 (1): 109-37.
- VILAÇA, Aparecida. 2007. "Indivíduos celestes: Cristianismo e parentesco em um grupo nativo da Amazônia", *Religião e Sociedade* 27 (1): 11-23.
- VILAÇA, Aparecida. 2008. "Conversão, predação e perspectiva", *Mana* 14 (1): 173-204.

DAA XXX – Antropologia do Estado

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Aspectos teóricos e metodológicos de uma abordagem antropológica sobre processos de formação e ações de Estado na contemporaneidade. Ao focar a contribuição da antropologia para os estudos sobre “questões estatais”, em eventual diálogo com outras disciplinas, ênfase será dada às práticas governamentais constitutivas da formação do Estado, entendendo-se o Estado como instituição em processo de formação continuada e não como realidade sedimentada.

Syllabus (Anthropology of the State)

Theoretical and methodological aspects of an anthropological approach on the State in action in contemporary times. In possible dialogue with other disciplines, emphasis will be given to the governmental practices that constitute the formation of the State, understanding the State as an institution in a process of continuous formation and not as a settled reality.

Bibliografia básica:

BARREIRA, César. 2006. Fraudes e corrupções eleitorais: entre dádivas e contravenções. In: PALMEIRA, Moacir e César Barreira (org.). Política no Brasil: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

BOURDIEU, Pierre. 2003. Razões Práticas. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, Cap. 4 “Espíritos de Estado”: geneses e estrutura do campo burocrático, p. 91-124.

CHATTERJEE, Partha. 2004. “Populações e sociedades políticas”; “A política dos governados”. In: Colonialismo, modernidade e política. Salvador: EDUFBA, CEAO.

DAS, Veena & POOLE, Deborah. 2008. “El Estado y sus márgens”, Revista Académica de Relaciones Internacionales, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM.

DOUGLAS Mary. 1998. “As instituições se fundamentam na analogia”; “As instituições tomam decisões de vida e morte”. In: Como as instituições pensam. São Paulo: EDUSP.

FOUCAULT, Michel. 2008. Segurança, Território, População. São Paulo: Martins Fontes, p. 383 - 488.

GRAMSCI, Antonio. 2006. State and Civil Society. In: Aradhana Sharma and Akhil Gupta. The Anthropology of the State: a reader. Oxford: Blackwell, p.71-85.

LEITE LOPES, José Sergio, ANTONAZ, Diana; SILVA, Gláucia Oliveira da; PRADO, Rosane. 2006. Audiência Pública em Angra dos Reis: debate em torno do licenciamento de uma usina nuclear. In: PALMEIRA, Moacir e César Barreira (org.). Política no Brasil: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. 1998. Redimensionando a questão indígena no Brasil: uma etnografia das terras indígenas. In: João Pacheco de Oliveira (Org.). Indigenismo e territorialização: poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: ContraCapa Livraria, p. 15- 42.

PALMEIRA, Moacir. 2006. Eleição municipal, Política e cidadania. In: PALMEIRA, Moacir e César Barreira (org.). Política no Brasil: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

PEIRANO, Mariza. 2006. De que serve um documento?. In: PALMEIRA, Moacir e César Barreira (org.). Política no Brasil: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

SOUZA LIMA, Antonio de Carlos. “O exercício da tutela sobre os povos indígenas: considerações para o entendimento das políticas indigenistas no Brasil contemporâneo”, “Dossiê Fazendo Estado”, Revista de Antropologia, USP, vol 55(2), julho-dezembro de 2012, São Paulo.

TEIXEIRA, Carla e LIMA, Antonio Carlos de Souza. 2010. A antropologia da administração e da governança no Brasil: área temática ou ponto de dispersão?. In: Carlos Benedito Martins e LuizFernando D. Duarte (org.), Horizontes das ciências sociais no Brasil: Antropologia. São Paulo: Anpocs.

TEIXEIRA, Carla. 2014. Pesquisando instâncias estatais: reflexões sobre o segredo e a mentira. In: CASTILHO, S. R. R. ; SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; TEIXEIRA, C. Costa (Orgs.). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

VIANNA, Adriana. 2014. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: CASTILHO, S. R. R.; SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; TEIXEIRA, C. Costa (Orgs.). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

WEBER, Max. 2004. A Instituição estatal racional e os modernos partidos políticos e parlamentos (Sociologia do Estado). In: Economia e Sociedade V. 2. São Paulo: Imprensa Oficial/UnB, p.517-529.

WEBER, Max. 2014. Os tipos de dominação. In: Economia e Sociedade. V.1. Trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; rev. téc. de Gabriel Gohn, 4a. ed. Brasília, UnB.

ZHOURI, Andrea e VALENCIO, Norma (org). 2014. Introdução. In: Formas de matar, de morrer e de resistir. Limites da resolução negociada de conflitos ambientais. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Bibliografia complementar:

BEVILAQUA, Ciméa B. 2003. "Etnografia do Estado: algumas questões metodológicas e éticas", Campos, v.3, p.51-64, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. 2006. Direitos republicanos, identidades coletivas e esfera pública no Brasil e no Quebec. In: PALMEIRA, Moacir e César Barreira (org.). Política no Brasil: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

GEERTZ, Clifford. 1991. "Introdução"; "Definição política: as fontes da ordem"; "Conclusão: Bali e a teoria política". In: Negara. O Estado-teatro no século XIX. Lisboa: Difel; pp. 13-21; 23-39; 151-17.

REIS, Elisa Pereira. 2003. "Reflexões leigas para a formulação de uma agenda de pesquisa em políticas públicas", Revista Brasileira de Ciências Sociais, 18(51):12-15.

SILVA, Margarida da. 2014. Trabalhar e investigar enquanto antropóloga na administração pública: breves considerações ético-metodológicas. In: CASTILHO, S. R. R.; SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; TEIXEIRA, C. Costa (Orgs.). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 243-253.

ZHOURI, A e OLIVEIRA, R. 2013. Conflitos entre Desenvolvimento e Meio Ambiente no Brasil. Desafios para a antropologia e para os antropólogos. In: Bela Feldman Bianco (org). Desafios da antropologia brasileira. Brasília: ABA. Disponível como E-book no site da ABA.

ZHOURI, A. 2010. "Forças Adversas (traduzido) 'Adverse Forces' in the Brazilian Amazon Developmentalism versus environmentalism and indigenous rights", Journal of Environment and Development, no. 19 (3).

DAA XXX – Antropologia do Gênero

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Sexo, gênero e sexualidade na literatura antropológica. O impacto dos estudos de gênero na Antropologia. Etnografia e estudos de gênero no Brasil. Questões de gênero no final do século XX. Questões de gênero na Antropologia.

Syllabus (Anthropology of Gender)

Sex, gender and sexuality in anthropological literature. The impact of gender studies in Anthropology. Ethnography and gender studies in Brazil. Gender issues at the end of the 20th century. Gender issues in Anthropology.

Bibliografia Obrigatória:

ABU-LUGHOD, Lila. 2012. "As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros", Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 451-470.

BUTLER, J. 1987. Variações de sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, S., CORNELL, D. (orgs). Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, p. 139-154.

CORRÊA, Mariza. 2003. O espartilho de minha avó: linhagens femininas na Antropologia. In: Antropólogas & antropologia. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 185- 207.

DE LAURETIS, Teresa. 1994. A Tecnologia do Gênero. In: Heloisa Buarque de Hollanda (org.). Tendências e Impasses: o Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco.

HERITIÉR, Françoise. 1998. Masculino/Feminino: o pensamento da diferença. Lisboa: Instituto Piaget.

MALINOWSKI, B. A.. 1982. Vida Sexual dos Selvagens do noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das ilhas Trobriand. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MEAD, Margaret. 2006. Sexo e Temperamento. São Paulo: Perspectiva.

ORTNER, Sherry. 1979. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?. In: ROSALDO, M. Z., LAMPHERE, L. (Org.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 95-120.

ROSALDO, Michelle. 1995. "O uso e abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e entendimento intercultural", Horizontes antropológicos, Porto Alegre, n. 1, p. 11-36.

STRATHERN, Marilyn. 2014. A cultura numa bolsa de malha. In: O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: CosacNaify, p. 77-108.

STRATHERN, Marilyn. 1995. "Necessidade de pais, necessidade de mães", Revista Estudos Feministas, ano 3, n. 2, 1995, p.303-329.

Bibliografia complementar:

ALMEIDA, Miguel Vale. 1995. "Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal", Anuário Antropológico, 1995, pp. 161-190.

BONETTI, Alinne de Lima. 2007. Antropologia feminista: O que é esta antropologia adjetivada? In: BONETTI, Alinne e FLEISCHER, Soraya. (orgs). Entre pesquisar e militar: contribuições e limites dos trânsitos entre pesquisa e militância feministas. Brasília: Centro Feminista de Estudos e Assessoria.

BOURDIEU, Pierre. 1995. "A dominação masculina", Educação & Realidade, v.20, n.2, p.133-184.

CORRÊA, Mariza. 2001. "Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal", Cadernos Pagu (16) 2001, pp.13-30.

CORRÊA, Mariza. 1983. Morte em família. São Paulo: Brasiliense.

FRY, Peter.1982. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, p. 87-115.

GREGORI, Maria Filomena. 1993. Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. São Paulo: Paz e Terra/ANPOCS.

MALINOWKI, Bronislaw. 2000. Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem. Petrópolis: Vozes.

MACRAE, Edward. 1990. A Construção da Igualdade. Identidade Sexual e Política no Brasil da "Abertura". Campinas: Editora da Unicamp.

MEAD, Margaret. 1971. Macho e Fêmea. Petrópolis: Vozes.

PERLONGHER, Nestor. 2008. O negócio do michê. 2ªed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

SCOTT, Joan W. 1990. "Gênero como uma categoria útil de análise histórica", Educação & Realidade, vol. 15, nº 2, jul./dez. 1990, pp.71-99.

STRATHERN, Marilyn. 2006. Estratégias antropológicas. In: O Gênero da dádiva. Campinas: Ed. Unicamp, p. 27-52.

STRATHERN, Marilyn. 1997. Entre uma melanesianista e uma feminista. Cadernos Pagu (8/9), 1997, pp. 7-49

STRATHERN, Marilyn. 1999. "No limite de uma certa linguagem: entrevista por Eduardo Viveiros de Castro e Carlos Fausto", Mana: estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, (5/02).

DAA XXX – Antropologia do Licenciamento Ambiental

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

O campo ambiental; governança e licenciamento ambiental; desconstrução conceitual e experiências etnográficas em Minas Gerais; alcance e limites dos Estudos de Impacto Ambiental (EIA-RIMA); participação social em espaços decisórios; análises etnográficas da ritualística do Conselho de Política Ambiental de Minas Gerais (COPAM); políticas das afetações; avaliação de equidade ambiental; licenciamento e educação ambiental; as práticas dos antropólogos no interior desse campo: desafios éticos, metodológicos e conceituais.

Syllabus (Anthropology of Environmental Impact Assessment)

The environmental field; environmental governance and licensing; conceptual deconstruction and ethnographic experiences in Minas Gerais; scope and limits of Environmental Impact Studies (EIA-RIMA); social participation in decision-making spaces; ethnographic analyses of the ritualistic of the Environmental Policy Council of Minas Gerais (COPAM); affectation policies; environmental equity assessment; licensing and environmental education; the practices of anthropologists within this field: ethical, methodological and conceptual challenges.

Bibliografia básica:

ACSELRAD, Henri. 2004. Conflitos Ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. (cap. 1)

BRONZ, Débora. 2014. "Experiências e contradições na etnografia de práticas empresariais". In: Castilho, Sousa Lima; Teixeira (orgs.). Antropologia das Práticas de Poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj.

CARNEIRO, Eder. 2005. A oligarquização da "política ambiental" mineira. IN: ZHOURI, Andréa, LASCHEFSKI, Klemens e PEREIRA, Doralice (orgs) A Insustentável leveza da Política Ambiental. Desenvolvimento e Conflitos Socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica.

FASE; ETERN. 2011. Relatório Síntese do Projeto Avaliação de Equidade Ambiental. Rio de Janeiro: Fase, Etern, Disponível em: <http://issuu.com/ongfase/docs/rs-equidade>

- FELDMAN-BIANCO et all. 2012. Os antropólogos e o desenvolvimento. In IPEA: Desafios do desenvolvimento. IPEA, ano 9, edição 72, 15/06/2012
- FERGUSON, James. 1990. The Anti-Politics Machine: "Development", Depoliticization, and Bureaucratic Power in Lesotho. Cambridge and New York: Cambridge University Press.
- FLORIT, Luciano; SAMPAIO, Carlos Alberto; PHILIPPI JR., Arlindo. 2019. Os desafios da ética Socioambiental. In: Luciano Florit, Carlos Alberto C. Sampaio, Alindo Philippi Jr. (Orgs) Ética Socioambiental. Barueri: Manole.
- LACORTE, A C. & BARBOSA, N. P.. 1995. "Contradições e limites dos métodos de avaliação de impactos em grandes projetos: uma contribuição para o debate", Cadernos IPPUR/UFRJ, ano IX (1/4), jan./dez.
- OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. 2009. "Significados e usos sociais da expertise na implantação de políticas públicas de gestão ambiental", Sociedade e Cultura, v. 12, n. 1, p 139-150, jan/jun.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. 2008. "Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento", Novos Estudos CEBRAP, v. 80, p.109-125.
- RIGOTTO, Raquel; PONTES AGUIAR, Ada; DIAS RIBEIRO, Livia Alves (orgs). 2018. Tramas para a justiça ambiental: diálogo de saberes e práxis emancipatórias. Fortaleza: Ed. UFC. <http://www.tramas.ufc.br/wp-content/uploads/2018/07/Tramas-para-a-Justiça-Ambiental-E-BOOK.pdf>
- SANTOS, A.F.M.; FERREIRA, L.S.S.; PENNA, V.V.. 2018. Impactos supostos, violências reais: a construção da legalidade na implantação do Projeto Minas-Rio. In: ZHOURI, A. (org.) Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil. Brasília/Marabá: ABA/Iguana.
- SCOTT, Parry. 2013. Descaso planejado: uma interpretação de projetos de barragem a partir da experiência da UHE Itaparica no rio São Francisco. IN: Andréa Zhouri (org.) Desenvolvimento, Reconhecimento e direitos e conflitos territoriais, Brasília: ABA.
- SIGAUD, Lygia, MARTINS-COSTA, Ana Luiza & DAOU, Ana Maria. 1987. Expropriação do Campesinato e Concentração de Terras em Sobradinho: uma contribuição à análise dos efeitos da política energética do Estado. In: Ciências Sociais Hoje. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, ANPOCS, p. 214-290.
- VIGLIO, José Eduardo; MONTEIRO, Marko Synésio Alves; FERREIRA, Lúcia da Costa. 2018. Ciência e processo decisório: a influência dos experts no licenciamento ambiental de um empreendimento petrolífero no litoral paulista. RBCS Vol. 33 nº 98/2018.
- ZHOURI, A. & OLIVEIRA, R. 2004. "Paisagens Industriais e Desterritorialização de Populações locais: conflitos socioambientais em projetos hidrelétricos", Teoria&Sociedade, n. 12.2, 2004, p.10-28.
- ZHOURI, A. 2008. "Diversidade cultural, Justiça Ambiental e accountability: desafios para a governança ambiental", Revista Brasileira de Ciências Sociais, 23 (68) • Out 2008.
- ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K. e OLIVEIRA, R. 2010. A Supressão da Vazante e o Início do Vazio: água e "insegurança administrada" no Vale do jequitinhonha - MG. In: Dossiê Antropologia e Água. Anuário Antropológico, 2010/II, pp. 23-54. Disponível on-line <http://www.dan.unb.br/anuario-antropologico-listagem-dos-numeros/111-anuario-antropologico-sumario-20102>.
- ZHOURI, Andréa. 2019. Megaprojetos e violencia epistêmica: desafios para a ética ecológica. In: Luciano Florit, Carlos Alberto C. Sampaio, Alindo Philippi Jr. (Orgs) Ética Socioambiental. Barueri: Manole.
- ZUCARELLI, Marcos. 2011. O papel do Termo de Ajustamento de Conduta no Licenciamento Ambiental de hidrelétricas. In: Zhouri, Andréa (org.) As Tensões do Lugar: hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental. Belo Horizonte: UFMG.

Bibliografia complementar:

- BAVISKAR, Amita. 2003. Between violence and desire: space, power and identity in the making of metropolitan Delhi. In: *International Social Science Journal*, v. 55, 175, p. 89-98
- BERNO DE ALMEIDA, Alfredo Wagner. 2010. Terras de preto, terras de santo, terras de índio: uso comum e conflito. In: Nelson Giordano Delgado (org.). *Brasil Rural em Debate: coletânea de artigos*. Brasília: CONDRAF/MDA.
- FERGUSON, James. 2005. Seeing Like an Oil Company: Space, Security, and Global Capital in Neoliberal Africa. *AMERICAN ANTHROPOLOGIST*, Vol. 107, Issue 3, pp. 377–382.
- MAUSS, M. 1974. Ensaio sobre as Variações Sazonais da Sociedade Esquimó. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, p. 237-326.
- SAHLINS, M. 2007. A sociedade afluente original. In: SAHLINS, M. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 105-152.
- SCOTT, James C. 1998. *Seeing Like a State: how certain schemes to improve human condition have failed*. Yale University Press.
- VAINER, Carlos B. 2000. Pátria, Empresa e Mercadoria. Notas sobre a Estratégia Discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, O. et al (Org.) *A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes.

DAA XXX – Antropologia dos Conflitos

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Abordagens clássicas e contemporâneas; variações de escalas; campo, poder e dominação; protestos, rebeliões e motins; território e processos conflitivos no Brasil; análises etnográficas; dimensões éticas, conceituais e metodológicas do trabalho antropológico.

Syllabus (Anthropology of Conflicts)

Classical and contemporary approaches; scale variations; field, power and domination; protests, rebellions and riots; territory and conflict processes in Brazil; ethnographic analyses; ethical, conceptual and methodological dimensions of anthropological work.

Bibliografia básica:

- APPADURAI, A. 2004. *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa: Teorema.
- ASAD, T. 1995. Two european images of non-european rule. In: ASAD, T. (Ed.) *Anthropology & the colonial encounter*. Humanity Books, p. 103-118.
- BOURDIEU, P. 2004. Espaço Social e Poder Simbólico. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, p. 149-168
- BOURDIEU, P. 2002. Sobre o poder simbólico. In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 9 – 16.
- BOURDIEU, P. 2006. Structures, Habitus and Power: basis for a theory of symbolic power. In: *Outline a theory of practice*. Cambridge University Press: Cambridge, New York, p. 159-197.
- CLASTRES, P. 1980. *Arqueologia da Violência. Ensaio de Antropologia Política*. São Paulo: Brasiliense. Cap. 6 A questão do poder nas sociedades primitivas e cap. 11 Arqueologia da Violência: a guerra nas sociedades primitivas.
- DAS, V. 1985. Anthropological knowledge and collective violence: the riots in Delhi, November, 1984. In: *Anthropology Today*, vol. 1, n. 3, jun. 1985, p. 4-6.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 1978. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva. (Introdução, cap. 3 - Tempo e Espaço e cap. 4 - O Sistema Político).

- FANON, F. 1979. Da Violência no contexto internacional. In: Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, p. 75-85.
- FANON, F. 1979. Guerra colonial e perturbações mentais. Série A. In: Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p. 211-229.
- FOUCAULT, M. 2003. Poder-Corpo. In: MACHADO, R. (Org.) Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 145- 152.
- FOUCAULT, M. 2003. Verdade e Poder. In: MACHADO, R. (Org.) Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003, p. 1- 14.
- GLUCKMAN, M. 2010. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos. São Paulo, UNESP, p. 237-364.
- LEACH, E. 1996. Hpalang: uma comunidade Kachin gumsa instável. In: Os Sistemas Políticos da Alta Birmânia. São Paulo: EDUSP, p. 125-158. (Introdução e Conclusão)
- MENEZES, Marilda. 2002. "O cotidiano camponês e a sua importância enquanto resistência à dominação. A contribuição de James Scott", Raízes, Vol, 21, No. 1, Jan-Junho de 2002.
- SAID, E. 1995. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Cia das Letras. Capítulos 1 e 3.
- SCOTT, J. 1985. Weapons of the Weak: everyday forms of peasant resistance. New Haven; London: Yale University Press.
- SCOTT, James. 2002. "Formas Cotidianas da Resistência Camponesa", Raízes 21, n. 01, jan/jun 2002.
- SIMMEL, G. 1983. A Natureza Sociológica do Conflito. In: Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, p.122-134
- SIMMEL, G. 1983. Conflito e Estrutura do Grupo. In: Georg Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, p.150-164
- TAUSSIG, M. 1993. A economia do terror. In: Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 65-85.
- TAUSSIG, M. 1993. Cultura do terror, espaço da morte. In: Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 25-53.
- THOMPSON, E. P. 2005. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII. In: Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, p. 150-202.
- TURNER, V. 2008. Dramas sociais e metáforas rituais. In: Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da UFF, p. 19-53.
- VAN VELSEN, J. 2010. A análise situacional e o método de estudo caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos. São Paulo, UNESP, p.437-468.
- WEBER, M. 2004. Tipos de Dominação. In: BAGRA DA CRUZ, M. Teorias Sociológicas: os fundadores e os clássicos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, p. 681-723.
- WOLF, E. 2003. Encarando o Poder: velhos insights, novas questões. In: FELDMAN-BIANCO, B. & RIBEIRO, G. L. Antropologia e Poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: Editora da UnB, p. 325-343.
- WOLF, E. 2003. Fases do Protesto rural na América Latina, In. FELDMAN-BIANCO, B. & RIBEIRO, G. L. Antropologia e Poder: contribuições de Eric Wolf. Brasília: Editora da UnB, p. 183-195.
- Bibliografia complementar:**
- LANDER, Edgardo (org). 2005. Colonialidade do Poder. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.
- LLOSA, Mario Vargas. 2010. O Sonho do Celta. Buenos Aires: Ed Alfaguara.
- MARTINS, José de Souza. 1993. A Chegada do estrangeiro. São Paulo: Hucite.

MARTINS, José de Souza. 2009. Fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto.

O'DWYER, E. C. 2010. Processos de territorialização e conflitos sociais no uso dos recursos ambientais pelo povo Awá-Guajá em área da antiga reserva florestal do Gurupi. In: ZHOURI, A. & LASCHEFSKI, K. Desenvolvimento e Conflitos Ambientais. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 388-411

SOUSA SANTOS, Boaventura. 2003. Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. In: Boaventura Sousa Santos (org) Conhecimento Prudente para uma Vida Decente. São Paulo: Ed. Cortez.

ZHOURI, A (org.). 2011. As tensões do lugar: hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental. Belo Horizonte: ed. UFMG.

ZHOURI, A e LASCHEFSKI, K.. 2010. Desenvolvimento e Conflitos Ambientais. Belo Horizonte: editora da UFMG. Introdução.

DAA XXX – Antropologia Econômica

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

O curso deve introduzir uma agenda que contemple tanto as discussões clássicas em antropologia econômica, quanto as mais recentes discussões em antropologia da economia. A disciplina visa oferecer a estudantes um quadro geral que abarque não somente os principais fundamentos da antropologia econômica, mas também a retomada do interesse de antropólogos(os) pela economia nas últimas duas décadas.

Syllabus (Economic Anthropology)

The course should introduce an agenda that encompasses both classical discussions in economic anthropology and the most recent discussions in anthropology of the economy/economics. The course aims to provide an overview on the main fundamentals of economic anthropology and also of the renewed interest of anthropologists in economics over the past two decades.

Bibliografia básica:

ALBERT, Bruce. 1995. O Ouro Canibal e a queda do Céu. Crítica Xamânica da Economia Política da Natureza. Série Antropologia.

ALMEIDA, Mauro W. B. 2003. Marxismo e Antropologia. Em Armando Boito Jr. e Caio N. De Toledo (orgs.) Marxismo e Ciências Humanas. São Paulo, Xamã/FAPESP/CEMARX, p. 75-85.

CLASTRES, Pierre. 2004 [1976]. A Economia primitiva. In: Arqueologia da Violência. São Paulo: Cosac & Naify. pp. 175-195.

GODELIER, M. 1971. A Antropologia Econômica (parte I – Definição e campo da antropologia econômica). In: COPANS, J; TORNAY, S.; GODELIER, M.; BACKES-CLEMENT, C. (orgs). Antropologia, ciência das sociedades primitivas? Lisboa, Edições 70, p. 143-160.

MAUSS, Marcel. 2003 [1923]. O ensaio sobre a dádiva. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify.

POLANYI, K. 2000. Capítulo 4: Sociedade e sistemas econômicos; Capítulo 5: Evolução do padrão de mercado e Capítulo 6: O mercado auto-regulável e as mercadorias fictícias. A Grande Transformação. Rio de Janeiro: Editora Campus.

SAHLINS, M. 1976. La pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental como cultura. Em Sahlins, M. Cultura na prática. Rio de Janeiro: Zahar, p. 185-199.

SAHLINS, Marshall. 1972. Sociedade afluyente original. In: Antropologia. Econômica (org. Edgar A. Carvalho). São Paulo: Livr. Ed. Ciências Humanas Ltda.

STENGERS, Isabelle. 2017. No tempo das catástrofes. Resistir à Barbárie que se aproxima. Cosac&Naify.

STRATHERN, Marilyn. 2014. Novas formas econômicas: Um relato das terras altas da Papua Nova Guiné. In: O efeito Etnográfico, Cosac&Naify.

TAUSSIG, M. T. 2010. O Diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul. Editora Unesp.

TSING, Anna. 2019. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas.

Bibliografia complementar

APPADURAI, Arjun. 2008. Introdução: Mercadorias e a Política de Valor. A Vida Social das Coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Eduff.

COELHO DE SOUZA, Marcela S. 2012. "A pintura esquecida e o desenho roubado: contrato, troca e criatividade entre os Kĩsêdjê". Revista de Antropologia – USP 55(1): 209-254.

DOUGLAS, M. & ISHERWOOD. 1979. Porque as pessoas querem bens. Em: O mundo dos bens para uma antropologia do consumo. 1979

GODELIER, Maurice. 1976. Antropologia y Economia. És possible la antropologia econômica?. Editorial Anagrama, Barcelona.

GRAEBER, D. & LANNA, M. 2005. Comunismo ou comunalismo? A política e o "Ensaio sobre o dom". REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2005, V. 48 Nº 2.

MACHADO, N. M. C. 2012. Karl Polanyi e o "Grande debate" entre substantivistas e formalistas na antropologia econômica. Revista Economia e Sociedade, volume 21, número 01, Campinas.

MILLER, D. 2002. Sujeitos e Objetos de devoção. Em: Teoria das compras o que orienta as escolhas dos consumidores.

NEIBURG, Federico. 2010. Os sentidos sociais da economia". In: DIAS DUARTE, Luiz Fernando (org.). Horizontes das ciências sociais no Brasil – Antropologia. ANPOCS/Barcarolla/Discurso Editorial.

SAHLINS, M. 1996. A tristeza da doçura, ou a antropologia nativa da cosmologia ocidental. Em Sahlins, M. Cultura na prática.

SAHLINS, M. 1976. La pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental como cultura. Em Sahlins, M. Cultura na prática.

SIGAUD, Lygia. 1999. "As vicissitudes do "Ensaio sobre o Dom"". Mana. Estudos de Antropologia social. 5(2), pp 89-123

STENGERS, Isabelle. 2017. Reativar o animismo. Caderno de Leituras, 62. Chão de Feira.

STRATHERN, Marilyn. 2014. Sujeito ou objeto? As mulheres e a circulação de bens de valor nas terras altas da Nova Guiné. Em: O efeito Etnográfico, Cosac&Naify.

TAUSSIG, M. T. 1993. A Economia do Terror. Em: Xamanismo, Colonialismo e o Homen Selvagem. Paz e terra.

TSING, Anna. 2018. "Paisagens arruinadas", Cadernos do LEPAARQ, Volume XV, Número 30.

DAA XXX – Antropologia em contextos de crise

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Problematização do conceito de crise; significados e contextos de crise; diferenciações e imbricações entre crise-evento e crise-processo. Abordagens antropológicas clássicas e contemporâneas. A 'gente crítica' e políticas de pacificação do dissenso. Desafios para a prática antropológica em contextos de crise no Brasil contemporâneo; ética e etnografia.

Syllabus (Anthropology in Contexts of Crisis)

Problematization of the concept of crisis; meanings and contexts of crisis; differentiations and imbrications between crisis-event and crisis-process. Classic and contemporary anthropological approaches. The 'critical people' and policies of pacification of dissent. Challenges for anthropological practice in contexts of crisis in contemporary Brazil; ethics and ethnography.

Bibliografia básica:

- BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Giafranco. 1998. "Crise" IN: Dicionário de Política. Brasília: Ed. UnB, p.305-308.
- CRIA – A crise é a vida normal. A antropologia face à crise. Workshop respostas à crise. Fundação Calouste Gulbenkian, Programa Próximo Futuro. 12-13 novembro de 2009.
- DAS, Veena. 2011. "O Ato de Testemunhar: Violência, Gênero e Subjetividade", Cadernos Pagu (37), Julho-Dezembro de 2011: 9-41.
- DAS, Veena & POOLE, Deborah. 2008. "El estado y sus margens", Revista Académica de Relaciones Internacionales, n. 8 de junio de 2008, GERI-UAM.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005 [1990] "Ser afetado", Cadernos de Campo 13: 155-161.
- KIRSCH, Stuart.. 2001. "Lost Worlds. Environmental disaster, 'cultural loss' and the Law", Current Anthropology, Volume 42, Number 2, April 2001 .
- KRENAK, Ailton. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo; Cia das Letras.
- MARCHEZINI, Victor. 2009. Dos desastres da natureza à natureza dos desastres. In: Norma Valencio et al (orgs). Sociologia dos Desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil. São Carlos: Editora RIMA.
- MARCUS, George. 2010. Experts, Reporters, Witnesses: the making of Anthropologists in the states of emergency. In: Didier Fassin and Mariella Pandolfi (eds) Contemporary States of Emergency. New York: Zone books.
- MBEMBE, Achilles. 2019. Necropolítica. São Paulo: N-1 Edições.
- NIXON, Rob. 2011. Introduction. In: Rob Nixon, Slow Violence and the Environmentalism of the Poor. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, p. 01-44.
- OLIVEIRA, Raquel. 2012. A crise como contexto no Médio Jequitinhonha: sobre perícia e política. In: Jalcione Almeida, Cleyton Gehardt e Sonia Magalhães (Orgs) Contextos rurais e agenda ambiental no Brasil: práticas, políticas, conflitos, interpretações. Dossiê 3. Belém; Rede de Estudos Rurais. Link: https://dadospdf.com/download/1-a-crise-como-contexto-no-medio-jequitinhonha-_5a44d4c4b7d7bc891f87903c_pdf
- OLIVER-SMITH, Anthony. 1999. What is a disaster? Anthropological Perspectives on a Persistent Question. In: A. Oliver-Smith and S. Hoffman (eds) The Angry Earth. Disaster in Anthropological Perspective. Routledge.
- OUTHWAITE, William e BOTTOMORE, Tom. 1996. "Crise" . IN: Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., p. 156-160.
- REVEL, Jacques. 2010. "Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado", Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 45 set./dez. 2010.
- ROITMAN, Janet. 2016. The Stakes of Crisis. In P. Kjaer, and N. Olsen (Eds.). Critical Theories of Crisis in Europe. Rowman & Littlefield International. <https://drive.google.com/file/d/0B5RX4kUysDhKclZiR3NwZGREZzA/view>
- ROITMAN, Janet. Crisis. 2012. Political Concepts: a Critical Lexicon. (Tel Aviv, New York, 2012). Issue 3.5, Fall 2016. <http://www.politicalconcepts.org/roitman-crisis/>
- SCHEPER-HUGHES, Nancy. 1995. "The Primacy of the Ethical. Propositions for a Militant Anthropology", Current Anthropology. Vol 36, No. 3, Jun 1995 – 409-440.
- VALENCIO, Norma. 2014. "Desastre: tecnicismo e sofrimento social", Ciência e Saúde Coletiva, 19 (9), p. 3631-3644, 2014. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014000903631&script=sci_abstract&lng=pt

VALENCIO, Norma. 2009. Da morte da Quimera à procura de Pégaso: a importância da interpretação sociológica na análise do fenómeno denominado desastre. In: Norma Valencio et al (orgs). *Sociologia dos Desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil*. São Carlos: Editora RIMA.

VIGH, Henrik. 2008. Crisis and Chronicity: Anthropological perspectives on continuous conflict and decline. *Ethnos*, V. 73:1, p. 5-24, March 2008. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00141840801927509>

WOLF, Eric. 2003. “Encarando o poder: velhos insights, novas questões” e “Trabalho de Campo e Teoria”. In: RIBEIRO, Gustavo Lins & FELDMAN-BIANCO, Bela (Org). *Antropologia e poder. Contribuições de Eric R. Wolf*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora Unicamp, 2003. Pág. 325-340; 345-360.

ZHOURI, Andréa, OLIVEIRA, Raquel, ZUCARELLI, Marcos e VASCONCELOS, Max. 2018. O desastre no Rio Doce: entre as políticas de reparação e gestão das afetações. In: Andréa Zhouri (org.) *Mineração, Violências e Resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil*. Marabá: ABA/ Iguana, 2018. E-book (site da ABA e do GESTA).

ZHOURI, Andréa. 2019. Megaprojetos e violência epistêmica: desafios para a ética ecológica. In: Luciano Félix Florit, Carlos Alberto Cioce Sampaio e Arlindo Philippi Jr (orgs). *Ética Socioambiental*. Baueri: Ed Manole.

Bibliografia complementar:

ALTEZ, Rogelio y REVET, Sandrine. 2005. “Contar los muertos para contar la muerte: discusión en torno al número de fallecidos en la tragedia de 1999 en el estado Vargas – Venezuela”, *Revista Geográfica Venezolana*, Número especial 2005, 21-43. https://www.academia.edu/23894963/Contar_los_muertos_para_contar_la_muerte_discusi%C3%B3n_en_torno_al_n%C3%BAmero_de_fallecidos_en_la_tragedia_de_1999_en_el_estado_Vargas_Venezuela

BARRIOS, Roberto. 2014. “‘Here, I’m not at ease’: anthropological perspectives on community resilience”, *Disasters*, 38(2): 329-350. <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/disa.12044/abstract>

BARRIOS, Roberto. 2017. “What does catastrophe reveal for whom? The Anthropology of crisis and disasters at the onset of the Anthropocene”, *Annual Review of Anthropology*, 2017, 46:151-166. <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-anthro-102116-041635>

BARRIOS, Roberto. 2016. Resilience. A commentary from the vantage point of anthropology. *ANNALS OF ANTHROPOLOGICAL PRACTICE*, Vol. 40, No. 1, p. 28-38.

FELDMAN, Ilana. 2017. “Humanitarian care and the ends of life. The Politics of Aging and Dying in a Palestinian Refugee Camp”, *Cultural Anthropology*, Vol. 32, issue 1, pp. 42-67.

HOFFMAN, Susanna. 2003. “The hidden victims of disaster”, *Environmental Hazards* 5 (2003) 67–70.

MENDES, José Manuel e ARAÚJO, Pedro, « Risco, catástrofes e a questão das vítimas », e-cadernos ces [Online], 25 | 2016, colocado online no dia 15 Junho 2016, URL : <http://eces.revues.org/2029>

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/36644/1/Risco%20cat%C3%A1strofes%20e%20a%20quest%C3%A3o%20das%20v%C3%ADtimas.pdf>

RIBEIRO, João Manoel. 1995. “Sociologia dos desastres”, *Sociologia: problemas e práticas*. No. 18, 1995, pp. 23-43. <http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/22/218.pdf>

DAA XXX – Antropologia, História e Arqueologia: relações, diálogos, intersecções

Carga Horária: 60h

Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Caracterização dos objetos de estudos, fontes, métodos e propósitos das disciplinas da antropologia, história e arqueologia. Análise da relação entre as três disciplinas na perspectiva de diferentes correntes teóricas e na abordagem de diferentes temáticas. Relação história, estrutura e evento.

Syllabus (Anthropology, History and Archaeology: relationships, dialogues, intersections)

Characterization of the subjects, sources, methods, and goals of the disciplines of Anthropology, History, and Archaeology. The relationship between these disciplines according to distinctive theoretical currents and in the analysis of different issues. The relationship between history, structure and event.

Bibliografia básica:

Braudel, F. 1978. Escritos sobre a História, cap. 3 - "História e ciências sociais: a longa duração". São Paulo: Editora Perspectiva.

Burke, P. 2004. O que é História Cultural? Rio de Janeiro: Zahar Ed.

Darnton, R. 1986. O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa, Rio de Janeiro: Edições Graal.

Goldman, M. 1999. "Lévi-Strauss e os sentidos da história", Revista de Antropologia 42 (1-2).

Lanna, M. 2001. "Marshall Sahlins e as cosmologias do capitalismo", Mana 7(1).

Lanna, M. 2002. "De Sahlins a C. Lévi-Strauss: no setor transpacífico do sistema mundial", Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 241-259, dezembro de 2001

Sahlins, M. 2003. Ilhas de História, R. de Janeiro: Zahar Ed.

Sahlins, M. 2004. Cosmologias do capitalismo. In: Cultura na Prática, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

SYMANSKI, L. 2014. Arqueologia: antropologia ou história? Origens e tendências de um debate epistemológico. Tessituras – Revista de Antropolgia e Arqueologia 2(1): 10-39.

Bibliografia complementar

BOAS, F. 2006. Antropologia Cultural, Rio de Janeiro: Zahar.

EVANS-PRITCHARD, E. 1985. Antropologia Social. Lisboa: Edições 70.

GEERTZ, C. 1989. A Interpretação das Culturas, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

HOODER, I. 1988. Interpretacion en Arqueologia. Barcelona: Critica Editorial.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. 1973. Estrutura e função na sociedade primitiva. Petrópolis: Ed. Vozes.

TYLOR, E. 2005. Evolucionismo Cultural, Rio de Janeiro: Zahar.

DAA XXX – Arqueologia da Paisagem

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Há pouco consenso na atualidade sobre o que é e como deve ser definida Paisagem em Arqueologia. Nas abordagens mais tradicionais paisagem é vista como um cenário estático, neutro e cartesiano. Paisagem nestes modelos é o espaço inerte e universal que é significado culturalmente. Em contraposição, em abordagens mais alternativas, como as abordagens não representacionais ou fenomenológicas, Paisagem é um elemento múltiplo e fluído que se define a partir de encontros e relações. Neste contexto a proposta da disciplina é explorar os diferentes conceitos de Paisagem dentro da Arqueologia.

Syllabus (Landscape Archaeology)

There is little consensus today about what means Landscape in Archaeology. In the more traditional approaches, landscape is seen as a static, neutral and Cartesian scenario. Landscape in these models is the inert and universal space that is culturally significant. In contrast, in more alternative approaches, such as non-representational or phenomenological approaches, Landscape is a multiple and fluid element that is defined through encounters and relationships. In this context, the discipline's proposal is to explore the different concepts of Landscape within Archeology.

Bibliografia básica:

BACHELARD, G. 2008. A Poética do Espaço. Martins Fontes, São Paulo.

BOADO, F. 1999. Del Terreno al Espacio: Planteamientos y perspectivas para la arqueología del Paisage. Grupo de investigación en Arqueología del Paisage. Universidad de Santiago de Compostela.

TILLEY, C. 2011. "Do corpo ao lugar à paisagem. Uma perspectiva fenomenológica", Revista Vestígios, 8, 1, 21-65.

Bibliografia complementar:

BENDER, B; Winer, M. 2001. Contested Landscape. Movement, Exile, Place. Berg Plub Ltb. London.

INGOLD, T. 2008. The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, dwelling and Skill. Routledge. London.

PELLINI, J. 2014. O Jardim Secreto: Sentidos, Performance, Memórias e Narrativas. Vestígios, 8, 1, 66-93.

DAA XXX – Arqueologia e Gênero

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

O foco da disciplina é oferecer um panorama sobre discussões relativas a questões de gênero na arqueologia. Partindo de reflexões iniciadas na década de 1980, sob influência de perspectivas críticas sobre a produção do conhecimento em arqueologia, a disciplina buscará apresentar diferentes modos como questões de gênero têm impactado a arqueologia, destacando o papel de teorias feministas e queer. Serão discutidas questões como: o papel das mulheres na produção de conhecimento em arqueologia; o impacto de sexismo e/ou androcentrismo na interpretação do registro arqueológico; intersecções de gênero com outros conceitos, como racismo e elitismo, entre outros; a relação entre questões de gênero e os direitos humanos; e finalmente a inter-relação entre estas diversas questões.

Syllabus (Archaeology and Gender)

The course focuses on offering a panorama of gender debates in archaeology. It will start from debates during the 1980's, under influence of critical perspectives about knowledge building in archaeology, following into matters of how gender issues have impacted the discipline, with emphasis on feminist and queer theories. The course will debate issues as: women role in knowledge building in archaeology; the impact of sexism and androcentrism in the interpretation of archaeological contexts; intersections of gender to other concepts, as racism and elitism among other; the relationship between gender issues and human rights; and finally the inter-relatedness of these diverse issues.

Bibliografia básica:

AGOSTINI, C. 2010. "Painéis e paineleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX", *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 4 (2): 127-144.

ALBERTI, B. 2001. "De género a cuerpo: una reconceptualización y sus implicaciones para la interpretación arqueológica", *Intersecciones en Antropología*, 2:61-72.

BATTLE-BAPTISTE, W. 2011. *Black Feminist Archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press. 199 p.

BERROCAL, M. C. 2009. "Feminismo, teoría y práctica de una arqueología científica", *Trabajos de Prehistoria* 66 (2):25-43.

CONKEY, M. W. & J. Gero. 1997. "Programme to practice: Gender and Feminism in Archaeology", *Annual Review of Anthropology*, 26:411-437.

DÍAZ-ANDREU, M. 1999. "El estudio del género en el Arte Levantino: una asignatura pendiente", *SAGVNTUN-PLAV Extra-2 (II Congrés del Neolític a la Península Ibèrica)*:405-412.

ESCÓRIO, E. & M. D. Gaspar. 2010. "Um olhar sobre gênero: estudos de caso - Sambaquieiros do RJ", *Revista de Arqueologia SAB*, 23 (1):72-89.

GERO, J. 1999. Sociopolítica y la ideología de la mujer-en-casa. In *Arqueología y Teoría Feminista: Estudios sobre mujeres y cultura material en arqueología*, editado por Colomer, L.; P. G. Marcén; S. Montón & M. Picazo. Barcelona: Icaria Editorial, p: 341-355.

GONTIJO, Fabiano & SCHAAN, Denise. 2017. "Sexualidade e Teoria Queer: Apontamentos para a Arqueologia e para a Antropologia brasileiras", *Revista de Arqueologia (SAB)*, V.30 (2):51-70.

HARTEMANN, Gabby. "Nem Ela nem Ele: Por Uma Arqueologia (Trans*) Além Do Binário", *Revista de Arqueologia Pública*. Vol. 13(1).

MEDINA, C.B.L.d. 2008. Cama adentro: borrador de una arqueología crítica de las dependencias de servicio. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica* 2 (2):9-37.

RIBEIRO, L. 2017. "Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência", *Revista de Arqueologia SAB*, 30 (1):210-234.

SCHAAN, D. P. 2003. "A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um Cacicado Marajoara", *Revista de Arqueologia SAB* 16:31-45.

VOSS, B. 2000. "Feminisms, Queer Theories, and the Archaeological Study of Past Sexualities", *World Archaeology* 32 (2 - Queer Archaeology):180-192.

WICHERS, Camila M. 2017. "Narrativas Arqueológicas e Museológicas sob Rasura: Provocações Feministas", *Revista de Arqueologia (SAB)*. V.30 (2): 35-50.

WILKIE, L. 2010. Infancia en blanco y negro: La experiencia de la crianza en Estados Unidos a principio del siglo XX. *Complutum* 21 (2):197-214.

WYLIE, A.; KOIDE, K.; FERREIRA, M. T. & MARINI, M.. 2014. "Arqueologia e a crítica feminista da ciência: Entrevista com Alison Wylie", *Scientiae Studia* 12 (3):549-590.

Bibliografia Complementar

COBB, H. & CROUCHER, K.. 2016. "Personal, Political, Pedagogic: Challenging the Binary Bind in Archaeological Teaching, Learning and Fieldwork", *Journal of Archaeological Method and Theory* 23:949-969.

CONKEY, M.W. & SPECTOR, J. D.. 1984. *Archaeology and the Study of Gender*. In: *Advances in Archaeological Method and Theory*, Volume 7, editado por Schiffer, M. New York: Academic Press, p: 1-38.

GILCHRIST, R. 1999. *Gender and Archaeology: Contesting the Past*. London/ New York: Routledge. 190p.

KÖHLER, T.O. 2006. Reflexiones sobre las herramientas de piedra. In *Las mujeres en la Prehistoria*, editado por Rosado, H. B. Valencia: Museu de Prehistòria de València, p. 139-149.

PASSOS, Lara P. 2019. Arqueopoesia: uma proposta feminista afrocentrada para o universo arqueológico. Dissertação de Mestrado. PPGAN/UFMG. Belo Horizonte.

ROSADO, H.B. (ed.) 2006. Las Mujeres en la Prehistoria. Valencia: Museu de Prehistòria de València/ Diputació Provincial de València, 165p.

SÁNCHEZ ROMERO, M. & GARCÍA, A. A.. 2012. Lo que los niños nos cuentan: individuos infantiles durante la edad del bronce en el sur de la Península Ibérica. In: Niños en la Antigüedad: estudios sobre la infancia en el Mediterráneo antiguo, editado por Vicente, D. J. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, p. 57-97.

SÁNCHEZ ROMERO, M. 2010. "Eso no se toca! Infancia y cultura material en arqueología", Complutum 21 (2):9-13.

DAA XXX – Arqueologia Egípcia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Introduzir discentes no conhecimento do Egito Antigo e Moderno através do conjunto da cultura material e epigrafia. Reconhecer as características essenciais dos processos históricos próprios ocorridos no Egito ao longo do tempo. Adquirir técnicas elementares de análise e interpretação de fonte primária tanto arqueológica quanto epigráfica com o objetivo de torná-las úteis na abordagem dos problemas de interpretação.

Syllabus (Egyptian Archaeology)

Introduce students to the knowledge of Ancient and Modern Egypt through the set of material culture and epigraphy. Recognize the essential characteristics of the historical processes that occurred in Egypt over time. Acquire elementary techniques of analysis and interpretation from a primary source, both archaeological and epigraphic, in order to make them useful in addressing problems of interpretation.

Bibliografia básica:

BARD, K. 2015. An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt. London: Wiley-Blackwell.

KEMP, B. 2000. El antiguo Egipto: anatomía de una civilización. Barcelona: Editorial Crítica.

Bibliografia complementar:

LUCAS, A., HARRIS, J. 1989. Ancient egyptian materials and industries. London: Histories and Misteries of Man.

DAA XXX – Arqueologia Urbana

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Disciplina que pretende apresentar uma introdução às análises de arqueologia urbana, caracterizada como "estudo das relações entre cultura material, comportamento humano e cognição num assentamento urbano" (STASKI, 1982:97). Mais do que uma arqueologia feita "na cidade" ou uma arqueologia "da cidade", a disciplina visa abordar o fenômeno urbano a partir de sua materialidade, discutindo as unidades construtivas existente em superfície e em profundidade, relações destas entre si e vinculações das mesmas com a comunidade local, no passado e no presente (arqueologia "com a cidade"). Além dos conceitos fundamentais, como "cidade-sítio" (CRESSEY e STEPHENS, 1982:50) e paisagens urbanas; serão abordados temáticas transversais, como: arqueologia da arquitetura, arqueologia industrial, patrimônio cultural e

arqueologia pública. De modo multidisciplinar, serão discutidas problemáticas e conceitos oriundos da história, arqueologia e antropologia, fundamentais para compreender a urbanidade na sua totalidade.

Syllabus (Urban Archaeology)

The course intends to present an introduction to the analysis of urban archeology, characterized as “study of the relations between material culture, human behavior and cognition in an urban settlement” (STASKI, 1982: 97). More than an archeology done “in the city” or an archeology “of the city”, the course aims to approach the urban phenomenon from its materiality, discussing the constructive units existing on the surface and in depth, their relationships and their links with the local community, past and present (archeology “with the city”). Besides the fundamental concepts, such as “city-site” (CRESSEY and STEPHENS, 1982: 50) and urban landscapes; transversal themes will be discussed, such as: architectural archeology, industrial archeology, cultural heritage and public archeology. In a multidisciplinary way, problems and concepts from history, archeology and anthropology, fundamental to understand the urbanity as whole.

Bibliografia básica:

CRESSEY, Pamela e STEPHENS, John. 1982. The city-site approach to urban archaeology. In: DICKENS, Roy S. Jr. (org). Archaeology of Urban America. The search for pattern and process. New York: Academic Press, p. 41-59.

LIMA, Tânia Andrade. 1994. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). In: Anais do Museu Paulista, vol.2 no.1. MAE/USP: São Paulo.

PEARSON, M. P.; RICHARDS, C. 1997. Architecture & Order: Approaches to Social Space. Londres e Nova York: Routledge.

SOUZA, Rafael de Abreu. 2013. Pixações sob a ótica da arqueologia urbana.

STASKI, Edward. 1982. Advances in Urban Archaeology. In: SCHIFFER, Michael B. (org.). Advances in Archaeological Method and Theory. New York/London: Academic Press, p. 97-149.

THIESEN, Beatriz Valladão. 1999. As paisagens da cidade: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Introdução, Capítulo 2 e 3).

ZARANKIN, Andrés. 2012. Corpos congelados: uma leitura metafórica de paredes e muros em Belo Horizonte, MG. In: ANDRADE, Rubens; MACEDO, Jackeline e TERRA, Carlos. Arqueologia na paisagem. Novos valores, dilemas e instrumentos. Rio de Janeiro: Rio Books.

ZARANKIN, Andrés. 2001. Paredes que domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista. O caso de Buenos Aires. (Tese de Doutorado). UNICAMP (Capítulo 2).

DAA XXX – Arqueologia, Ontologia e Relacionalidade

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A Arqueologia enquanto disciplina científica é marcada por uma ontologia que pode ser definida como ocidental, objetiva, racionalista e androcêntrica. Nesta ontologia racionalista, humanos e não humanos, sujeitos e objetos são definidos a priori. Em contraposição a este pensamento, as teorias relacionais propõem que é somente quando ocorrem as relações, que sujeitos e objetos, humanos e não humanos, se tornam sujeitos e objetos, humanos e não humanos. Nas teorias relacionais as coisas materiais não são meros acessórios para a performance, mas parte e parcela de um conjunto híbrido dotado de uma personalidade difusa e agência relacional. Neste cenário não há uma definição a priori dos tipos de seres que

dão forma ao social, humanos e não humanos têm o mesmo peso conceitual, empírico e ontológico.

Syllabus (Archaeology, Ontology and Relationality)

Archeology as a scientific discipline is marked by an ontology that can be defined as Western, objective, rationalist and androcentric. In this rationalist ontology, humans and non-humans, subjects and objects are defined a priori. In contrast to this thought, relational theories propose that it is only in which relationships occur, that subjects and objects, human and non-human, become subjects and objects, human and non-human. In relational theories, material things are not mere accessories for performance but part and parcel of a hybrid set with a diffuse personality and relational agency. In this scenario, there is no a priori definition of the types of beings that shape the social, human and non-human, has the same conceptual, empirical and ontological weight.

Bibliografia básica:

ALBERTI, B.; MARSHALL, Y. 2009. Animating archaeology: local theories and conceptually open-ended methodologies - *Cambridge Archaeological Journal*, 19, 3, 344-356

BARAD, K. 1997. Meeting the universe halfway: realism and social constructivism without contradiction. In Nelson, Lynn Hankinson; Nelson, Jack, *Feminism, science, and the philosophy of science*, Dordrecht Boston: Kluwer Academic Publishers, pp. 161–194,

BARAD, K. 2003. Posthuman Performativity: Towards an Understanding of How Matter Comes to Matter', *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Vol. 28, No. 3, 801-831.

BOIVIN, N. 2004. Mind over matter? Collapsing the mind-matter dichotomy in material culture studies. In *Rethinking Materiality: The Engagement of Mind with the Material World*, eds. E. DeMarrais, C. Gosden, & C. Renfrew, pp. 63-71. Cambridge: McDonald Institute Monograph

OLSENS, B. 2003. Material Culture after text. Re-membering Things. *Norwegian Archaeological Review*, Vol. 36, No. 2, 2003, 87-104

DAA XXX – Arqueologia, Sentidos e Afetos

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Nosso entendimento do mundo começa a partir de nosso corpo, mais que isso, começa com nossos sentidos e afetos. Os sentidos não são apenas ferramentas fisiológicas que capturam as informações do mundo, são construções culturais que utilizamos nos processos de significação das materialidades do mundo, pois como tem demonstrado arqueólogas(os) e antropólogas(os), os grupos humanos reconhecem o aparato sensorial de acordo com seu próprio contexto, criando e mudando sentidos, criando e alterando hierarquias sensoriais. A maneira como os sentidos são concebidos afeta diretamente a capacidade dos corpos de afetar outros corpos e se sentir afetados pelo mundo e por isso os sentidos não podem ser pensados sem considerarmos os afetos e as intensidades afetivas.

Syllabus (Archaeology, Senses and Affects)

Our understanding of the world starts from our body, more than that, it starts with our senses and affects. The senses are not just physiological tools that capture the information of the world, they are cultural constructions that we use in the processes of signifying the materialities of the world, because as archaeologists and anthropologists have shown, human groups recognize the sensory apparatus according to their own context, creating and changing senses, creating and altering sensory hierarchies. The way in which the senses are conceived directly affects the bodies' ability to affect other bodies and feel affected by the world, and for

this reason the senses cannot be thought about without considering affections and affective intensities.

Bibliografia básica:

LE BRETON, D. 2016. Antropologia dos sentidos. São Paulo, Vozes.

PELLINI, J. 2016. Arqueologia e os Sentidos. Entrando na Toca do Coelho. Curitiba, Prisma.

Bibliografia complementar:

CLASSEN, C. 1993. Worlds of sense. New York: Routledge.

CLASSEN, C. 1997. Foundations for an anthropology of the senses. International Social Science Journal, 153: 401–20.

CLASSEN, C. 1998. The color of angels: cosmology, gender and the aesthetic imagination. London: Routledge.

HOUSTON, S.; TAUBE, K. 2000. An archaeology of the senses: perception and cultural expression in ancient Mesoamerica. Cambridge Archaeological Journal, 10 (2): 261-94.

HOWES, D. 2005. Sensescapes: embodiment, culture and environment. In: Classen, C. (Ed.) The Book of Touch. Oxford: Berg.

HOWES, D. 1991. The varieties of sensory experience: A sourcebook in the anthropology of the senses. Toronto: University of Toronto Press.

HOWES, D. 2006. Charting the sensorial revolution. Senses and Society, 1(1): 113-128.

HOWES, D. 2006. Cross-talk between the senses. Senses and Society, 1 (3): 381-390.

HOWES, D; CLASSEN, C. 2009 Doing sensory anthropology. www.sensorystudies.org/?page_id=355

DAA XXX – Arqueologias Indígenas e Colaborativas

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Na última década, houve um forte incremento na realização de pesquisas arqueológicas conduzidas por pessoas indígenas ou com seu ativo envolvimento, em um percurso que tem impactado de modo contundente as práticas arqueológicas e instigado reflexões sobre a natureza do saber científico, refletindo sobre seus limites e seus potenciais. Esta disciplina irá percorrer o desenvolvimento destas reflexões, trazendo um conjunto de estudos de caso a fim de instigar reflexões mais densas sobre os impactos de diálogos entre modos de saber científicos (da arqueologia em especial) e outros modos de saber (em especial indígenas). Trata, portanto, de discussões sobre relações étnico-raciais e direitos humanos.

Syllabus (Indigenous and Collaborative Archaeologies)

Research conducted by or with intense collaboration with indigenous people have increased greatly in Archaeology recently, thru a path which has deeply impacted archaeological practices and promoted debates around the very nature of scientific knowledge, its limits and potential. This course follows this debate, working with case studies to promote discussion on the impacts caused by dialogues between different modes of knowledge (scientific and natives). As such, it will deal with debates around ethnic-racial relations and human rights.

Bibliografia básica:

AYALA ROCABADO, Patricia. 2017. "Arqueología y Pueblos Indígenas: los casos Aymara, Atacameño, Mapuche y Rapa Nui", Boletín de la Sociedad Chilena de Arqueología. 47 69-92.

CABRAL, Mariana Petry. 2013. "'E se todos fossem arqueólogos?': experiências na Terra Indígena Wajãpi", Anuário Antropológico, UnB, vol.39 (2): 115-132.

- CABRAL, Mariana Petry. 2016. "Entre passado e presente: arqueologia e coletivos humanos na Amazônia", *Teoria & Sociedade*. 24 (2): 76-91.
- FONSECA, Jidean Raphael. 2015. O conhecimento dos sábios sobre a cerâmica na Terra Indígena Xokleng/Laklãnõ. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Departamento de História, UFSC, Florianópolis. 46p.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. 2001. Sociedades Indígenas e Desenvolvimento: Discursos e Práticas, para Pensar a Tolerância. In: Grupioni, Luís Donisete Benzi, Lux Vidal & Roseli Fischmann. Povos Indígenas e Tolerância: Construindo Práticas de Respeito e Solidariedade. São Paulo: EDUSP. pp: 167-188.
- GNECCO, Cristóbal & AYALA, Patricia. 2010. Pueblos indígenas y arqueología en América Latina. Bogotá: Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales, Banco de la República, CESO, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes.
- HARTEMANN, Gabby & MORAES, Irislane Pereira de. 2018. "Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia", *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. 12 (2): 7-34.
- JÁCOME, Camila & WAI WAI, Jaime Xamen. 2020. "A paisagem e as cerâmicas arqueológicas na bacia Trombetas: uma discussão da Arqueologia Karaiwa e Wai Wai", *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.* vol.15 no.3. Epub Nov 13, 2020.
- KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. 2015. A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras. Capítulos selecionados: Palavras dadas & Desenhos de escrita.
- KRENAK, Ailton. 1999. O eterno retorno do encontro. In: Novaes, Adauto. A Outra Margem do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, p: 23-31.
- MACHADO, Juliana Salles. 2013. "História(s) indígena(s) e a prática arqueológica colaborativa", *Revista de Arqueologia SAB*. 26 (1): 72-85.
- MACHADO, Juliana Salles. 2017. "Arqueologias indígenas, os Laklãnõ Xokleng e os objetos do pensar", *Revista de Arqueologia SAB*. 30 (1): 89-119.
- MILLION, Tara. 2005. Developing an Aboriginal archaeology: receiving gifts from the White Buffalo Calf Woman. In: Smith, Claire & H. M. Wobst. Indigenous Archaeologies: Decolonizing theory and practice. Abingdon/ New York: Routledge, p: 39-51.
- MUNDURUKU, Daniel. 2009. O país sobre um cemitério. In: O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo: Global, p: 61-68.
- MUNDURUKU, Jair. 2019. Caminhos para o passado: Oca'õ, Agõkabuk e Cultura Material Munduruku. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Arqueologia. Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, UFOPA, Santarém (PA). 68p.
- PASTANA, Rufino de Castro. 2011. A interpretação dos Galibi Marworno sobre os Vestígios Arqueológicos Encontrados na Aldeia Indígena Kumarumã. Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Escolar Indígena - Ciências Humanas. Coordenação de Educação Escolar Indígena, UNIFAP, Macapá (AP). 13p.
- REIS, José Alberione & CABRAL, Mariana Petry. 2018. "Precisamos falar sobre tempo, cosmologias ameríndias, ontologias e outras... Mas, o que é que a arqueologia tem a ver com isso?", *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*. 12 (2): 31-50.
- ROCHA, Bruna Cigaran da, JÁCOME, Camila, STUCHI, Francisco Forte, MONGELÓ, Guilherme Z. & VALLE, Raoni. 2013. "Arqueologia pelas gentes: um manifesto. Constatações e posicionamentos críticos sobre a arqueologia em tempos de PAC", *Revista de Arqueologia SAB*. 26 (1): 130-140.
- SILVA, Fabíola Andréa & GARCIA, Lorena Wanessa Gomes. 2015. "Território e Memória dos Asurini do Xingu: Arqueologia colaborativa na T. I. Kuatinemu, Pará", *Amazônica*. 7 (1): 74-99.

SILVA, Fabíola Andréa. 2002. "Mito e Arqueologia: A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu – Pará", *Horizontes Antropológicos*. 8 (18): 175-187.

SILVA, Fabíola Andréa. 2012. "O plural e o singular das arqueologias indígenas", *Revista de Arqueologia SAB*. 25 (2): 24-42.

SMITH, Claire & WOBST, H. M.. 2005. *Indigenous Archaeologies: Decolonizing theory and practice*. Abingdon/ New York: Routledge.

SOUZA DA SILVA, Ana Caroline. 2018. De mãe pra filhos: Transmissão de conhecimento e (re)apropriação do passado arqueológico. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharel em Arqueologia. Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Arqueologia e Antropologia, UFOPA, Santarém (PA), 52p.

TUHIWAI SMITH. 2018. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Ed. UFPR.

TSCHUCAMBANG, Copacãm. 2015. Artefatos arqueológicos no Território Laklãnõ/Xokleng-SC. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Departamento de História, UFSC, Florianópolis, 55p.

WAI WAI, Jaime Xamen. 2017. Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação dos Wai Wai na região da Terra Indígena Trombetas-Mapuera (Pará, Brasil). Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Arqueologia. Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, UFOPA, Santarém (PA), 63p.

Bibliografia Complementar

ATALAY, Sonya. 2006. *Indigenous Archaeology as Decolonizing Practice*. *American Indian Quarterly*. 30 (3/4): 280-310.

BORGES, Jóina Freitas; Vilela, L. C.; Rodrigues, T. 2016. História e Arqueologia na construção da interculturalidade: Construindo saberes plurais com os Tremembés de Almofala-CE. *Fronteiras: Revista de História*, v. 18, pp. 178-196.

FERREIRA, Gabrielle Reis & Isabella Alves Guimarães. 2022. Quatro mãos e muitas vozes: um diálogo sobre insistências e (re)existências na arqueologia e antropologia brasileira. *Revista de Arqueologia*, Vol.35, N.1: 84-93.

JESUS, Hudson Romário. 2018. Traços dos Tapajó: análises de cerâmicas arqueológicas do Sítio Porto de Santarém (PA-ST-42). Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Arqueologia. Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia, UFOPA, Santarém (PA).

JESUS, Hudson Romário. 2022. Yané Rêdáwa Têdáwa São Francisco: Arqueologia ancestral na Terra Indígena Tupinambá, Rio Tapajós. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. UFS.

JOFRÉ, Ivana Carina. 2019. Seguir la huella y curar el rastro: memorias de una experiencia colectiva de investigación y militancia en el campo de arqueología argentina. In: Tantaleán, Henry & Cristóbal Gnecco (Eds). *Arqueologías Vitales*. Madrid: JAS Arqueología S.L.U. pp: 19-60.

Machado, Juliana S. & Jozileia Daniza Kaingang. 2020. [Fag.Tar] a força delas: abrindo caminho. [Fag.Tar] a força delas. N.1, V.1: 1-9.

NICHOLAS, George (ed). 2010. *Being and becoming indigenous archaeologists*. Walnut Creek: Left Coast Press. 350p.

Ortiz, Rosalvo I. 2019. Guiando Espíritos, Sonhos e Memórias:Objetos Sagrados entre os Guarani de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Mundo Amazônico*, 10(2): e84754.

PESQUISADORES E PROFESSORES WAJÃPI. 2008. I'ã: Para nós não existe só "imagem". São Paulo: Apina & Iepé. 28p.

PRIPRÁ, Simeão Kundagn. 2015. Arte Xokleng: relação social e uso do Vyge do e do kul tõe vã ze. Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH). Florianópolis: UFSC.

PRIPRÁ, Walderes Cocta. 2015. O mõi como instrumento pedagógico na educação escolar indígena: uma experiência Laklãnõ/Xokleng. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH). Florianópolis: UFSC.

SILVA, Luciano Pereira da. 2014. Arqueologia Indígena: protagonismo ameríndio, interlocução cultural e ciência contemporânea. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 240p.

WAI WAI, Cooni. A cerâmica Wai Wai: modos de fazer do passado e do presente. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Arqueologia). Santarém: Universidade Federal do Oeste do Pará.

DAA XXX – Ecologia Política da Mineração

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Abordagens conceituais e teóricas da Ecologia Política; relações de poder em sociedade e ambiente; desigualdade ambiental; neoextrativismo e grandes empreendimentos minerários; consequências socioambientais para as distintas territorialidades de povos e comunidades tradicionais; mineração e violação de direitos humanos; mineração e educação ambiental. Desastres da mineração em Minas Gerais. Aspectos éticos, conceituais e metodológicos da atuação dos antropólogos em contextos de desastres.

Syllabus (Political Ecology of Mining)

Conceptual and theoretical approaches of Political Ecology; power relations in society and environment; environmental inequality; neoextractivism and large mining enterprises; social and environmental consequences for the different territorialities of traditional peoples and communities; mining and human rights violations; mining and environmental education. Mining disasters in Minas Gerais. Ethical, conceptual and methodological aspects of anthropologists' work in disaster contexts.

Bibliografia básica:

ARAOZ, Horacio Machado. 2014. Territorios y cuerpos en disputa: extractivismo minero y ecología política de las emociones. In: Interstícios: Revista Sociológica de Pensamento Crítico. Vol.8(1).

BEBBINGTON, Anthony. 2007. Elementos para una ecología política de los movimientos sociales y el desarrollo territorial em zonas mineras. In: BEBBINGTON, Anthony (Org.) Minería, Movimientos Sociales e Respuestas Campesinas: una ecología política de transformaciones territoriales. Lima: IEP, CEPES, p. 23-46.

CARNEIRO, Eder. 2005. A oligarquização da “política ambiental” mineira. IN: ZHOURI, Andréa, LASCHEFSKI, Klemens e PEREIRA, Doralice (orgs) A Insustentável leveza da Política Ambiental. Desenvolvimento e Conflitos Socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica.

DOUGLAS, Mary & WILDAVSKY, Aaron. 2012. Risco e Cultura: um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais. Rio de Janeiro: Elsevier.

DUPUY, Jean-Pierre. 1981. Introdução à crítica da Ecologia Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GUDYNAS, Eduardo. 2015. *Extractivismos: ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la Naturaleza*. Cochabamba: CEDIB Centro de Documentación y Información Bolivia.

HOGENBOOM, B. 2012. "The New Politics of Extraction in Latin America: preface", *Journal of Developing Societies*, 28(2), pp. 129-132.

HOLDEN, William; NADEAU, Kathleen; JACOBSON, Daniel. 2011. *Exemplifying Accumulation by Dispossession: mining and indigenous people in Philippines*. *Geografiska Annaler, Series B, Human Geog.* KIRSCH, S. 2014. *Mining Capitalism: the relationship between corporations and their critics*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

MILANEZ, Bruno & SANTOS, Rodrigo. 2013. "Neoextrativismo no Brasil? Uma Análise da Proposta do Novo Marco Legal da Mineração", *Revista Pós Ciências Sociais*, vol. 10, n. 19, p. 119-148.

OLIVEIRA, Raquel. 2017. *A Lama e suas Marcas: neoextrativismo e seus efeitos em um contexto de desastre*. Comunicação oral em "Mundos Sostenibles" Mesa Minería y Conflictos Territoriales. Universidade de Valparaíso – 08 a 11/06/2017.

OLIVER-SMITH, Anthony. 1999. *What is a disaster? Anthropological Perspectives on a Persistent Question*. In: A. Oliver-Smith and S. Hoffman (eds) *The Angry Earth. Disaster in Anthropological Perspective*. Routledge.

RIBEIRO, Gabriel. 2017. "Expansão da fronteira minerária: estratégias de negociação de terras para implantação de mineroduto no município de Ferros, Minas Gerais", *Revista Política e Planejamento Regional*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, janeiro/junho 2017, p. 75 a 95.

SACHS, Ignacy. 1993. *Estratégias de Transição para o Século XXI. Desenvolvimento e Meio Ambiente*. São Paulo: Studio Nobel.

SANTOS, A.F.M.; FERREIRA, L.S.S.; PENNA, V.V. 2018. *Impactos supostos, violências reais: a construção da legalidade na implantação do Projeto Minas-Rio*. In: ZHOURI, A. (org.) *Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil*. Brasília/Marabá: ABA/Iguana.

ZHOURI, A. 2018. *Mineração, Violências e Resistências. Um campo aberto à produção do conhecimento*. Marabá: ABA/Iguana.

ZHOURI, Andréa e LASCHEFSKI, Klemens. "Conflitos Ambientais", In Portal Mapa dos Conflitos Ambientais. endereço: conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br

ZHOURI, Andréa, LASCHEFSKI, Klemens e PEREIRA, Doralice (orgs). 2005. *A Insustentável leveza da Política Ambiental. Desenvolvimento e Conflitos Socioambientais*. Belo Horizonte: Autêntica.

ZHOURI, Andréa, OLIVEIRA, Raquel, ZUCARELLI, Marcos e VASCONCELOS, Max. 2018. *O desastre no Rio Doce: entre as políticas de reparação e a gestão das afetações*. In Andréa Zhouri (org.) *Mineração, Violências e Resistências*. ABA-Iguana.

ZHOURI, Andréa. 2014. *Mapeando desigualdades ambientais – Mineração e desregulação ambiental*. IN: ZHOURI, Andréa e VALENCIO, Norma (orgs) *Formas de matar, de morrer e de resistir: limites da resolução negociada de conflitos ambientais*. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 395 p.

ZUCARELLI, Marcos Cristiano. 2018. *A matemática da gestão e a alma lameada: os conflitos da governança no licenciamento do projeto de mineração Minas-Rio e no desastre da Samarco* [tese]. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

Bibliografia complementar:

ACSELRAD, Henri. 2003. *Conflitos Ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004 (cap. 1).

BALLARD, Chris e BANKS, Glenn. 2003. "Resource Wars: The Anthropology of Mining", *Annu. Rev. Anthropol.* 32:287–313.

BEBBINGTON, A. & BURY, J. 2013. Political Ecologies of the Subsoil. In: BEBBINGTON, A. & BURY, J. *Subterranean Struggles: new dynamics of mining, oil and gas in Latin America*. Austin: University of Texas Press, p. 1-25

BECK, Ulrich. 2010. No Vulcão Civilizatório: os contornos da sociedade de risco. In: *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, p. 21 – 60.

BOLADOS, Paola e CUEVAS, Alejandra. 2017. Una ecología política feminista en construcción: El caso de las "Mujeres de zonas de sacrificio en resistencia", Región de Valparaíso, Chile. *Piscoperspectivas. Individuo y Sociedad*, Vol. 16, No. 2.

DIEGUES, Antonio Carlos. 2000. Etnoconservação da natureza: Enfoques Alternativos. In: Antonio Carlos Diegues (org.). *Etnoconservação. Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec.

ESTEVA, Gustavo. 2000. "Desenvolvimento" In: W. Sachs (org.) *O Dicionário do Desenvolvimento*. São Paulo: Editora Vozes.

LOPES, José Sergio Leite (Coord.); ANTONAZ, Diana; PRADO, Rosane; SOLVA,, Glaucia (orgs.). 2004. *Ambientalização dos Conflitos Sociais. Participação e controle público da poluição industrial*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará. (Introdução)

OLIVER-SMITH, Anthony; HOFFMAN, Susanna. 2002. Introduction - Why Anthropologists should study disasters? In: Sussana Hoffman & A. Oliver-Smith (eds) *Catastrophe and Culture: the Anthropology of disaster*. Santa Fé: School of American Research Press.

SACHS, Wolfgang (ed.). 2000. "Introdução" e "Meio Ambiente". *O Dicionário do Desenvolvimento*. São Paulo: Editora Vozes.

DAA XXX – Estudos Afro-Americanos

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Abordagens teóricas e descrições empíricas acerca das – e/ou pensadas pelas – populações de ascendência africana nas Américas. Objetiva-se entender as diferentes formas a partir das quais foram pensadas as continuidades e discontinuidades entre a África e o Novo Mundo, bem como os reflexos da escravidão e do racismo após as abolições. Temas e conceitos como racismo, identidade, diáspora, fluxos atlânticos, dupla consciência, crioulização, africanismos, religiões de matriz africana, dentre outros, podem ser tratados. A disciplina aborda temas que passam pela educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

Syllabus (African American Studies)

Theoretical approaches and empirical descriptions about (and by) peoples of African descent in the Americas. The course seeks to understand the different ways through which were theorized the continuities and discontinuities between Africa and the New World were thought, as well as the effects of slavery and racism after in African American populations after emancipation. Also possibly addressed in the course are themes and concepts such as: racism; identity; diaspora; the Black Atlantic; double consciousness; creolization; Africanisms; African American religions; and others. The course addresses topics relating to education and ethnic-racial relations and the teaching of Afro-Brazilian and African history and culture.

Bibliografia básica:

GONZALEZ, Lélia. 1988. "A categoria político-cultural de amefricanidade", *Revista Tempo Brasileiro* 92/93: 69-82.

HURSTON, Zora Neale. 2019 [1950]. "O que os editores brancos não publicarão", *Ayé: Revista de Antropologia*, 1(1): 106-111.

SANCHES, M. R. (org.). 2011. *Malhas que os impérios tecem*. Lisboa: Edições 70.

Bibliografia complementar:

ANJOS, José Carlos dos. 2008. "A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano", *Debates do NER* 9 (13): 77-96.

BASTIDE, Roger. 1974 [1967]. *As Américas negras*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. 2015. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília: INCT Inclusão.

BOAS, Franz. 2004 [1906]. A perspectiva para o negro americano. In: STOCKING, George (org.). *A formação da antropologia americana, 1883-1911*. Rio de Janeiro: Contraponto/UFRJ. p. 370-377.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2012 [1985]. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. 2a edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras.

CARNEIRO, Édison (ed.). 1950. *Antologia do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo.

CARNEIRO, Édison. 1968. "O negro como objeto de ciência", *Afro-Ásia*, 6-7: 91-100.

CÉSAIRE, Aimé. 1955 [1978]. *Discurso contra o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa.

COELHO, Ruy Galvão. 2002 [1955]. *Os caraíbas negros de Honduras*. São Paulo: Perspectiva

COLLINS, Patricia Hill. 2017 [1996]. "O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso", *Cadernos Pagu* 51: 23 p.

CUNHA, Olívia M. G. da & GOMES, Flávio dos Santos (eds.). 2007. *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.

DU BOIS, W. E. B. 1999 [1903]. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda.

FANON, Frantz. 1961 [1968]. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FRAZIER, Edward Franklin. 2020 [1942]. "A família negra na Bahia, Brasil", *Ayé: Revista de Antropologia*.

GILROY, Paul. 2001 [1993]. *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*. São Paulo: 34.

GLISSANT, Édouard. 2005 [1995]. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: UFJF.

GOLDMAN, Márcio. 2014. "A relação afroindígena", *Cadernos de Campo* 23 (23): 213-222.

GOMES, Nilma Lino. 2017. *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica.

HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mediação cultural*. Belo Horizonte: UFMG.

HERSKOVITS, Melville J. 2020 [1943]. "O negro na Bahia, Brasil: um problema metodológico", *Ayé: Revista de Antropologia*.

JAMES, C. L. R. 2000 [1938]. *Os jacobinos negros: Toussaint de L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo.

MATORY, J. Lorand. 1999. "Jeje: repensando nações e transnacionalismo", *Mana*, 5 (1): 57-80.

MINTZ, Sidney. 2003. *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*. Recife: UFPE.

MINTZ, Sidney & PRICE, Richard. 2003 [1992]. *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas.

NASCIMENTO, Abdias, 2016 [1978]. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva.

NOGUEIRA, Oracy. 1985. *Tanto Preto quanto branco: Estudos de relações raciais*. São Paulo: T.A. Queiroz.

- PALMIÉ, Stephan. 2007 [2005]. "O trabalho cultural da globalização iorubá", *Religião & Sociedade* 27 (1): 77-113.
- PATTERSON, Orlando. 2008 [1982]. *Escavidão e morte social: um estudo comparativo*. São Paulo: EdUSP.
- QUERINO, Manuel. 1938. *Costumes africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- RAMOS, Arthur. 1934 [1940]. *O negro brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos (eds.). 1996. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras
- RODNEY, Walter. 1972 [1975]. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova.
- SCOTT, David. 2017 [1991]. "Aquele evento, esta memória: notas sobre a antropologia das diásporas africanas no Novo Mundo", *Ilha: Revista de Antropologia* 19 (2): 277-312.
- SERRA, Ordep. 1995. *Águas do rei*. Petrópolis: Vozes.
- TROUILLOT, Rolph-Michel. 2016 [1995]. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Curitiba: huya.
- WASHINGTON, Booker T. 1940 [1901]. *Memórias de um negro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- WILLIAMS, Brackette F. Williams. 2020 [1990]. "Fantasmas Holandeses e o Mistério da História: ritual e interpretações de colonizados e colonizadores sobre a rebelião de escravos de Berbice de 1763", *Ilha* 22 (1): 187-233.
- WILLIAMS, Eric. 2012 [1944]. *Capitalismo e escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras.

DAA XXX – Estudos Pós-Coloniais

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A categoria pós-colonial compreende um campo interdisciplinar aberto em disputas. As primeiras problematizações ao termo emergiram no meio acadêmico anglo-saxão e multiplicaram-se posteriormente entre os intelectuais da diáspora do colonialismo. A disciplina pretende abordar o "pós-colonial" como conceito e como campo de estudos, com referência à situação global contemporânea, assim como aquelas que denominam a condição política dos Estados nacionais após a independência ou a experiência colonial.

Syllabus (Post-Colonial Studies)

The post-colonial category comprises an interdisciplinary field in dispute. The first approaches to the term emerged in the Anglo-Saxon academic environment and later multiplied among the intellectuals of the diaspora of colonialism. The discipline intends to approach the "postcolonial" as a concept and as a field of study, with reference to the contemporary global situation, as well as those that underline the political condition of national states after independence or the colonial experience.

Bibliografia básica:

- APPADURAI, Arjun. 1997. *Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional*. *Novos Estudos Cebrap*. n. 49, novembro 1997. pp 7-32.
- ASAD, T. 1995. Two european images of non-european rule. In. ASAD, T. (Org.) *Anthropology & the Colonial Encounter*. Humanity Books, p. 103-118.
- BAVISKAR, Amita. 2010. *Written on the body, written on the land. Violence and environmental struggles in Central India*. Working papers 02, 2010. Berkeley Workshop on environmental politics.
- BHABHA, Homi K. 2001. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

- BOURDIEU, P. e SAYAD, Abdelmalek. 2006. A dominação colonial e o Sabir cultural. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 26, p. 41-60, jun. 2006
- DAS, Veena & POOLE, Deborah. 2008. "El Estado y sus márgens", *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, núm. 8 junio de 2008, GERI-UAM.
- FANON, Frantz. 1975. *Pele negra, máscaras brancas*. Porto: Paisagem.
- FANON, Frantz. 1979. Da Violência no contexto internacional. In: *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, p. 75-85.
- FANON, Frantz. 1979. Guerra colonial e perturbações mentais. Série A. In: *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, p. 211-229.
- FOUCAULT, Michel. 1996. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- GILROY, Paul. 2001. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM.
- HALL, Stuart. 2003. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- MOUFFE, Chantal. 1999. Por uma política da identidade nômade. *Debate Feminista*. Edição Especial. São Paulo: Companhia Melhoramentos.
- SAID, E. *Cultura e Imperialismo*. 1995. São Paulo: Cia das Letras. (Capítulos 1 e 3).
- SOUSA SANTOS, B. 2003. Para uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. In: SOUSA SANTOS, Boaventura (Org.) *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*. São Paulo: Editora Cortez.
- SPIVAK, Gayatri C. 2010. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- SPIVAK, Gayatri. 1994. Quem reivindica a alteridade?. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, p 187-205.

Bibliografia complementar:

- CASTRO-GÓMEZ Santiago y MEDIETA, Eduardo (Editores). *Teorías sin disciplina (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate)*. México: Miguel Ángel Porrúa. Cap. Manifiesto Inaugural.
- LANDER, E. 2005. *Colonialidade do Poder*. CLACSO: Buenos Aires.
- MIGNOLO, Walter. 2003. Os esplendores e as misérias da "ciência": Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: Boaventura Sousa Santos (org) *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*. São Paulo: Ed. Cortez.
- MIGNOLO, Walter. 2008. "Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política", *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324.
- QUIJANO, Anibal. 2002. "Colonialidade, Poder, Globalização e democracia", *Revista Novos Rumos*, No. 37, Ano 17.

DAA XXX – Gênero, Ciência e Saúde

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Interseções e diálogos entre os estudos de gênero e os estudos sociais da ciência. Contribuições do Feminismo para os estudos sociais da ciência. Simbolismos e materialidades nas representações científicas do corpo e da saúde.

Syllabus (Gender, Science and Health)

Intersections and dialogues between gender studies and social studies of science. Contributions of Feminism to social studies of science. Symbolisms and materialities in the scientific representations of the body and health.

Bibliografia básica:

FAUSTO-STERLING, Anne. 2001. "Dualismos em duelo", *Cadernos Pagu*, 17/18, 2001/02: pp. 9-79.

FOX-KELLER, Evelyn. 2006. "Qual foi o impacto do Feminismo na Ciência?", *Cadernos Pagu*, 27, p. 13-34.

HARAWAY, Donna. 2009. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Tadeu, Tomaz (org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118.

LUNA, Naara. 2012. Identidade genética no debate sobre o estatuto de fetos e embriões. In: Santos, R. V., Gibbon, S., Beltrão, J. (orgs.) *Identidades emergentes, genética e saúde: perspectivas antropológicas*. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, p. 111-150.

MANICA, Daniela, NUCCI, Marina. 2017. "Sob a pele: implantes subcutâneos, hormônios e gênero", *Horizontes Antropológicos*, 47, Disponível em <http://journals.openedition.org/horizontes/1458>.

MOL, Annemarie. 2008. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In: Nunes, J. A., Roque, R. (orgs.) *Objetos impuros: experiências de estudos sobre a ciência*. Porto, Edições Afrontamento, p. 63-78.

NUCCI, Marina F. 2018. Crítica feminista à ciência: das "feministas biólogas" ao caso das "neurofeministas". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 1, abr. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/41089>>.

NUCCI, Marina F. 2009. Neurocientistas feministas e o debate sobre o "sexo cerebral": um estudo sobre ciência e sexo/gênero. Em *Construção – Arquivos de Epistemologia Histórica e Estudos de Ciência*, número 5 \ 2019 • pags. 37 - 49 > Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao.

PRECIADO, Paul B. 2020. Reprodução politicamente assistida e heterossexualismo de Estado. In: *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar.

ROHDEN, Fabíola. 2008. "O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos", *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 15, suplementar, p.133-152.

ROHDEN, Fabíola. 2017. "Vida saudável versus vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento", *Horizontes antropológicos*, v. 23, n. 47, p. 29-60.

SOUZA, Érica R. 2006. Maternidade lésbica e novas tecnologias reprodutivas: um relato sobre casos canadenses. In: Ferreira, V., Ávila, M. B., Portella, A. P. (orgs.) *Feminismo e Novas Tecnologias Reprodutivas*. Recife: SOS Corpo, p. 135-162.

SOUZA, Érica R., BRAZ, Camilo. 2016. Políticas de saúde para homens trans no Brasil: contribuições antropológicas para um debate necessário. In: Val, A. C. et. al. (orgs.) *Multiplicando os gêneros nas práticas em saúde*. Ouro Preto, MG, Editora UFOP. Disponível em <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/7712>.

STRATHERN, Marilyn. 2014. Dando apenas uma força à natureza? Acesso temporária de útero: um debate sobre tecnologia e sociedade. In: *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify, p. 467-486. Capítulo 15.

Bibliografia complementar:

ALZUGUIR, Fernanda V., NUCCI, Marina F. 2015. "Maternidade Mamífera? Concepções sobre natureza e ciência em uma rede social de mães", *Revista Mediações*. Londrina, v. 20., n. 1. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/21114>

ARAÚJO, Daniela C. Araújo. 2018. *Feminismo e Cultura Hacker: intersecções entre política, gênero e tecnologia*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Política Científica e

Tecnológica, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/331511>.

BANDEIRA, Lourdes. 2008. "A contribuição da crítica feminista à ciência", *Revista de Estudos Feministas*, p. 207-228.

BRAZ, Camilo, SOUZA, Érica R. 2020. Hombres trans y salud pública en Brasil – miradas antropológicas sobre nuevos sujetos políticos, reivindicaciones y desafíos. In: GIL, Carmen G., CAMPOS, Ana A., VALCUENDE DEL RÍO, José M. (orgs). *Nuevas Cartografías de la Sexualidad*. 1 ed. Granada, Espanha: Editorial Universidad de Granada.

BRAZ, Camilo, SOUZA, Érica R. 2018. Transmasculinidades, transformações corporais e saúde: algumas reflexões antropológicas. In: CAETANO, Marcio, SILVA Jr., Paulo M. (orgs.) *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, p. 28-42.

CASTRO, Rosana. 2019. "Economias políticas da doença e da saúde: população, raça e letalidade na experimentação farmacêutica", *Ayé: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 1.

CHAZAN, Lilian K. 2008. 'É... tá grávida mesmo! E ele é lindo!' A construção de 'verdades' na ultrasonografia obstétrica. Rio de Janeiro, *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v.15, n.1, p.99-116, jan.-mar. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n1/06.pdf>

COSTA, Rosely G. 2012. Doação de sêmen e classificação étnico-racial no Brasil. In: Santos, R. V., Gibbon, S., Beltrão, J. (orgs.) *Identities emergentes, genética e saúde: perspectivas antropológicas*. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, p. 95-110.

HARAWAY, Donna. 1995. "Saberes Localizados. A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial", *Cadernos Pagu* 5:7-41, 1995.

LATOUR, B. 2008. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: Nunes, J. A., Roque, R. (orgs.) *Objetos impuros: experiências de estudos sobre a ciência*. Porto: Edições Afrontamento, p. 39-61. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/77-BODY-NORMATIVE-POR.pdf>

MANICA, Daniela T. 2011. "A desnaturalização da menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência", *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 197-226, June 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100007&lng=en&nrm=iso. access on 04 Mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832011000100007>.

MANICA, Daniela T. 2018. "Estranhas entranhas: de antropologias, e úteros", *Amazônica - Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 22-41, ago. 2018 Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5852>.

MARTIN, Denise, SPINK, Mary J., PEREIRA, Pedro P. G. 2018. "Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol", *Interface: comunicação, saúde e educação*, 22 (64), pp. 295-305.

NUCCI, Marina F.; NAKANO, Andreza Rodrigues; TEIXEIRA, Luiz Antônio. 2018. Ocitocina sintética e a aceleração do parto: reflexões sobre a síntese e o início do uso da ocitocina em obstetrícia no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.25, n.4, out-dez, p.979-998.

PRECIADO, Paul B. 2020. Greve de úteros. In: *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar.

PRECIADO, Paul B. 2018. *Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 Edições, p. 109-140.

RAMIREZ-GALVEZ, Martha. 2012. Fabricando bebês, vendendo ilusões. In: Fonseca, C., Rohden, F., Machado, P. S. (orgs.) *Ciências na vida: antropologia da ciência em perspectiva*. São Paulo: Terceiro Nome, p. 203-228.

ROCA, Alejandra, DELLACASA, Maria A. 2015. "Tecnorredenção de corpos transexuais. Apropriação tecnológica e augestão de identidades inconclusas", *Revista Mediações*. Londrina,

v. 20., n. 1. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/23264>.

ROHDEN, Fabíola. 2001. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

ROHDEN, Fabíola. 2002. "Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX", Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 101-125, junho de 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19078.pdf>

SARDENBERG, Cecília. 2002. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: Costa, Ana A. A., Sardenberg, Cecília M. B. (orgs) Feminismo, Ciência e Tecnologia. (Coleção Bahianas; 8). Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, p.89-120

SCHIEBINGER, Londa. 2001. O feminismo mudou a ciência? Bauru, SP: EDUSC.

SOUZA, Érica R. 2020. "Corpos transmasculinos, hormônios e técnicas: reflexões sobre materialidades possíveis". Dossiê Tecnologia, Gênero e Ativismos. Organizadoras: Daniela C. Araújo, Daniela T. Manica e Marta N. Kanashiro, Cadernos Pagu (59), 2020:e205910.SOUZA, Érica R. 2006. E-moms: na era da maternidade ciborgue. Humanitas, 9(2), p. 21-29.

SOUZA, Érica R., MONTEIRO, Marko. 2015. "Repensando o corpo biotecnológico: questões sobre arte, saúde e vida social", Teoria & Sociedade, número especial: Antropologias e Arqueologias hoje, pp. 159-172.

SOUZA, Érica R., CARVALHO, Flora V., CARMO, Marina M. S. 2020. Inseminação Caseira e Maternidades Lésbicas: impactos da internet e das novas técnicas de reprodução nas reconfigurações das práticas e dos discursos das "tentantes". In: Aires, Maria C., Vieira, Viviane C., Carvalho, Alexandra B. (orgs) Práticas Sociais, Discurso, Gênero Social: explicações críticas sobre a vida social. Curitiba: Appris Editora.

SOUZA, Gedalva, FELTRIN, Receba B., VELHO, Lea. 2019. "Audiências Públicas no Senado: o direito ao aborto em disputa", Cadernos de Gênero e Diversidade. Vol 05, N. 03 - Jul. - Set., 2019. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>

STRATHERN, Marilyn. 2009. "A Antropologia e o advento da Fertilização In Vitro no Reino Unido: uma história curta", Cadernos Pagu, 33, 2009, pp. 9-55.

DAA XXX – Geoarqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Na disciplina serão tratados os conceitos básicos, as metodologias e os princípios da geoarqueologia a partir das aplicações das geociências e da arqueologia. Trata-se de considerações teóricas e estudos de casos que buscam compreender a reconstrução da paisagem, a qual servirá de base para a compreensão da implantação dos grupos humanos passados no espaço.

Syllabus (Geoarchaeology)

In the course, the basic concepts, methodologies and principles of geoarchaeology will be treated from the applications of geosciences and archeology. These are theoretical considerations and case studies that seek to understand the reconstruction of the landscape, which will serve as a basis for understanding the implantation of past human groups in space.

Bibliografia básica:

AB'SABER, A. 2010. A Obra de Aziz Nacib Ab'Saber. São Paulo: BECA (588 p. e CD).

CORREA, Roberto Lobato. 1995. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: Castro, Gomes e Correa (Orgs.). Geografia Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

KAMPF, N. e KERN, D.. 2005. O Solo como registro da ocupação humana pré-histórica na Amazonia. *Topicos Ci. Solo*. 4:277-320.

NAME, Leo. 2010. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com a cultura. In *GeoTextos*, vol. 6, n. 2, dez. 2010: 163-186.

RODET, M.J.. 2012. Geoarqueologia na bacia do rio Peruacu. In *Para desenvolver a Terra*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

RUBIN, Julio Cesar Rubin de & SILVA, Rosicler T. da (Orgs.). 2008. *Geoarqueologia: teoria e prática*. Goiânia: Editora UCG.

Bibliografia complementar:

RUBIN, Julio Cezar Rudin de; FAVIER DUBOIS, Cristian M.; SILVA, Rosiclér Theodoro da. 2015. *Geoarqueologia*. Goiânia, GO: Ed. da PUC Goiás, 495 p

THOMAS, Julian. 2001. Cap. 7. Archaeologies of Place and Landscape. In *Archaeological Theory Today*. Edited by Ian Hodder. (165-186).

VILLAGRAN, Ximena S. 2010. *Geoarqueologia de Um Sambaqui Monumental - Estratigrafias que Falam*. São Paulo: Annablume, 214 p.

DAA XXX – Grafismos Rupestres

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A disciplina se propõe a explorar as abordagens clássicas e contemporâneas dos estudos de grafismos rupestres, discutindo suas bases teóricas, os métodos e elementos das técnicas a eles associadas, com ênfase nos contextos de pesquisa brasileiros. O objetivo é fornecer um panorama das abordagens e também construir as bases para que as(os) estudantes iniciem (ou avancem na) sua formação teórica e metodológica para análise de grafismos rupestres.

Syllabus (Rock Art Studies)

Classical and contemporary approaches on rock art studies. Introduction to theory, methods and techniques in rock art research, focused mostly in Brazilian contexts. The goal is to provide a panoramic view of the field and also a base for initiation on rock art research.

Bibliografia básica:

COSTA, Carlos. 2012. *Representações Rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina (Bahia, Brasil)*. Tese de doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.

GUIDON, Niède. 1989. "Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil", *Clio – Série arqueológica*, n. 5. Recife: EDUFPE. 1989: 5-10.

ISNARDIS, Andrei. 2009. Interações e paisagens nas paredes de pedra. Padrões de escolha de sítio e relações diacrônicas entre as Unidades Estilísticas de grafismos rupestres do vale do Peruaçu. *Arquivos do Museu de História Natural* vol. XIX. Belo Horizonte: UFMG. p. 319-368.

LEROI-GOURHAN, André. 1984. *A Arte Religiosa. As Religiões da Pré-História*. Lisboa: Edições 70. p. 81-108.

LINKE, Vanessa. 2013. "Onde É Que Se Grafia? As relações entre os conjuntos estilísticos rupestres da região de Diamantina (Minas Gerais) e o mundo envolvente", *Revista Espinhaço*, vol. 2, n.2. 2013: 118-131.

LINKE, Vanessa; ALCANTARA, Henrique; ISNARDIS, Andrei; TOBIAS JÚNIOR, Rogério & BALDONI, Raíssa. 2020. "Do fazer a arte rupestre: reflexões sobre os modos de composição de figuras e painéis rupestres de Minas Gerais, Brasil", *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém, v. 15, n.1. 2020: e20190017.

LEWIS-WILLIAM, James D. 1988. Reality and Non-reality in San Rock Art. Twenty-fifth Raymond Dart lecture. Johannesburg: Witwatersrand University Press.

PESSIS, Anne-Marie. 1993. "Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil", CLIO. Recife: UFPE. v. 1, n.8.

PROUS, André. 1999. "As categorias estilísticas nos estudos de arte rupestre: arqueofatos ou realidades?", Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: USP. 1999: 251-261.

PROUS, André. LANNA, Ana Lúcia D. & PAULA, Fabiano L. 1980. Estilística e Cronologia na Arte Rupestre de Minas Gerais. Pesquisas - Série Antropologia, 31. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. 1980: 121-146.

RIBEIRO, Loredana. 2008. "Contexto arqueológico, técnicas corporais e comunicação", Revista de Arqueologia. v. 21. 2008: 51-72.

TRONCOSO, Andrés. 2014. "Relacionalidad, Prácticas, Ontologías y Arte Rupestre nel Centro Norte de Chile (2000 A.C. - 1540 D.C.)", Revista de Arqueologia. Volume 27, No. 2. 2014: 64-87.

TRONCOSO, Andrés. 2011. Arte Rupestre y Códigos Espaciales: un caso de estudio en Chile Central. Chungara, Revista de Antropología Chilena. vol. 43, no 2. p. 161-176.

VALLE, Raoni. 2012. Gravuras Rupestres no Baixo rio Negro e o Diálogo com os Povos Indígenas do Alto Rio Negro. In: Andrello, Geraldo; Cabalzar, Aloísio. (Org.). Caminhos Ancestrais e Rotas de Transformação. São Paulo: Instituto Socioambiental - ISA.

DAA XXX – Grupos Humanos através de seus Objetos

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Os objetos produzidos pelos grupos humanos refletem necessidades, sociabilidades e escolhas culturais. O objetivo do curso é analisar os objetos produzidos no passado (distante ou recente), suas relações sociais, suas funções, etc., desenvolvendo debates e reflexões sobre questões fundamentais desta relação, além das metodologias utilizadas para seus estudos. A visita a pelo menos um museu ou a um elemento do patrimônio histórico é fundamental para o desenvolvimento da disciplina, dialogando com a formação extensionista através de projeto de extensão.

Syllabus (Human groups through their objects)

The objects produced by human groups reflect needs, sociability and cultural choices. The objective of the course is to analyze the objects produced in the past (distant or recent), their social relations, their functions, etc., developing debates and reflections on fundamental issues of this relationship, in addition to the methodologies used for their studies. Visiting at least one museum or an element of historical heritage is essential for the development of the discipline, in dialogue with extensionist practices thru projects.

Bibliografia básica:

GODELIER, Maurice. 1973. "*Moeda de sal*" e circulação das mercadorias entre os Baruya da Nova-Guiné; In: Horizontes da Antropologia, Lisboa: Edições 70, p.271-300.

LATOUR Bruno. 2012. Reagregando o Social. Introdução à Teoria do Ator-Rede. EDUFBA. Salvador.

LENONNIER P. 2004. Místicas Cadeias Operatórias. (traduzido).

LEROI-GOURHAN, André. 1984. Evolução e Técnicas – I: O Homem e a Matéria. Lisboa: Edições 70. Introdução e capítulo I.

LEROI-GOURHAN, André. 1984. Evolução e Técnicas – II: O Meio e a Matéria. Lisboa: Edição 70.

LOPES RAMOS R. F. 2004. A danação do objeto: o museu no ensino da historia. Editora Argos. 178 p.

Bibliografia complementar:

DONADIE Pierre. 2002. La Société Paysagiste. Actes Sud/ENSP. Paris. 150 p.

HUNT J. D. 1996. L'art des jardins et son histoire. O. Jacob. Paris.

MAUS, M. 2007. Manual de Etnografia. Primeira Edi  o Argentina, 324 p.

DAA XXX – Laboratório de Extensão

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Disciplina de caráter prático voltada a atividades extensionista, através de projetos. Fundamentos teórico-metodológicos do fazer antropológico/arqueológico. Atua  o antropológica/arqueológica associada ao respeito e defesa das diferenças (culturais, étnicas, raciais, de classe, de g  nero, geracionais, de religião, de modos de vida, de produ  o, etc.) e sua reprodu  o; atua  o antropológica/arqueológica em defesa do patrimônio cultural material e imaterial. Atua  o voltada à garantia de direitos, e reflexão sobre direitos humanos. Implica  es científicas, éticas, políticas, jur  dicas e profissionais da atua  o antropológica/arqueológica.

Syllabus (Laboratory of Extensionist Activities)

This course has a practical character focused on extensionist activities, thru projects. Theoretical and methodological approaches to anthropological/archaeological practices. Anthropological/archaeological practices towards rights and protection of diversity (cultural, ethnical, racial, class, gender, generation, religion, life styles, production, etc) and its reproduction. Anthropological/archaeological practices towards the defense of cultural tangible and untangible heritage. Practices towards rights guarantee and reflection over human rights. Scientific, ethical, political, juridical and professional implications of anthropological/archaeological practices.

Bibliografia básica:

O'DWYER, Eliane Cantarino. 2010. O papel social do antropólogo. A aplica  o do fazer antropológico e do conhecimento disciplinar nos debates públicos do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: E-papers (Antropologias, 6).

RAMOS, Alcida Rita. 1990. O antropólogo: ator político, figura jurídica. Série Antro-pologia Departamento de Antropologia da Univerdade de Brasília, Brasília, n. 92.

TAX, S. 1952. "Action anthropology", América Indigena, 12: 103-106.

WASSILOWSKY, Alexander Herrera (org). 2013. Arqueología y desarrollo en América del Sur : de la práctica a la teoría. Bogotá : Universidad de los Andes/ Ediciones Uniandes. Lima : Instituto de Estudios Peruanos.

DAA XXX – Laudos Antropológicos

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

O campo da perícia antropológica no Brasil; o diálogo da Antropologia com o Direito e o papel da Antropologia no reconhecimento de direitos coletivos relacionados à diversidade étnica e cultural. A dimensão   tica do exercício profissional e a responsabilidade social e científica do

antropólogo. A noção de "situação etnográfica" e a importância dos instrumentos teórico-metodológicos próprios à disciplina na elaboração de laudos e relatórios técnicos. Reconhecimento étnico, terras tradicionalmente ocupadas, impactos de grandes projetos de desenvolvimento. Relação entre laudos antropológicos e direitos humanos, educação ambiental e educação para as relações étnicorraciais.

Syllabus (Anthropological Reports)

The field of anthropological expertise in Brazil; the dialogue between Anthropology and Law and the role of Anthropology in recognizing collective rights related to ethnic and cultural diversity. The ethical dimension of professional practice and the social and scientific responsibility of the anthropologist. The notion of "ethnographic situation" and the relevance of theoretical and methodological instruments proper to the discipline in the preparation of technical reports. Recognition of ethnic identities, traditionally occupied lands, impacts of major development projects. Relationship between anthropological reports and human rights, environmental education and education for ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA - ABA. Código de Ética – Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/index.php/codigo-de-etica>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA - ABA. Carta de Ponta das Canas. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/001DOCUMENTOS/DocumentosABA/cartacanas.pdf>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA - ABA. 2015. Protocolo de Brasília. Laudos Antropológicos: Condições para o exercício de um trabalho científico. ABA. Disponível em: http://www.portal.abant.org.br/livros/LaudosAntropologicos_CondicoesParaOExercicioDeUmTrabalhoCientifico.pdf

LEITE, Ilka Boaventura. 2005. Laudos periciais antropológicos em debate. Florianópolis: NUER/ABA. Em: <http://www.abant.org.br/conteudo/livros/laudos.pdf>

OLIVEIRA, J. P.. 1994. Os Instrumentos de Bordo: expectativas e possibilidades do trabalho do antropólogo em laudos periciais. In: LARAIA, R. et al (orgs). A Perícia Antropológica em Processos Judiciais. Florianópolis: Edufsc.

OLIVEIRA, J. P. 1999. "Fazendo etnologia com os caboclos do Quirino: Curt Nimuendajú e a história Ticuna". In: _____. (org). *Ensaios de Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

OLIVEIRA, J. P. ; MURA, F; BARBOSA DA SILVA, A. (orgs). 2015. Laudos Antropológicos em perspectiva. Brasília: ABA Publicações.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, A. W. B. 2006. O objeto da perícia e os procedimentos de obtenção de informação. In: Os quilombolas e a Base de lançamento de foguetes de Alcântara. Brasília: MDA.

BARRETTO FILHO & SOUZA LIMA, A. C. 2005. Antropologia e identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002. Rio de Janeiro: ContraCapa Livraria/LACED/CNPq/FAPERJ/IIEB.

BOURDIEU, P. 1989. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: O poder simbólico. Lisboa: Difel.

FOUCAULT, M.. 2008 [1979]. Verdade e Poder. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal (organizado por Roberto Machado a partir de textos de Foucault).

GLUCKMAN, Max. 1990. O material etnográfico na Antropologia Social Inglesa. In: ZALUAR, Alba (org). Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.

O'DWYER, Eliane Cantarino (org). 2002. Quilombos: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: ABA/ Editora FGV.

OLIVEIRA, J. P. 1998. "Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais", *Mana*, vol.4, n.1, Rio de Janeiro, abril.

OLIVEIRA, J. P. & SANTOS, A. F. M. 2003. Reconhecimento Étnico em Exame: dois estudos sobre os Caxixó. Rio de Janeiro: Contracapa e Laced/MN/UFRJ.

SAMPAIO, J. A. L.. 2010 [1996]. "Sob o signo da Cruz: Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação de Terra Indígena Pataxó da Coroa Vermelha", Cadernos do LEME, Campina Grande, vol. 2, nº 1, p. 95 – 176. jan./jun. Disponível em: <http://leme.ufcg.edu.br/cadernosdoleme/index.php/e-leme/article/viewFile/21/19>

ZHOURI, A. & OLIVEIRA, R. 2013. Conflitos entre Desenvolvimento e Meio Ambiente no Brasil: desafios para a antropologia e os antropólogos. In: Bela Feldman-Bianco. (Org.). Desafios da Antropologia no Brasil. 1ed. Brasília: ABA, v. 1, p. 1-22.

SANTOS, A. F. M. 2011. Concepções de cultura, reconhecimento de direitos: o caso dos atingidos pela UHE Itaipé. In: CUREAU, S et al (orgs). Olhar multidisciplinar sobre a efetividade da proteção do patrimônio cultural. Belo Horizonte: Editora Forum.

DAA XXX – Leituras Arqueológicas de Etnologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Esta disciplina tem por objetivo agregar discussões e conceitos construídos pela etnologia brasileira às reflexões sobre as sociedades indígenas pré-coloniais e, especialmente, à arqueologia destas sociedades, refletindo sobre as possibilidades desse movimento e estimulando sua prática. Como meio para isso, a disciplina se valerá de trabalhos de etnologia brasileira, incluindo textos etnográficos e sínteses etnológicas, através de uma seleção temática, nos quais se buscarão as referidas discussões e conceitos etnológicos. A disciplina visa também contribuir para a promoção dos direitos humanos e educação para as relações etnicorraciais.

Syllabus (Archaeological Readings on Ethnology)

The course proposes to discuss the possibilities of applying concepts and discussions built by Brazilian Ethnology into the analysis of precolonial indigenous societies, stimulating such practice. This course is built by readings on ethnographic works and ethnological synthesis, under a specific set of them, that one can relates to archaeological issues. The discipline also aims to contribute to the promotion of human rights and education for ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

DESCOLA, Phillipe. 2006. As Lanças do Crepúsculo. São Paulo: Cosac & Naify.

DO PATEO, Rogério. 2005. Nyayou. Antagonismo e Aliança entre os Yanomam da Serra das Surucucus. Tese de doutorado. São Paulo: USP.

FAUSTO, Carlos. 2001. Inimigos Fiéis. História, guerra e xamanismo na Amazônia. São Paulo: Edusp.

GALLOIS, Dominique. 2005. Introdução: Percursos de uma Pesquisa. In: GALLOIS, D. Redes de Relações nas Guianas. São Paulo: Humanitas / FAPESP, p. 7-22.

LIMA, Tânia Stolze. 2005. Um peixe olhou pra mim. O povo Yudjá e a perspectiva. São Paulo: Ed UNESP/ISA/NUTI.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1987. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Da UFRJ/ Marco Zero.

VAN VELTHEM, Lúcia. 2003. O Belo é a Fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana. Lisboa: Assírio & Alvim.

VILAÇA, Aparecida. 1992. Comendo como Gente: Formas do Canibalismo Wari. Rio de Janeiro: ANPOCS/EdUFRJ.

VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. 2002. A Inconstância da Alma Selvagem. São Paulo: Cosac & Naify.

VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. 1986. Araweté. Os Deuses Canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar / ANPOCS.

DAA XXX – Leituras de Tim Ingold, Pierre Bourdieu e Merleau-Ponty

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A Fenomenologia de Merleau-Ponty; a Teoria da praxis: o conceito de habitus em Bourdieu; Percepção, aprendizado e habilidades: Tim Ingold; confluências e dispersões entre as abordagens dos autores e suas posições no campo da antropologia.

Syllabus (Readings of Tim Ingold, Pierre Bourdieu and Merleau-Ponty)

The Phenomenology of Merleau-Ponty; the theory of praxis: the concept of habitus in Bourdieu; Perception, learning and skills: Tim Ingold; confluences and dispersions between the authors' approaches and their positions in the field of anthropology.

Bibliografia básica:

BAILÃO, André. 2016. "Paisagem - Tim Ingold". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>

BOURDIEU, Pierre. 2004. Espaço Social e Poder Simbólico. In: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, p. 149-168

BOURDIEU, Pierre. 2009 [1980]. O Senso Prático. Petrópolis: Ed. Vozes, Livro 1, Caps 3 e 4.

BOURDIEU, Pierre. 1993 [1972]. Outline of a Theory of Practice. Cambridge Press, Cap. 2 e 4.

BOURDIEU, Pierre. 2002. Sobre o poder simbólico. In: O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 9 – 16.

INGOLD, Tim. 2008. Anthropology is not ethnography. Radcliffe-Brown Lecture in Social Anthropology. Proceedings of the British Academy. 154, 69-92.

INGOLD, Tim. 2000. The perception of the environment: Essays in livelihood, dwelling and skill. London: Routledge.

INGOLD, Tim. 2012. "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais", Horiz. antropol. vol.18 no.37 Porto Alegre Jan./June 2012. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002

INGOLD, Tim. 2019. Antropologia. Para que Serve? São Paulo: Ed Vozes.

INGOLD, Tim. 2020. Estar Vivo. São Paulo: Ed. Vozes.

MERLEAU-PONTY. 1999. A Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Ed Martins Fontes.

MERLEAU-PONTY. 2001. O Visível e o invisível. São Paulo: Ed Perspectiva, coleção Debates.

VELHO, Otávio. 2001. "De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico" Mana v.7 n.2, Rio de Janeiro, out. 2001.

WACQUANT, Lóicq. 2007. "Notas para esclarecer a noção de habitus", RBSE: 6(16): 5-11, abril de 2007.

WACQUANT, Lóicq. 2002. "O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal", Revista de Sociologia Política, 19: 95-110, nov 2002.

Bibliografia complementar:

CARDIM, Leandro Neves. 2007. A ambiguidade na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty. Tese de doutorado. Depto. Filosofia da USP.

FURLAN, Reinaldo & Bocchi, Josiane Cristina. 2003. "O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty", *Estudos de Psicologia*, 8(3): 445-450.

INGOLD, Tim. 2011. Conferência: For Enskillment. Belo Horizonte: UFMG.

INGOLD, Tim. 2011. Conferência: Making Growing Learning. Belo Horizonte: UFMG.

INGOLD, Tim. 2011. Conferência: Designing environments for life. Belo Horizonte: UFMG: Set. 2011.

MACHADO e SILVA, COELI, Maria Regina. 2011. "A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos?", *Horizontes Antropológicos*. vol.17 no.35. Porto Alegre Jan./June 2011.

MOURA CARVALHO, Maria Isabel & STEIL, Carlos Alberto. 2009. "O habitus ecológico e a educação da percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental", *Revista Educação e Realidade*, 34 (3), 81-94, set/dez 2009.

PEREIRA DE ALMEIDA, Katia Maria. 1997. "Distinção e transcendência: a estética sócio-lógica de Pierre Bordieu", *MANA*, Vol.3 n.1 Rio de Janeiro Apr. 1997.

PEREIRA DE ALMEIDA, Katia Maria. 1995. "Humanidade e Animalidade", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, no. 28, 1995.

PETRÚCIA DA NOBREGA, Terezinha. 2008. "Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty", *Estudos de Psicologia*, 2008, 13(2):141-148.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. 2002. "A teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea", *Revista Brasileira de Educação*. Maio/jun/julho, 2002, No. 20. pp.61-70.

STEIL & CARVALHO (org.). 2011. *Culture, Perception and Environment: the contribution from Tim Ingold for a paradigm change*. Seminário internacional, Porto Alegre, UFRGS: Outubro de 2011.

DAA XXX – Leituras Estruturalistas

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Apresentar a alunas e alunos do Curso de Antropologia os fundamentos teóricos e os princípios metodológicos do estruturalismo a partir da obra de Claude Lévi-Strauss. O estruturalismo é considerado uma das mais importantes correntes teóricas das ciências sociais do século XX. Na antropologia, foi sobretudo com Claude Lévi-Strauss que seus princípios foram desenvolvidos. Sua relação com os povos nativos das Américas provocou uma reviravolta na disciplina, fomentando o surgimento de novas pesquisas na região, incorporando-a definitivamente ao corpus etnográfico da Antropologia. Pretende-se também contribuir pra a educação para as relações etnicorraciais.

Syllabus (Readings on Structuralism)

To present to students of the Anthropology Course the theoretical foundations and methodological principles of structuralism based on the work of Claude Lévi-Strauss. Structuralism is considered one of the most important theoretical currents in the social sciences of the 20th century. In anthropology, it was mainly with Claude Lévi-Strauss that his principles were developed. His relationship with the native peoples of the Americas brought about a turnaround in the discipline, encouraging the emergence of new research in the region, definitively incorporating it into the ethnographic corpus of Anthropology. It also intends to contribute to the education for ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

Lévi-Strauss, Claude. 2008 [1958]: *Antropologia Estrutural*. São Paulo, Cosac Naify(nova edição disponível na UBU).

Lévi-Strauss, Claude. 1982 [1949]. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes.
Lévi-Strauss, Claude. 1989 [1962]. O pensamento selvagem. Campinas: Papyrus.
Lévi-Strauss, Claude. 2004 [1964]. O cru e o cozido: Mitológicas I. São Paulo: Cosac & Naify.

DAA XXX – Marxismo: Antropologia e Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

O curso pretende dar uma visão da Arqueologia e da Antropologia Marxistas partindo dos fundamentos desta teoria e chegando às obras de autores consagrados nas duas áreas. A primeira parte abordará a Teoria Marxista através de seus fundamentos como: a Dialética, o Materialismo, a Teoria do Valor, a Teoria das Classes Sociais e a Teoria da Alienação. Na segunda parte serão contemplados textos de arqueólogos e antropólogos nos quais a teoria é utilizada como instrumento de interpretação de realidades específicas.

Syllabus (Marxism: Anthropology and Archeology)

The subject intends to give an overview of Marxist Archeology and Anthropology starting from the foundations of this theory and reaching the works of renowned authors in both areas. The first part will address the Marxist Theory through its foundations such as: Dialectics, Materialism, Theory of Value, Theory of Social Classes and Theory of Alienation. In the second part, texts by archaeologists and anthropologists in which the theory is used as an instrument to interpret specific realities will be contemplated.

Bibliografia básica:

- BATE, Luis Felipe. 1998. El proceso de investigación en Arqueologia. Barcelona: Crítica, p. 104-139.
- BROHM, Jean-Marie. 1979. O que é a Dialética. Lisboa: Antídoto, p. 9-66.
- GILMAN, Antonio. 2007. El marxismo en la Arqueologia norteamericana. in ORQUERA, L. & HORWITZ, Victoria. Clásicos de Teoria Arqueológica Contemporánea. Buenos Aires: SAA, p. 337-354.
- GODELIER, Maurice. 1973. Horizontes da Antropologia. São Paulo: Martins Fontes. s/d. p. 131-160 e 271-300.
- LEFEBVRE, Henri. 1979. Sociologia de Marx. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, p. 66-88.
- LENINE, V. I. 1979. As três fontes e as três partes constitutivas do Marxismo. In: Obras Escolhidas. São Paulo: Alfa-Ômega, Tomo 1. p. 35-39.
- LIANOS, Alfredo. 1988. Introdução à Dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 207-220.
- MARX, K. 1985. O Capital. Vol. 1- Livro 1. São Paulo: Difel.
- MARX, Karl. & ENGELS, F. 1987. Manifesto Comunista. São Paulo: Global, p. 75-88.
- MARX, Karl. & ENGELS, F. Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política in Obras Escolhidas vol. 1. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d. p. 300-303.
- MC GUIRE, Randal. 1992. A Marxist Archaeology. San Diego: Academic Press, p. 213-263.
- MEILLASSOUX, Claude. 1995. Antropologia e Escravidão: o ventre de ferro e dinheiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 54-91.
- MÉSZÁROS, István. 1981. Marx: A Teoria da Alienação. Rio de Janeiro: Zahar, p. 111-193.
- PATTERSON, Thomas C & ORSER JR, Charles E. 2004. Foundations of Social Archaeology. Oxford: Berg, cap. 2, 5 e 8.
- PATTERSON, Thomas C. 2003. Marx's ghost. Oxford: Berg, p. 91-120.
- RUBIN, Isaak I. 1987. A Teoria Marxista do Valor. São Paulo: Polis, p. 34-43.

TERRAY, Emmanuel. 1979. O marxismo diante das Sociedades Primitivas. Rio de Janeiro: Graal, p. 93-166.

VILAR, Pierre. 1979. "Marx e a História. In: HOBBSAWM, Eric (org.) História do Marxismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol. 1. p. 91-126.

WOLF, Eric. 2003. "Tipos de campesinato latino-americanos: uma discussão preliminar" e "Os moinhos da desigualdade: uma abordagem marxiana" in FELDMAN-BIANCO (orgs.) Antropologia e Poder. Brasília: UNB, p. 117-144 e 267-289.

DAA XXX – Memória e Oralidade

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Aspectos epistemológicos, metodológicos e técnicos do trabalho etnográfico com ênfase na oralidade, na memória e identidade social. Diferenças entre história oral e história de vida; memória, narrativa e discurso; as entrevistas e o seu processamento.

Syllabus (Memory and Orality)

Epistemological, methodological and technical aspects of ethnographic work with emphasis on orality, memory and social identity. Differences between oral history and life history; memory, narrative and discourse; the interviews and their processing.

Bibliografia básica:

ALBERTI, Verena. 2008. Histórias dentro da História. In: Carla Bassanezi Pinsky (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto.

BAENA, V. C. 1997. "La transcripción em historia oral: para um modelo "vivo" del paso de lo oral a lo escrito", História, Antropologia e Fuentes Orales, nº 18, Voz e Imagem, ano 1997, p. 41-62.

BOSI, Ecléa. 1987. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das letras.

BOURDIEU, Pierre. 1997. "Compreender". In: P. Bourdieu. A miséria do mundo. Petrópolis, RJ: Vozes.

GATTAZ, C. 1996. Fazendo História Oral: Textualizar lapidando a fala bruta. In: Braços da Resistência: uma história oral da imigração espanhola. SP: Xamã, p. 261-270.

HALBWACHS, Maurice. 1990. A memória coletiva. São Paulo: Vértice. Introdução e Cap. 01.

LE VEN, Michel; FARIA, Érica de e MOTTA, Miriam Hermeto de Sá. 1999. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON - SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Os desafios contemporâneos da História Oral. Campinas: Centro de Memória Oral / UNICAMP.

NEVES, Lucília de Almeida. 2000. "Memória, História e sujeito: substratos da identidade", Revista da Associação Brasileira de História Oral, julho de 2000, n° 3.

OLIVEIRA, R. S. T. 2012. "Etnografia como Pesquisa e Assessoria: construindo políticas de articulação", Teoria & Sociedade, 20.2.

ORLANDI, E. P. 2007. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. 2000. "Reflexões sobre História de vida, biografias e autobiografias", Revista da Associação Brasileira de História Oral, julho de 2000, nº 3.

POLLAK, Michael. 1992. Memória e Identidade Social. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, p.200-212.

POLLAK, Michel. 1989. "Memória, esquecimento e silêncio". In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC. Fundação Getúlio Vargas, vol.2, nº3, p. 03-15.

PORTELLI, Alessandro. 1996. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1994): Mito, política, luto e senso comum. In: M. Ferreira e Janaina Amado (orgs.). Usos Abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, p. 103-130.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira. 1991. Da Arte de Dividir, da engenhosidade de construir. In: Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T.A. Queiroz Ed., p.109 -129.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira. 1991. Relatos Oraís: do 'indizível' ao 'dizível' In. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, p.1-26.

THOMPSON, P. 2002. "História Oral e Contemporaneidade", Revista da Associação Brasileira de História Oral, Julho de 2002, n. 5.

THOMPSON, Paul. 2002. A Entrevista In: A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e terra, p.254-278.

WHITAKER, D.C et al. 1995. "A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura?", Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais.n. 2 (1995). PPGS. FCL-UNESP/Araraquara, p. 65-70.

Bibliografia complementar:

MAINGUENEAU, D. 1998. Termos-chave da Análise do Discurso. Belo Horizonte: Ed. da UFMG.

MILLS, W. 1975. Do Artesanato intelectual. A Imaginação Sociológica. 4ªed. RJ.: Zahar.

OLIVEIRA, R. C. 1996. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever", Revista de Antropologia, São Paulo: USP, 1996, v.39. n°1.

ORLANDI, E. P. 1989. Silêncio e Implícito (Produzindo a Monofonia). In: GUIMARÃES (Org.) História e Sentido na Linguagem. São Paulo: Pontes, p. 39 – 46.

PÊCHEUX, M. 1990. O Discurso: Estrutura ou Acontecimento. Campinas: Pontes.

DAA XXX – Mineração: Patrimônio, Ambiente e Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A disciplina vai desenvolver uma abordagem da atividade minerária, partindo do denominado Ciclo do Ouro (no século XVIII) para chegar na realidade atual (século XXI). Através de uma perspectiva que contempla a interação de diferentes áreas do conhecimento (História, Arqueologia, Antropologia etc.) serão abordados temas como: as técnicas de exploração; a dinâmica social; os conflitos diversos; a degradação ambiental e o patrimônio arqueológico; violações de direitos ligadas à atividade minerária; mineração e relações etnicorraciais.

Syllabus (Mining: Heritage, Environment and Archaeology)

The subject will develop an approach to mining activity starting from the so-called Gold Cycle (in the 18th century) to arrive at the current reality (21st century). Through a perspective that contemplates the interaction of different areas of knowledge (History, Archeology, Anthropology etc. .) topics such as: exploration techniques; social dynamics; diverse conflicts; environmental degradation and archaeological heritage; rights violations linked to mining activities; mining and ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

ACUTO, Feliz. 1999. Paisaje y dominación: la constitución del espacio social em el Imperio Inka. In: ZARANKIN, A. & ACUTO, Feliz. Sed non Satiata. Buenos Aires: Tridente, p. 33-75.

BUTZER, Karl W. 1989. Arqueología uma ecologia del hombre. Barcelona: Bellaterra, p. 120-152.

CRUZ, Pablo et alii. 2012. "La pacificación del Mineral". Cerro López, un enclave minero en la contienda sobre el Nuevo Mundo, *Vestígios*, vol 6, nº 1, 2012.

GONÇALVES, Andréa L. 2007. AS técnicas de mineração nas Minas Gerais do século XVIII. In: RESENDE, M.E.L & VILLALTA, L.C. História de Minas Gerais: as Minas setecentistas – Vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica, p. 187-204.

GUIMARÃES, Carlos M. & REIS, Flávia M. M. Agricultura e Mineração no século XVIII. In RESENDE, M.E.L & VILLALTA, L.C. História de Minas Gerais: as Minas setecentistas – Vol. 1. Belo Horizonte: Autêntica, p. 321-335.

GUIMARÃES, Carlos M. et alii. 2007. "Arqueologia e Campesinato: vestígios de uma categoria social", *Vestígios*, vol 1 nº1.

HOLANDA, Sérgio B. de. 2003. "Metais e Pedras preciosas" in História Geral da Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, p. 289-345.

MELÉNDEZ, Ana S. & QUESADA Marcos N. 2012. Estrategias industriales y tácticas campesinas em Mina Dal (Catamarca, Argentina). *Vestígios*, Vol.6 nº 1.

PAIVA, Eduardo França. 2002. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: PAIVA, Eduardo F. & ANASTASIA, Carla M.J. (orgs). O Trabalho Mestiço. São Paulo: Annablume, p. 187-205.

PAULA, João Antônio de. 2007. A mineração de ouro em Minas Gerais do século XVIII. In: RESENDE, M. E. L & VILLALTA, Luiz C. História de Minas Gerais: as minas setecentistas – vol 1. Belo Horizonte: Autêntica, p. 279-301.

RAFFESTIN, Claude. 1993. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, p. 223-236.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. 1997. História das Paisagens. In: CARDOSO, Ciro D. e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, p. 203-216.

SILVEIRA, Flávio L. A. da. 2009. A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar. In: SILVEIRA, Flávio L. A. da & CANCELA, Cristina D. Paisagem e Cultura. Belém: Edufpa, p. 71-83.

TINOCO, Alfredo. 2002. Arqueologia Mineira: território interdisciplinar. In: Terrenos da Arqueologia da Península Ibérica. Porto: Adicap, p. 251-257.

DAA XXX – Oficina de Comunicação em Arqueologia e Antropologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Nesta disciplina, iremos investir na produção de materiais de comunicação voltados à disseminação de conhecimentos sobre as áreas de Arqueologia e de Antropologia Social, seguindo portanto uma abordagem ligada à formação extensionista, através de projetos. Para além de investigarmos diferentes modos de comunicação, o intuito é incentivar habilidades diversas de comunicação que possam ser utilizadas para ampliar o alcance da produção de conhecimento sobre diferentes públicos. Esta é uma disciplina com forte caráter prático, e visa instigar interesses sobre o papel social das pessoas-pesquisadoras na sua relação com a sociedade de um modo mais amplo através da ativação e da experimentação de estratégias de comunicação.

Syllabus (Workshop of Communication in Archaeology and Anthropology)

This course will focus on the production of communicative material to promote to larger audiences archaeological and anthropological knowledge, following an extensionist approach thru projects. Beyond investigating different communication modes, the goal is to promote different communicative skills to be used to wider the reach of disciplinary knowledge to larger audiences. It will demand practical work and intents to incite among students their interest on

the social role of researchers in communicating to society at large, thru experiments and different attempts with communication strategies.

Bibliografia básica:

AMORIM, V.R. 2012. A palavra imagem: breves reflexões sobre o domínio do imagético. In: Moura, Maria Aparecida (Org). Educação científica e cidadania: Abordagens teóricas e metodológicas para a formação de pesquisadores juvenis. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, p. 215-231.

ASSIS, Juliana de & VIEIRA, Letícia Alves. 2012. Aspectos fundamentais da produção e da divulgação científica. In Educação científica e cidadania: Abordagens teóricas e metodológicas para a formação de pesquisadores juvenis, editado por Moura, Maria Aparecida. Belo Horizonte: UFMG/ PROEX, p. 111-122.

BARRETO, Cristiana. 2013. "Corpo, comunicação e conhecimento: reflexões para a socialização da herança arqueológica na Amazônia", Revista de Arqueologia SAB 26 (1):112-128.

BEZERRA, Marcia. 2013. "Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia", Revista de Arqueologia Pública 7 (Julho): 107-122.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G. & WILLIAMS, Joseh M.. 2008. A arte da pesquisa. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 351p.

DIAS, Camila Delmondes; DELFINA, Cristiane; TEGA-CALIPPO, Glória ; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha; GUIMARÃES, Maria Clara Ferreira & CAMARGO, Vera Regina Toledo. 2013. "Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade", Ciência e Cultura 65 (2):48-52.

HARDING, Anthony. 2007. "Communication in archaeology", European Journal of Archaeology 10 (2-3):119-133.

HERNANDO, Almudena. 2015. Por qué la arqueología oculta la importancia de la comunidad? Trabajos de Prehistoria 72 (1):22-40.

HOLTORF, Cornelius. 2007. Can you hear me at the back? Archaeology, communication and society. European Journal of Archaeology 10 (2-3):149-165.

MAINGUENEAU, Dominique. 2002. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez. 238p.

RENFREW, Colin & BAHN, Paul. 1996. Archaeology - Theories, Methods and Practice. Second Edition ed. London: Thames & Hudson, 608p.

SCHERZLER, Diane. 2007. "Journalists and archaeologists: notes on dealing constructively with the mass media", European Journal of Archaeology 10 (2-3):185-206.

TEGA, Glória. 2008. Arqueologia, jornalismo e divulgação científica (Parte 1 e 2). história e-história (Disponível @ <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=90> e <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=89>).

TEGA, Glória. 2012. "Arqueologia no Brasil e o panorama atual: os números de 11 anos de divulgação na Folha de São Paulo", Arqueologia Pública (5):14-27.

TEGA-CALIPPO, Glória. & FUNARI, Pedro P. A.. 2015. "Inicios de la relación entre Arqueología y divulgación: breve historial y datos actuales de un periódico brasileño. Memorias", Revista Digital de Historia e Arqueología desde el Caribe Colombiano Año 11 (26):250-273.

TRAVANCAS, Isabel & FARIAS, Patricia. 2003. Antropologia e Comunicação. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ.

DAA XXX – Pensamento Decolonial

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

A disciplina aborda o assim chamado “giro decolonial” no campo de estudos caracterizado pelas teorias críticas da modernidade (sobretudo os Estudos Subalternos e os Estudos Pós-Coloniais). O pensamento decolonial ambiciona promover a descolonização do conhecimento, do poder e do ser, incluindo a crítica de instituições ocidentais como a própria universidade. Nesse sentido, trata-se de um campo inter(in)disciplinar por definição. Críticas ao capitalismo, ao racismo, ao sistema de gêneros e à separação sociedade/natureza estão entre os temas caros a esse campo de estudos constituído por autore/as que refletem a partir da experiência histórica latinoamericana. A disciplina visa também contribuir para a educação para as relações etnicorraciais.

Syllabus (Decolonial Thinking)

The discipline addresses the so-called "decolonial turn" in the field of studies characterized by critical theories of modernity (especially Subaltern Studies and Postcolonial Studies). Decolonial thinking aims to promote the decolonization of knowledge, power and being, including the critique of Western institutions like the university itself. In this sense, it is an inter(in)disciplinary field by definition. Criticism of capitalism, racism, the gender system and the separation of society/nature are among the themes dear to this field of studies constituted by authors who reflect from the Latin American historical experience. The discipline also aims to contribute to education for ethno-racial relations.

Bibliografia básica:

“MANIFESTO INAUGURAL”. 1998. In: Teorías sin disciplina (Latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización em debate). Edición de Santiago Castro-Gómez y Eduardo Mendieta . MÉXICO: MIGUEL ÁNGEL PORRÚA.

ACOSTA, Alberto. 2015. O bem viver. São Paulo: ed Elefante.

BALLESTINI, Luciana. “América Latina e o giro decolonial”, Revista Brasileira de Ciência Política, Nº 11. Brasília, Maio - Agosto de 2013, p. 89-117.

CORONIL, Fernando. 2005. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: Edgardo Lander (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

DE LA CADENA, Marisol. 2015. Earth Beings. Ecologies of practice across the Andean worlds. Durham and London. Duke University Press.

DOMINGUES, José Mauricio. 2011. Modernização global, “colonialidade” e uma sociologia crítica para a América Latina Contemporânea. Um debate com Walter Dignolo. In: DOMINGUES, J.M. Teoria crítica e semi (periferia). BH: Editora UFMG.

DUSSEL, Enrique. 2005. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: Edgardo Lander (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

ESCOBAR, Arturo. 2001. “Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of localization”, Political Geography 20 (2001) 139–174.

GROSFOGUEL, Ramón. 2008. “Para descolonizar os estudos de economia política e estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”, Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, março de 2008, 115-47.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. 2015. A queda do céu. São Paulo: Cia das Letras.

KRENAK, Airton. 2019. Ideias para adiar o fim do Mundo. São Paulo: Cia das Letras.

LUGONES, Maria. 2014. “Rumo a um feminismo decolonial”, Estudos feministas, Florianópolis 22(3), 320, set-dezembro de 2014.

MAGALHÃES, Sonia e MAGALHÃES, Antonio Carlos. 2012. Um canto fúnebre em Altamira: Os Povos Indígenas e alguns dos primeiros efeitos da Barragem de Belo Monte. In Zhouri, Andréa (org) Desenvolvimento, Reconhecimento de Direitos e Conflitos Territoriais. Brasília: ABA.

MIGNOLO, Walter. 2003. “Os esplendores e as misérias da “ciência”: Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: Boaventura Sousa Santos (org) Conhecimento Prudente para uma Vida Decente. São Paulo: Ed. Cortez.

MIGNOLO, Walter. 2008. “Desobediência Epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política”, Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324.

OLIVEIRA, Raquel. 2012. A Crise como Contexto no Médio Jequitinhonha: sobre perícia e política. In: Jalcione Almeida, Cleyton Gerhardt, Sônia Barbosa Magalhães (org.) Contextos Rurais e Agenda Ambiental no Brasil: práticas, políticas, conflitos, interpretações - Dossiê 3, Belém: Rede de Estudos Rurais.

QUIJANO, Anibal. 2002. “Colonialidade, Poder, Globalização e democracia”, Revista Novos Rumos, No. 37, Ano 17.

RESTREPO, Eduardo e ESCOBAR, Arturo. 2004. “Antropologias del Mundo”, Revista de Antropologia. Universidad del Magdalena, Santa Marta, julio de 2004, no. 3.

RIBEIRO, Djamila. 2019. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Cia das Letras.

SANTIAGO CASTRO-GOMEZ. 2005. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In: Edgardo Lander (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

WALSH, Catherine. 2005. Introducción: (re)pensamiento crítico y (de)colonialidade. In: Catherine Walsh (Edit.) Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas. Quito: Universidade Andina Simón Bolívar & Ediciones Abya-Yala. ZHOURI, Andréa. 2015. Colonialidade, Modernidade e Meio Ambiente. Texto apresentado na mesa redonda “Deslocamentos Teóricos”, ocorrida no V Seminário Internacional da Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, 15-17 de junho de 2015.

Bibliografia complementar:

GOMEZ FUENTES, Anahí Copitzky. 2015. La construcción de conocimiento antropológico como una forma de violencia epistemológica en los conflictos por megaproyectos hídricos en México. WATERLAT-GOBACIT Network Working Papers Thematic Area Series, TA2 Water and Megaprojects – Vol. 2 No 2. Water, megaprojects and epistemological violence, Newcastle upon Tyne, Waterloo, ON, Canada, and Mexico City July 2015.

MALDONADO-TORRES, Nelson. 2011. Thinking through the Decolonial Turn: Post-continental Interventions in Theory, Philosophy, and Critique—An Introduction. In: Transmodernity. Fall.

QUIJANO, Anibal. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas. Colección Sur-Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

RESTREPO, Eduardo. 2014. Desdisciplinar a Antropologia. Diálogo com Eduardo Restrepo. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 41, p. 359-379, jan./jun. 2014 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000100013>

DAA XXX – Religiões de Matriz Africana

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Debates clássicos e contemporâneos; teóricos e etnográficos; envolvendo as religiões de matriz africana nas Américas e no espaço Atlântico. O foco pode ser no Brasil comparativo, abrangendo América Latina, Caribe, África e/ou alhures. Contribuições da disciplina para a educação das relações etnicorraciais.

Syllabus (African American Religions)

Classic and contemporary debates about African American and Afro-Atlantic religions, including theoretical and ethnographic takes. The texts may focus on Brazil or may offer a comparative perspective, including the rest of Latin America, the Caribbean, Africa and elsewhere. Contributions of the discipline to the education of ethnic-racial relations.

Bibliografia básica:

ANJOS, José Carlos Gomes dos. 2006. Território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira. Porto Alegre: UFRGS.

BASTIDE, Roger. 1960 [1971]. As religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Civilização Brasileira.

CARNEIRO, Edison. 1963 [1991]. Religiões negras: Notas de etnografia religiosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bibliografia complementar:

ANJOS, José Carlos Gomes dos. 2006. Território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira. Porto Alegre: UFRGS.

BASTIDE, Roger. 1958 [2001]. O candomblé da Bahia (rito nagô). São Paulo: Companhia das Letras.

BASTIDE, Roger. 1960 [1971]. As religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Civilização Brasileira.

BIRMAN, Patrícia. 1997. "O campo da nostalgia e a recusa da saudade: temas e dilemas dos estudos afrobrasileiros", *Religião e sociedade* 18 (2): 75-92.

CABRERA, Lydia. 1954 [2012]. A mata: Notas sobre as religiões, a magia, as superstições e o folclore dos negros criollos e o povo de Cuba. São Paulo: EdUSP.

CABRERA, Lydia. 1980? [1994]. Iemanjá e Oxum: Iniciações, ialorixás e olorixás. São Paulo: EdUSP.

CARNEIRO, Edison. 1937 [1991]. Negros bantos: Notas de etnografia religiosa e de folclore. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CARNEIRO, Edison. 1948 [1978]. Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CARNEIRO, Edison. 1963 [1991]. Religiões negras: Notas de etnografia religiosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CUNHA, Olívia M. G. da. 2020. O Caribe e o Outro: etnografias da relação. Rio de Janeiro: UFRJ.

DANTAS, Beatriz Gois. 1989. Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal.

ELBEIN DOS SANTOS, Juana. 1977. Os nagô e a morte. Petrópolis: Vozes.

ESPÍRITO SANTO, Diana. 2014. "Plasticidade e pessoalidade no espiritismo crioulo cubano", *Mana* 20(1): 63-93.

GOLDMAN, Marcio. 2005. "Formas do saber e modos do ser: observações sobre multiplicidade e ontologia no candomblé", *Religião e sociedade* 25 (2): 102-120.

HURBON, Laënnec. 1972 [1988]. O Deus da resistência negra: o vodu haitiano. São Paulo: Paulinas.

HURSTON, Zora Neale. 1938 [s/d] Tell my horse: Voodoo and life in Haiti and Jamaica.

JOHNSON, Paul Christopher. 2011. "Uma genealogia atlântica da 'possessão de espíritos'", *Comparative Studies in Society and History*, 53 (2): 393-425.

LANDES, Ruth. 1947 [2002]. A cidade das mulheres. Rio de Janeiro: UFRJ.

LUCINDA, Maria da Consolação. 2016. Territórios religiosos: conexões entre passado e presente. Curitiba: Appris.

MATORY, J. Lorand. 2005. Black Atlantic religion: tradition, transnationalism, and matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé. Princeton: Princeton University Press.

NINA RODRIGUES, Raimundo. 1896-7 [2006]. O animismo fetichista dos negros bahianos. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / UFRJ.

NUNES PEREIRA, Manuel. 1947 [1979]. A Casa das Minas: Culto dos voduns Jeje no Maranhão. Petrópolis: Vozes.

ORTIZ, Fernando. 1906 [1917]. Hampa afro-cubana: Los negros brujos. Madrid: Editorial America.

PIERSON, Donald. 1942. O candomblé da Bahia. Curitiba: Editora Guaíra Limitada.

PRICE-MARS, Jean. 1928 [1954]. Ainsi parla l'Oncle: Essais d'ethographie. New York: Parapsychology Foundation.

QUERINO, Manuel. 1938 [1988]. Costumes africanos no Brasil. Recife: Fundação João Nabuco.

RAMOS, Arthur. 1934 [1940]. O negro brasileiro: Etnografia religiosa e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

RIBEIRO, René. 1952. Cultos afro-brasileiros do Recife: Um estudo de ajustamento social. Número especial do Boletim do Instituto Joaquim Nabuco, Recife.

SEGATO, Rita Laura. 1995. Santos e daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal. Brasília: UnB.

SERRA, Ordep. 1995. Águas do rei. Petrópolis: Vozes.

VERGER, Pierre. 1951 [1999]. Notas sobre o culto aos orixás e voduns. São Paulo: EdUSP.

DAA XXX – Tópicos em Antropologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Disciplina de conteúdo variável

Syllabus (Topics in Anthropology)

Course of variable content.

Bibliografia Obrigatória:

Bibliografia variável

DAA XXX – Tópicos em Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Disciplina de conteúdo variável

Syllabus (Topics in Archaeology)

Course of variable content.

Bibliografia Obrigatória:

Bibliografia variável

DAA XXX – Tópicos em Extensão

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa

Disciplina de conteúdo variável, envolvendo formação em extensão.

Syllabus (Topics in Extensionism)

Course of variable content, involving extension training.

Bibliografia Obrigatória:

Bibliografia variável

LET 223 – Fundamentos de libras

Carga Horária: 60 h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: FALE – Disciplinas Interdepartamentais

Ementa:

Aspectos históricos e conceituais da cultura surda e filosofia do bilinguismo. Fundamentos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Aquisição e desenvolvimento de habilidades básicas expressivas e receptivas em LIBRAS.

Syllabus (Fundamentals of Brazilian Sign Language-LIBRAS)

Historical and conceptual aspects of deaf culture and philosophy of bilingualism. Linguistic fundamentals of the Brazilian Sign Language (LIBRAS). Acquisition and development of basic expressive and receptive skills in LIBRAS.

Bibliografia básica:

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. (editores). 2008. Dicionário enciclopédico trilingue da língua de sinais brasileira. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

GOLDFELD, M. 2002. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Plexus, 172 p.

QUADROS, Ronice Muller de & KARNOPP, Lodenir. 2004. Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos. Porto Alegre: Artmed.

SKLIAR, Carlos. 1999. Atualidade da educação bilíngüe para surdo – projetos pedagógicos. Porto Alegre: Mediação.

Bibliografia complementar:

BRITO, Lucinda Ferreira. 1993. Integração Social e Educação de Surdos. Rio de Janeiro: Babel.

BRITO, Lucinda Ferreira. 1995. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

QUADROS, R.M. 1997. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas.

SACKS, O. 1990. Vendo vozes: uma jornada no mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago.

SKLIAR, Carlos (org.). 1998. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação.

DAA XXX – Atividade Acadêmica à Distância

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Participação em Curso ou evento realizado à distância, com tema relacionado à formação em Antropologia e/ou Arqueologia, ofertada por Instituição de Ensino Superior (IES) reconhecida

Syllabus (Academic Activity at Distance)

Learning course or event carried out at distance, with a theme related to training in Anthropology and/or Archaeology, offered by a recognized Higher Education Institution (HEI).

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Corpo Editorial

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Organização/participação em corpo editorial de periódico científico.

Syllabus (Editorial Board)

Organization/participation in the editorial board of a scientific journal.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Estudo dirigido

Carga Horária: 15h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Estudo dirigido ou grupo de estudo, com apresentação prévia ao Colegiado de um Programa de Atividades.

Syllabus (Directed Study)

Directed study or study group, with prior presentation to the Collegiate of an Activities Program.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Participação em Eventos locais ou regionais

Carga Horária: 15h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em eventos locais ou regionais, com apresentação de comunicação oral ou pôster.

Syllabus (Participation in Local Events)

Participation in local events with presentation of oral communication or poster.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Organização de Eventos locais ou regionais

Carga Horária: 15h

Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação na organização de eventos locais ou regionais voltados à comunidade externa.

Syllabus (Organization of Local Events)

Participation in the organization of local or regional events open to the general public.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Participação em Eventos nacionais ou internacionais

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em eventos nacionais ou internacionais, com apresentação de comunicação oral ou pôster.

Syllabus (Participation in National Events)

Participation in national events, with presentation of oral communication or poster.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Organização de Eventos nacionais ou internacionais

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação na organização de eventos nacionais ou internacionais voltados à comunidade externa.

Syllabus (Organization of National Events)

Participation in the organization of national or international events open to the general public.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Iniciação à Docência

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em Programas de Iniciação à Docência.

Syllabus (Teaching Initiation Programs)

Participation in Teaching Initiation Programs.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Iniciação à Extensão

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em Projetos de Iniciação à Extensão.

Syllabus (Extensionist Initiation Program)

Participation in Extensionist Initiation Programs.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Iniciação à Pesquisa

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em Projetos de Iniciação à Pesquisa.

Syllabus (Research Initiation Programs)

Participation in Research Initiation Programs.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Órgão Colegiado

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Participação em órgãos colegiados da universidade.

Syllabus (Collegiate Bodies)

Participation in collegiate bodies at the university.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Protagonismo Social

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Atividades de extensão em organizações da sociedade civil, juridicamente constituída e voltada para a atuação em áreas afins à Arqueologia e/ou à Antropologia (direitos coletivos e difusos, patrimônio histórico e cultural, justiça ambiental, e outras).

Syllabus (Social Protagonism)

Extensionist Activities in civil society organizations, legally constituted and focused on activities related to Archeology and/or Anthropology (collective and diffuse rights, historical and cultural heritage, environmental justice, and others).

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Publicação de artigo

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Publicação de artigo original, sobre tema relacionado à formação em Antropologia e/ou Arqueologia, em publicação com registro (ISSN ou ISBN).

Syllabus (Publication of Paper)

Publication of original paper on a topic related to training in Anthropology and/or Archeology, in a registered publication (ISSN or ISBN).

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Publicação de resenha

Carga Horária: 30h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Publicação de resenha sobre tema relacionado à formação em Antropologia e/ou Arqueologia, em publicação com registro (ISSN ou ISBN).

Syllabus (Publication of Review)

Publication of a review on a topic related to training in Anthropology and/or Archeology, in a registered publication (ISSN or ISBN).

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Publicação em anais

Carga Horária: 45h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Publicação de pesquisa original, com tema relacionado à formação em Antropologia e/ou Arqueologia, em Anais de evento científico.

Syllabus (Publication in Annals)

Publication of original research, with a theme related to training in Anthropology and/or Archaeology, in Annals of a scientific event.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Seminário em Antropologia e/ou Arqueologia

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Estrutura Formativa de Tronco Comum em Antropologia e Arqueologia

Seminário sobre temas clássicos ou contemporâneos da Arqueologia ou da Antropologia, sob supervisão de docente do Curso, com apresentação prévia ao Colegiado do Curso de Programa de Atividades.

Syllabus (Seminars on Anthropology and/or Archaeology)

Seminar on classical or contemporary themes of Archeology or Anthropology, under the supervision of the Course's professor, with prior presentation to the Collegiate of the Course's Program of Activities.

Bibliografia básica:

Variável.

DAA XXX – Estágio

Carga Horária: 60h

Natureza: Optativa

Responsável pela ementa: Departamento de Antropologia e Arqueologia

Ementa:

Atividades de estágio curricular, não obrigatório, pertinentes aos campos de atuação da Antropologia e da Arqueologia.

Syllabus (Professional Experience)

Curricular internship activities, not mandatory, relevant to the fields of Anthropology and Archaeology.

Bibliografia básica:

Variável.